

The background of the cover is a low-angle photograph of the Aguçadoura Cable Bridge, showing its two tall, slender pylons and the network of cables supporting the deck. The sky is clear and blue. Overlaid on the image is the word 'AGUÇADOURA' in large, stylized, 3D letters. The letters are colored: 'A' is red, 'G' is yellow, 'U' is green, 'Ç' is blue, 'A' is red, 'D' is yellow, 'O' is green, 'U' is blue, 'R' is red, 'A' is yellow, and 'A' is green. A thick blue curved line follows the path of the letters.

AGUÇADOURA

Revista Portuguesa de Cultura

n.º 7 - Ano letivo 2015/2016

Editado pelo Centro de Língua Portuguesa/Camões em Lublin  
Wydane przez Centrum Języka Portugalskiego/Camões w Lublinie

Diretora do Centro/Dyrektor Centrum  
Professora Doutora Barbara Hlibowicka-Węglarz  
Prof. Dr. Hab. Barbara Hlibowicka-Węglarz

Grafismo/Grafika  
Jorge Branco

Redação/ Redakcja

Agnieszka Szaro  
Aleksandra Deska  
Aleksandra Moroziewicz  
Aleksandra Szczepańska  
Aneta Gmitrowicz  
Anna Drabik  
Beata Zuzel  
Dominika Birunt  
Emila Wróbel  
Gabriela Malik  
Ilona Żelazna  
Joaquim Czalej  
Karina Piecyk  
Karolina Wiśniewska  
Liliana Wajrak  
Lino Matos  
Magdalena Ilczuk  
Małgorzata Tracz  
Marta Kalbarczyk  
Natalia Korycka  
Paulina Kubik  
Paulina Rogoza

Fotografia: Lino Matos

Fotografia da capa: Lino Matos

## Índice

<b>Opowieść/Contos</b>	
- "Perdição" de Sylwia Jabłońska.....	2
- "A verdadeira história de Portugal, palavra de honra!" de Abel Losa Vidal.....	4
<b>Muzyka/Música</b>	
- Entrevista com Weronika Siewierska.....	6
<b>Taniec/Dança:</b>	
- Co skrywa w sobie folklor portugalski? O que esconde o folclore português?.....	8
<b>Podróże/Viagens:</b>	
- Mam mniej oczekiwań i dzięki temu jestem bardziej szczęśliwa! Tenho menos expectativas e por isso eu sou mais feliz!.....	10
- Jak nie zwiedzać Portugalii. Como não visitar Portugal.....	14
- 24 godziny w Lizbonie 24 horas em Lisboa.....	16
<b>Polska/Polónia:</b>	
- Jal polak widzi swojego rodaka? Como o polaco vê o seu compatriota?.....	18
- Stereotyp polaka Polacos estereotipados.....	20
<b>Książki/Livros:</b>	
- Wywiad z Izą Klementowska, autorka książki "Samotność Portugalczyka" Entrevista com Iza Klementowska, autora do livro „Samotność Portugalczyka”.....	22
<b>Historia:/História:</b>	
- Wywiad z byłym więźniem politycznym Entrevista com um antigo preso politico.....	27
<b>Bez Ogródek/Sem papas na língua:</b>	
- Przykazania młodych ludzi XXI wieku Os mandamentos para os jovens do século XXI.....	30
- To nie tak jak myślisz, kochanie! Querido, isto não é o que parece!.....	32
- Portugalia / Polska: Różnice Portugal / Polónia: Diferenças.....	34
<b>IMPREZY CJP/C 2015/2016 / ATIVIDADES DO CLP/C 2015/2016.....</b>	<b>37</b>
<b>Finalistas 2016.....</b>	<b>41</b>



## 1º PRÊMIO EX AEQUO NO CONCURSO LITERÁRIO INTERNACIONAL DO CLP/CAMÕES EM LUBLIN

Era uma menina triste. Tinha mãos feitas de água e coração feito de agulhas. Ninguém conhecia a sua idade, mas era jovem com esta juventude frágil e inocente que precisa de ser protegida. O seu corpo era feito de vidro, a sua pele parecia fina demais, via-se perfeitamente as suas veias e parecia que se olhasses com suficiente atenção, poderias vê-la inteira, ver o seu estômago, o seu coração, sangue a fluir nas suas veias. Quando se movia, tinha medo de que os seus ossos partissem a sua pele como se fosse papel. Se ficavas ao seu lado, calado, calmo, nunca conseguias ouvir a sua respiração, como se não precisasse de oxigénio para funcionar, mas sim conseguias ouvir o latido do seu coração. Lembro-me dela cada dia, vou lembrar-me até ao dia da minha morte, até que o meu corpo se converta num pedaço de carne, devorado pelo tempo, comido pela terra. Os seus olhos eram dois digitalizadores, scanners, olhava para as pessoas como se observasse não a sua cara mas o seu interior. Sentia-se nela a liberdade, a coragem, a inteligência. A verdade. Passar um minuto com ela era como o cheiro dos morangos, como o primeiro orgasmo, como ouvir Pixies pela primeira vez. Era coisa que não se esquecia, lembravas-te daquele minuto durante muito tempo, durante muitas noites passadas ao lado de outras mulheres na procura de um pouco de esquecimento.

Fecho-me na minha casa com uma garrafa de whisky, um Suntory. Ponho a música, Tom Waits. Aqueço a ganza, misturo-a com um pouco de tabaco, preparo um charro. Apago as luzes, fumo lentamente, viro um pouco de whisky no copo. Tenho tempo. Está calor, então tiro a roupa e fico no chão, a olhar pela janela, a ouvir música. Em baixo há uma festa, ouço os jovens a gritarem, no ar sente-se esta patética combinação de álcool barato, batatas fritas, perfumes de Pingo Doce e feromonas. Uma felicidade simples para pessoas simples. Ponho a música ainda mais alto para separar-me daquela vanidade. Existo só para ti, minha linda. Existo para ti.

....

Tinha vinte e cinco anos e terminava os meus estudos da economia. Não era como a maioria daquelas crianças que só começam a estudar para passar mais cinco anos da sua vida de festa, a jogar computador e procurar o sentido da vida em vómitos às cinco de manhã numa casa de banho depois de uma festa nas casas de pessoas desconhecidas. Em vez disso realizei alguns projetos interessantes e fiz estágios nas firmas mais prestigiadas do país. Jogava na bolsa. Praticava natação e esgrima, dançava tango, lia muitos livros, sabia cozinhar bem e dormia sozinho só quando de verdade não me apetecia ter companhia.

Vi-a num bar. Estava fatigado depois de todo o dia de trabalho. Comecei a trabalhar numa empresa, porque foi a forma mais rápida de conseguir salário bastante interessante, pelo menos até que conseguisse o diploma e pudesse trabalhar em alguma coisa mais séria. Atraiu o meu olhar de imediato. Adoro as mulheres e conheço-as todas. As sempre cheias de energia, que falam muito, com muita gesticulação, não param de se mexer, vendem o otimismo em quilogramas. Também são as mais fáceis de conquistar. Depois há mulheres que todos os

dias vestem a mesma roupa, quase não usam maquilhagem e se o fazem, os resultados são trágicos, porque as suas trémulas mãos não estão acostumadas a criar esta falsa identidade pintando a cara. Procuram amor, um pouco de entendimento, querem ter filhos, um trabalho estável. Há também este grupo de mulheres frias, sempre de saltos altos, como a maioria das minhas colegas do trabalho. Vivem fechadas no seu pequeno mundo da empresa, roupa elegante, comida saudável, ginásios e romances.

Ela era diferente. Estava sozinha e não parecia estar a espera de ninguém. Vestia um vestido branco que descobria os seus braços, um pouco queimados pelo sol. Não merece a pena descrevê-la. Aliás, não merecia a pena nem mostrar a sua fotografia, porque a beleza duma mulher não se esconde na sua fisionomia. Esconde-se em pequenos gestos, na maneira em que olha para ti, a atenção que presta quando estás a falar, este olhar concentrado que tem sempre antes de dizer alguma coisa, como se escolhesse cada palavra com muito cuidado e tecesse um vestido deles. Cada conversa com ela foi uma canção, foi uma poesia.

Surpreendeu-me que tirou o tabaco da sua bolsa e começou a fazer um cigarro. Julgaria que não fumou na sua vida. Aproximei-me dela. Pelo que eu saiba, existem dois tipos de homens: os que, quando uma mulher precisa de isqueiro simplesmente dão-lho o e os que lhe acendem o cigarro. Eu sou dos segundos. Olhou para mim surpreendida. A verdade é que existe só uma frase que nunca falha quando tentas fazer uma mulher apaixonar-se por ti.

- Como é que te chamas?

- Jadira- respondeu. Tinha uma voz delicada e forte ao mesmo tempo, parecia trabalhada, como se fosse cantora ou atriz.

- Jadira... Posso sentar-me aqui contigo?

- Depende- o fumo de cigarro incomodava-me, eram Marlboro Vermelhos. Odeio cigarros.

- Depende do quê?

- Antes de te sentares aqui tens de jurar que não vais apaixonar-te por mim.- Sorri, mas a sua cara continuava séria, os seus olhos fixados nos meus olhos, o cigarro acendido nos seus lábios.

- Tento deixar- disse, como se só agora se apercebesse que estava a fumar.

- Não vou apaixonar-me por ti. Juro. Posso sentar-me?

- Podes- sorriu e, por mais patética que pareça esta descrição, foi o sorriso mais belo que já vi.

Acho que sentar-me ali aquele dia foi uma das melhores decisões que tomei na minha vida. Foi o início do meu fim. Cada segundo que passámos juntos foi fascinante. Escapava cada possível definição, cada limite, cada classificação. Resultou que acabou de vir do Catar, ou pelo menos foi isso que me disse. Criou-se numa família camponesa no profundo interior do Brasil, no meio de nada e passou a maior parte da sua infância a trabalhar no campo e a cuidar das crianças mais pequenas na aldeia. Ela própria não tinha irmãos, a sua mãe morreu durante o parto. Quando o seu pai morreu ela tinha quinze anos e saiu do país para poder estudar, mas nunca conseguiu nem sequer terminar a escola secundária. Contudo, não foi isso sobre o que falámos naquele primeiro dia, obviamente. Falámos sobre Rilke, sobre filosofias de Nietzsche e Schopenhauer que ela nalguma maneira inexplicável complementava com o seu próprio razoamento, com as mitologias e contos,

mostrando-me uma imagem mais profunda e mais fascinante do mundo do que qualquer um dos meus amigos universitários fez durante toda a minha vida. Olhar com os seus olhos era ver o mundo completamente diferente. Era como ver o mundo inteiro, todas as coisas ao mesmo tempo. Apaixonei-me por ela no mesmo dia que a conheci, mas fiz questão de evitar que se visse. Eramos amigos. Bons amigos, mais nada.

Começamos a encontrar-nos todos os dias. Sempre ou na minha casa, ou nos parques, em bares, ao lado do rio, dávamos passeios de quilómetros e quilómetros. Nunca percebi bem onde vivia e ela nunca queria dizer-me. Não queria forçar a situação, força-la a dizer-me coisas que preferia guardar para si. Deixei o meu trabalho, por mais absurdo que pareça. Com o dinheiro que poupei podia viver tranquilamente três, quatro meses sem trabalhar, disse a todos que dediquei-me aos estudos. Mas dediquei-me a ela. Em princípio pensei que mentia. Contava-me milhares e milhares de histórias, sobre as suas viagens, sobre como chegou à Índia, como viajou pela Austrália inteira e falava sobre ir à Bolívia como se fosse a cinco minutos daqui, ao pé da minha casa. Amava mitos e contos, para ela substituí os grossos livros sobre impostos e economia europeia pelas mitologias de todo o mundo, contos africanos, o Mahabharata, o Alcorão, a Bíblia. Não era religiosa, mas era completamente apaixonada pelos contos. Costumávamos ficar longas horas deitados no parque a inventar histórias sobre as pessoas que víamos. Lembro-me que durante todo aquele tempo pediu-me só uma coisa. Pediu-me música. Ficávamos às vezes as tardes inteiras deitados na minha cama, a ouvir música. Excitava-se como uma criança quando podia ouvir alguma coisa nova e eu nunca era mais feliz do que naqueles momentos em que via os seus olhos a brilharem, este sorriso inocente nos seus lábios, ilusão quase infantil. Introduzi-a ao mundo de Nina Simone, de Portishead, de Nick Cave, Tom Waits, Beth Hart, Dead Can Dance, Loreena McKennitt. Nunca toquei nela. Nem uma vez. Não porque não queria, mas porque não tinha coragem para fazê-lo. Era como um pássaro, como um gato, podia fugir em cada momento. Não queria que fugisse. Queria que ficasse na minha vida para sempre.

Um dia já não podia aguentar os seus segredos. Morria de curiosidade de saber onde vivia, em que trabalhava, o que fazia quando não estava comigo. Decidi ir atrás dela, para poder, pelo menos, ver onde vivia. Quando nos despedimos, comecei a segui-la, sentindo-me a pior pessoa do mundo, sentindo que com cada passo estava a trair a sua confiança em mim, a destruir tudo o que havia entre nós, por mais frágil que já fosse. Depois de uns vinte minutos apercebi-me aonde ia. O bairro Cloreta. O bairro dos drogados e alcoólicos. O que fazia ela ali? Entrei atrás dela no prédio. No portão estava um homem meio nu, só com calções, olhou para mim sem perceber o que via e fechou os olhos. A baba caiu dos seus lábios sujando o seu peito. Vi-a subir e subi atrás dela. Terceiro andar. Fiquei nas escadas, ouvi a porta fechar-se. Subi. Não sabia o que fazer. Fugir? Falar com ela? Perguntar a outras pessoas se a conheciam? Quem era aquela mulher? Quem era aquela criatura misteriosa, com milhares de histórias, com cheiro a alfazemas e o que fazia aqui, no meio do pior bairro da cidade? Presionei a maçaneta da porta. Nem sequer bati. Estava aberta, entrei lentamente. A sala estava quase vazia. Havia lá só uma mesa, um sofá e uma mala, aberta. Alguém estava deitado no sofá, mas não se apercebeu de que entrei. Um homem, podia ter uns trinta e cinco anos, seguramente estava drogado. Na

mesa havia uns pratos sujos, preservativos, tabaco e haxixe. De repente tudo ficou mais claro. Os dias inteiros sem trabalho nem obrigações, as nódoas no corpo que tentava cobrir com mais roupa, inutilmente. Era uma prostituta. Uma simples prostituta.

– Era uma vez... uma serpente.

Saltei, assustado.

– Jadira... Não devia seguir-te, desculpa...- comecei.

– Uma serpente- Ficou apoiada à parede. Parecia cansada. Resignada- Uma menina encontrou-a no meio da praia. No princípio ficou com medo, mas a serpente abriu a boca e disse, não tenhas medo de mim. Não é a minha verdadeira forma, sou um príncipe vestido na pele de serpente. A menina não confiava nela, mas aproximou-se e viu que os olhos de serpente eram tão profundos e tristes como olhos de qualquer ser humano que pisa a terra. Ficaram amigos e a menina passava dias inteiros na praia, a falar com a serpente. Mas o animal ficava cada vez mais fraco. Como posso ajudar-te, perguntou a menina. Sabes nadar. No fundo da água há uma caixa. Durante um mês, todas as noites tens de mergulhar, apanhar a caixa e vir com ela até à superfície. Depois tens de abri-la para que possa ver a lua, mas sem tu olhares para o que há dentro dela. Depois tens de deixar a caixa exatamente onde a encontraste. Assim todas as noites durante o mês inteiro. Percebeste? Sim, percebi. E a menina começou a fazer o que a serpente lhe tinha pedido. Todas as noites fugia da sua casa, mergulhava, com os olhos fechados abria caixa, mostrava o seu conteúdo à luz da lua e depois colocava-a no mesmo lugar em que a encontrou. Só que não conseguia aguentar a curiosidade e na última noite abriu os olhos para ver o que havia dentro da caixa. Um coração. O coração da serpente. Mal a menina o viu, este começou a converter-se em pó. A menina, desesperada, nadou até à praia e encontrou lá um homem, um príncipe. Era o meu coração o que tinhas entre as tuas mãos. O meu coração que, segundo a profecia tinha de ficar nas mãos da mulher amada à luz da lua durante um mês, antes que pudesse converter-me em homem. Mas podes só sentir o coração, não podes vê-lo. Quem o sente, vive feliz. Quem o trai, mata. E assim o jovem morreu no meio da praia e o seu belo corpo converteu-se em pó.

– Jadira...

– Sai. Sai daqui.

Sai, sem poder olhar para ela, para a sua cara cheia de desgosto. Mas voltei lá no dia seguinte, e seguinte, durante muito tempo. Perguntava sobre ela, procurava-a, mas ninguém sabia nada, ninguém a viu, ninguém a conhecia, desapareceu como se nunca tivesse existido. A minha andorinha, a minha única. A minha serpente que deixou o seu coração em mãos não preparadas para este peso. Ouvi falar dela só uma vez. Recebi um envelope enviado de algum lugar do Chile. Continha um livro, um livro de lendas. Não estava assinado mas sei que foi ela quem o enviou. Nunca mais soube dela, mas estou à espera que reapareça na minha vida algum dia. Às vezes parece-me que é ela, nalgum comboio, no meio da rua, mas é sempre só uma ilusão. Mesmo assim, continuo à tua espera. Continuo a tua espera, minha linda.

Vila Real, dezembro de 2015

## A VERDADEIRA HISTÓRIA DE PORTUGAL, PALAVRA DE HONRA!

1º PRÉMIO EX AEQUO NO CONCURSO LITERÁRIO INTERNACIONAL DO CLP/CAMÕES EM LUBLIN

Às três pessoas que despertaram em mim o interesse pela língua portuguesa, os meus professores no Instituto Camões de Barcelona Pedro Álvares, Alberto Simões e, muito especialmente, Marina Magalhães.



**Sylwia Jabłońska** (Polónia): estudante de mestrado em Filologia Portuguesa na UMCS em Lublin. Participou duas vezes no programa Erasmus, em Lisboa e em Vila Real. Licenciada em Filologia Ibérica. Começou a estudar português quando entrou na universidade e desde então apaixonou-se por esta língua. Em Portugal ama o oceano, fado, marisco, vinho, paisagens de Trás-os-Montes e licor de amêndoa amarga. No seu tempo livre gosta de ler, ouvir música (com um amor especial por Portishead e Nick Cave), dançar tango argentino, tirar fotografias e viajar.

No princípio era a Palavra, e a palavra colocou numa mala vogais, consoantes, acentos agudos, graves e circunflexos, maiúsculas e minúsculas. O certo é que a viagem foi um pouco acidentada. Já desde bem cedo os solavancos obrigaram-lhe a desenvolver a sua capacidade criativa. Um 'L' ficou todo torto e tornou-se o til, um 'i' incrustado nos pés dum 'c', o cê cedi-lhado. Ninguém ficou surpreso, portanto, quando ao chegar ao seu destino, as terras mais ocidentais da Europa, a companhia de transportes decidiu compensá-la -o cliente tem sempre razão- com um pacote especial V.I.P. (acrónimo, como é bem sabido, de Verbos no Infinitivo Pessoal).

As pessoas que ali moravam deram à palavra as boas-vindas de braços abertos e com a boca quase fechada. Começaram a usá-la, sim, mas não como os outros povos do sul da Europa, aos gritos e fazendo grande barulho. Os lusitanos sabiam que além das suas costas a civilização terminava. As profundidades do oceano estavam cheias de monstros marinhos gigantesco e de cartazes anunciando a fronteira com o Fim do Mundo. 'Nem pensar o que aconteceria se essas criaturas enormes acordassem', diziam as pessoas entre sussurros e murmúrios. É por isso que os lusos, nessa altura e ainda hoje, falavam à meia, e até a um quarto de voz.

Na verdade, ninguém nunca disse que os inícios foram fáceis. A passagem do latim para o português submergiu a palavra numa profunda crise de identidade, o que a levou algum tempo depois a desenvolver uma forte tendência autodestrutiva. A palavra lutava contra si mesma. Cultura contra cultura, religião contra religião, homem contra homem, corpo a corpo. Tempos da Reconquista, nos quais os cristãos estavam a combater os muçulmanos que moravam na Península Ibérica.

'Dou-te a minha palavra de honra', disse o futuro rei Dom Pedro I à sua amada, Inês de Castro, 'de que serás rainha'. E, efetivamente, assim foi. 'Dom Pedro é um homem de palavra', declarou o taxidermista real aos frades copistas e aos demais meios de comunicação ali presentes, enquanto dava os toques finais ao cadáver da Inês minutos antes de ser proclamada rainha.

A força da palavra, em todas as suas formas -negociações, tratados, promessas, acordos, mentiras, enganos, epístolas, discussões, convenções, compromissos, ameaças, cartas, escritos, cumprimentos, missivas, pactos- permitiu aos portugueses nos séculos XV e XVI fundar colónias além dos mares e instaurar relações comerciais para adquirirem produtos exóticos e transportarem-nos para a Europa. Bartolomeu Dias, Vasco da Gama ou Pedro Álvares Cabral, entre outros, exportadores da palavra e importadores de açafrão, açúcar, ouro, metais preciosos, tabaco, cacau ou café. Com a força da palavra. E às vezes também, segundo algumas pessoas com a língua afiada -o quão ruim é a inveja!-, com a força das armas.

Fortes abalos sacudiram a terra quando a palavra de Deus

estava a ser proclamada nas igrejas no Dia de Todos-os-Santos de 1755. Vogais e consoantes por terra, sílabas desconexas e verbos mal conjugados. Palavras emudecidas e interjeições ensurdecadoras. Mas depois do sismo, o maremoto e os incêndios, como frequentemente acontece, veio a bonança. Letra sobre letra a antiga cidade medieval tornou-se a Lisboa pombalina.

Sem palavras ficaram os portugueses quando na manhã de 29 de Novembro de 1807 viram zarpar do porto de Lisboa, às pressas, a família real toda, nobres, ministros, bispos, comerciantes, pontapés e empurrões. E sem palavras também ficaram os brasileiros quando por volta das quatro da tarde de 8 de Março de 1808 viram desembarcar no porto do Rio, de passo moroso, um príncipe regente muito gordo, Dom João -papada caída e barriga protuberante-, avesso ao banho, princesas com as cabeças rapadas e infestadas de piolhos e uma corte fatigada e alquebrada pela viagem. O glamour e a haute couture não couberam no porta-bagagem; no fim de contas, a família real tinha levantado âncoras para fugirem dos franceses.

No século XX, a palavra sofreu de uma afonia com paralisia quase total das cordas vocais e da liberdade de expressão, de ensino e de reunião e precisou ser substituída pela censura durante algumas décadas. Nessa altura, até quase todas as vogais do apelido do ditador Salazar foram censuradas e só pôde conservar o 'a'. Por fim, depois de vários tratamentos, gargarejos e balas de menta, a doença desapareceu e a palavra pôde, inclusive, animar o seu time, os Cravos Vermelhos, na decisiva partida que disputou e venceu no Estádio Novo no dia 25 de Abril de 1974 contra o time do Lápis Azul [parágrafo visado e autorizado pela Censura].

E eis aqui a palavra, hoje um bocadinho mais velha do que há um tempo atrás, com vista cansada e pequenos achaques sem importância, sentada num autocarro e lendo um guia de viagem da Irlanda. Também ela, evidentemente, tira férias de tempos a tempos. Quando lê 'Witamy w Polsce' num imenso cartaz à beira da autoestrada, pergunta surpreendida ao rapaz que está ao seu lado e que dá pelo nome de Sebastião Manuel Silva (S.M.S.):

- Bem-vindos à Polónia? Porquê está escrito isso?

- Pq estamos a chegar ao nosso destino :-), responde o rapaz.

- Polónia? Não é Dublin? - A palavra tira do bolso os óculos de leitura, coloca-los, olha de novo o bilhete de autocarro e suspira.

- Próxima paragem: Lublin! -, anuncia o condutor.



**Abel Losa Vidal** (Barcelona, Espanha) : Nasci no mês de abril de 1977 na cidade de Barcelona, ali onde confluem os sons do mar Mediterrâneo, da língua espanhola e da língua catalã. Estudei Direito na universidade e fiz cursos de pós-graduação na área de gestão económica. Trabalho numa entidade bancária, mas embora viva rodeado de números, percentagens e taxas de juros, a minha grande paixão são as letras. Desde muito novo, a tesoura foi a minha aliada: recortava as caixas de bolachas e as dos pequenos eletrodomésticos para eu poder ler e comparar os ingredientes e as instruções escritos em diferentes línguas. A minha estante é uma pequena e modesta Torre de Babel. Estudo línguas estrangeiras no meu tempo livre. Bati à porta do Instituto Camões de Barcelona há dois anos atrás e em junho de 2015 terminei o nível avançado de língua portuguesa. Em setembro fui de férias a Lisboa e aproveitei para fazer ali também um curso de língua.

## ENTREVISTA COM WERONIKA SIEWIERSKA



Weronika Siewierska nasceu em 1988, em Brasília. Começou a sua aprendizagem de piano com a mãe. Estudou também com os professores Luiz Medalha, Alda de Mattos, Jerzy Łukowicz e Andrzej Pikul. Em 2007 iniciou os seus estudos no Departamento de Música da Universidade de Brasília, com as professoras Maria de los Angeles e Beatriz de Freitas Salles. Em 2008 foi aceite na Academia de Música de Cracóvia, na Polónia, na classe de piano do prof. Andrzej Pikul. Em 2013 concluiu o mestrado na classe de piano da professora Milena Kędra na mesma Academia, onde atualmente é doutoranda. No ano 2010, na Polónia, participou no programa 200 concertos no 200º aniversário de Frederico Chopin. Participou em aulas com os professores Andrzej Jasiński, Lee Kum-Sing, Sergei Dukachev, Pascal Devoyon, Edith Murano, Roberto Russo, Jerzy Sterczyński, no Brasil, na Holanda, na Polónia e na Itália. Obteve o 3º lugar no Concurso Internacional de Piano Chopin Roma 2011, em Roma. Nos seus recitais em Varsóvia, Cracóvia, Roma, Apeldoorn, Loro Ciufenna e Brasília interpretou peças de M. Ravel, A. Scriabin, F. Chopin, K. Szymanowski e H. Villa-Lobos, entre outros.



**No início gostaria de a felicitar pelo espetáculo maravilhoso (1). Depois de terminar o concerto todos os espectadores saíam da sala muito impressionados. Então mais uma vez muito obrigada pela noite cheia de boas sensações. Agora dar a conhecer aos nossos leitores o seu perfil fazendo algumas perguntas. Quando descobriu o seu amor pela música?**

Acho que a descoberta do amor pela música chega com o tempo. Penso que esta fase sucedeu durante a etapa inicial do meu encontro com a música de piano. A minha mãe foi uma pianista ativa e com muita frequência tocava em casa então para mim este contato com a música teve lugar quando era criança. Sim seguramente apaixonei-me quando era pequena.

Também na minha vida tive alguns momentos importantes como por exemplo: a participação em concursos quando tinha 11 anos. Uma vez ouvi um rapaz que tocava a Balada g-minor do Chopin e este acontecimento impressionou-me muito.

**Lembra-se quantos anos tinha quando se sentou em frente do piano pela primeira vez e qual foi a primeira composição que tocou?**

A minha aventura com o piano começou quando era pequena. Lembro-me que durante a minha primeira apresentação numa escola toquei um minueto mas não me lembro de que compositor. Lembro-me que estava muito emocionada e que a reação da audiência surpreendeu-me muito. Todos eram muito simpáticos e amistosos. Naquele momento não estava ainda consciente do que realmente significa tocar mas tudo isto foi para mim uma experiência muito agradável.

**Primeiro como aluna, depois como estudante e agora como doutoranda quantas horas por dia dedica a tocar o piano, para aperfeiçoar o seu talento?**

Tenho uma regra, quando tenho por exemplo cinco horas para praticar faço pausas. Isto não são cinco horas a tocar constantemente. Este procedimento é necessário para melhorar a concentração, não se pode esforçar demasiado. Para o músico é muito importante cuidar da sua ferramenta de trabalho- cuidar das suas mãos. Muitas vezes nos esquecemos que temos limites. Estas cinco horas são para mim o mínimo para que possa terminar o dia com a consciência que fiz o meu trabalho. Acho que isto também é uma questão de concentração porque há pessoas que são capazes de passar estas cinco horas em frente do piano sem nenhuma pausa e depois ter livre o resto do dia. Eu prefiro dividir o trabalho para todo o dia e dedicar-me só a tocar, pensar em isto, viver a experiência. Quando me preparo para um concerto, a melhor situação para mim é quando uns dias antes não tenho nada mais para fazer e posso passar apenas o dia inteiro a praticar.

**A Weronika nasceu e cresceu no Brasil. Quando e onde surgiu a ideia de continuar os estudos na Polónia?**

Na verdade esta ideia apareceu na minha cabeça inesperadamente. Cheguei a Varsóvia para um recital no final do ano. Toquei no Museu da Literatura e naquele tempo já estudava no Brasil, e não pensava absolutamente nessa questão. Decidi encontrar-me com o professor Pikul porque o conheci quando era pequena. É verdade que não tive contato com ele durante dez anos mas lembro-me que queria muito tocar para ele o programa que tinha de executar durante o concerto. Quando toquei tudo, de repente, ele perguntou-me que planos tinha para o futuro, se tinha pensado em continuar os estudos na Polónia? Eu pensei...porque não? Claro que a pergunta referia-se ao futuro distante mas eu tomei a decisão durante uns meses. Cheguei, toquei, passei o exame e fiquei na Polónia. Tudo isto não foi planeado, pelo menos não da minha parte. Não sei se alguém planeou isto por mim mas seguramente eu não esperava que tudo terminasse assim, mas felizmente para mim acabou assim. Acho que a vinda para Polónia teve muitas boas consequências para mim porque isto abriu-me os olhos e a mente, esclareceu-me como pode ser o mundo da música. Isto foi o início das minhas descobertas.

**Prefere atuar a solo ou em dueto?**

Gosto muito de atuar a solo mas talvez porque não tenho muita experiência como instrumentista de câmara. Uma vez tive oportunidade de tocar com um quarteto e então provavelmente pensei pela primeira vez que tudo isto depende não da

(1) No âmbito do Congresso Internacional Língua Portuguesa - Unidade na diversidade, organizado pelo Departamento de Estudos Portugueses do Instituto de Filologia Românica da UMCS e o Centro de Língua Portuguesa/Camões, Weronika Siewierska deu no Tribunal da Coroa em Lublin um concerto. Do programa fizeram parte peças de Vianna da Motta, António Fragoso, Villa-Lobos e Chopin.



experiência mas dos músicos com os quais se trabalha. Isto é um pouco como o diálogo. Há pessoas com as quais o diálogo é fácil para nós, da mesma forma, há músicos com os quais é fácil tocar. Agora tenho nos planos um dueto. Isto é algo a que gostaria de dedicar o meu tempo porque acho que é uma coisa estupenda quando se encontram dois pianos. Também há muitas composições interessantes para este tipo da música.

**Tem um compositor favorito cujas obras toca com vontade e entusiasmo especial?**

Sim, tenho. Desde alguns anos estou apaixonada pela música de Ravel. Acho que Ravel será o compositor cuja música sempre estará presente no meu repertório. Ravel foi e ainda é para mim uma grande descoberta. Naturalmente que se pode apreciar verdadeiramente a música de um compositor e não sentir-se bem tocando as suas obras. Respeito Ravel e sinto-me muito bem na sua música, além disso, acho que a sua música formou-me como músico e não faço a referência só ao facto de que a sua música dá-me a oportunidade para expressar-me mas também me refiro à possibilidade de aprender algo novo. Tocar as suas obras dá-me muita alegria.

**Sendo uma música com grande experiência às vezes tem a impressão de que em algumas situações a música reflete certas emoções melhor do que as palavras, que expressa o que não se pode expressar com as palavras?**

Recentemente pensei sobre isso e não sei se a música reflete melhor os sentimentos. Com certeza isto é um modo diferente através do qual se pode expressar certos estados do espírito. Podemos dizer que as palavras descrevem os sentimentos, emoções ou estados de ânimo mas a música pode levar até este estado. Não sei porque é assim mas a música é universal, sem dúvida alguns dos seus elementos são universais mas o que é também muito importante é que há que aprender a ser sensível para a música. Alguns elementos são tão lógicos que acaba por se tornar uma ciência. Acho que através da música se pode expressar muito e isto seguramente é um elogio, um suplemento à comunicação que serve à aproximação.

**O que aprecia mais na Polónia e nos polacos?**

Tenho de dizer que é muito interessante ter apreciado a língua apenas depois da minha chegada. Naturalmente conhecia o polaco antes mas não tive oportunidade de falar com os nativos. Notei que o polaco tem um grande leque de possibilidades que anteriormente não via. No início a minha atitude era até hostil não podia entender como é que o polaco é tão restritivo. No princípio a minha percepção da língua polaca foi assim. Depois aprendi que esta língua simplesmente é muito exata, é como uma paleta de cores onde há por exemplo o vermelho de diferentes tipos: claros e escuros. Cada tom tem outro nome. Naturalmente não sou especialista no campo da língua, lembro-me que fiquei encantada vendo como as pessoas a utilizam. Acho que também tive sorte e encontrei no meu caminho as pessoas que me mostraram de uma maneira interessante como funciona esta língua. No que diz respeito aos polacos certamente aprecio a amabilidade. Sempre encontrei as pessoas amigáveis e para mim esta amabilidade tornou-se num quadro do típico polaco. A qualidade característica dos polacos é que eles ouvem sempre o que outro tem para dizer, que estão atentos às necessidades dos outros. Às vezes até estranhos foram capazes de demonstrar através dos seus atos a sua bondade e a sua vontade de ajudar. Para mim isto foi muito agradável. Agora realmente aprecio esta abertura, sin-

ceridade e capacidade de ouvir o outro. Quando podem ajudar seguramente o farão, pelo menos da minha experiência.

**Quais são os seus planos para o futuro? Pensou em participar na Competição Internacional de Piano Frédéric Chopin como representante da Polónia?**

Pensei nisso mas implica o sacrifício muito grande em que eu não podia comprometer-me naquele momento porque tinha outros planos. Agora não poderia participar nesta competição porque há um limite da idade. Quanto aos planos para o futuro quero participar em competições porque acho que descuidei um pouco esta parte da minha vida. Quero tomar parte nestas competições não porque acho que são muito importantes mas porque que esta participação pode dar-me muito como instrumentista. Sempre coloquei os concursos no segundo plano para não me preocupar se sou melhor ou pior do que os outros. Agora penso que estou numa etapa na qual gostaria de sentir que há concorrência, gostaria de sentir e atuar nos lugares onde há este tipo da pressão. O plano para o futuro mais próximo é com certeza terminar o meu doutorado.

**Ontem, ouvindo e observando atentamente a sua apresentação ocorreu-me a seguinte pergunta: o músico não é parecido com o ator? Porque um bom ator é capaz de refletir as emoções não só mediante as expressões faciais mas usando todo o corpo. O bom músico também expressa as emoções escritas nas notas não só através dos sons extraídos do instrumento ou tocando piano ou forte em certos momentos, mas também expressa as emoções utilizando as expressões faciais ou a gesticulação. É assim ou isto é só a minha impressão pessoal?**

Certamente é assim e até acho que se deveria esclarecer mais esta questão aos músicos.

**Quando se observa o músico, pelo menos do meu ponto de vista, sei que é mais fácil sentir as emoções, é mais fácil interpretar a obra vendo as emoções descritas na cara da pessoa que atua.**

Sim, isto também é verdade que quando público vem ao concerto também quer experimentar um prazer visual. Fazendo parte da audiência ouve-se não só a música mas também se podem ver os gestos e a expressão do rosto do músico. Naturalmente há que aprender controlá-lo. Existem diferentes tipos de músicos. Uns não expressem nada outros expressem demasiado. Acho que cada músico deve aprender a não expressar demasiado com o seu corpo. Estamos no palco para tocar e expressar as emoções mediante os sons e a música mas a própria presença do músico no palco, o seu comportamento deveria, em certa maneira, afetar o que transmitimos. A própria entrada no palco nos torna parecidos aos atores. Somos, num certo sentido, os intérpretes. Tudo isto deve estar em nós e quando já o temos somos capazes de compreender e transmitir-lo.

**Para finalizar, uma pergunta de mulher para mulher. A música tem as suas regras. Um músico tem de ter sempre as unhas asseadas e curtas. Às vezes não lamenta que não pode ter as unhas compridas e pintadas? Lembro-me da minha própria experiência dos tempos da escola de música que sempre invejava as minhas amigas quando tinham as unhas pintadas e compridas.**

Acho que isto depende das preferências pessoais. Eu lamento sempre durante o verão que não posso pintar as

## Música

unhas, por exemplo de rosa mas aproveito o facto que nos pés também tenho unhas. Naturalmente isto não é o mesmo mas quando se toca as cores nas unhas provocam distração, então é melhor não ter as unhas pintadas. Podemos dizer que para mim isto não é um sacrifício muito grande. Com certeza depois de um dia inteiro a praticar posso ver que não têm a melhor aparência porque quando toco não presto muita atenção às minhas unhas. Nestas situações digo sempre que isto é um dos charmes de ser pianista, que nalgum sítio há que ser visto o efeito do duro trabalho que eu fiz.

Muito obrigada pela entrevista e pelo seu tempo.

Muito obrigada. Isto foi um prazer para mim.



**Liliana Wajrak** (1º ano de mestrado em Espanhol) Nasce em Biłgoraj, onde frequentei a escola primária e o liceu. Quando tinha oito anos entrei para uma escola de música. No princípio frequentei as aulas de violino e depois as aulas de violoncelo. As línguas são o meu segundo amor por isso decidi estudar filologia ibérica. Não sei o que vou fazer no futuro mas quero juntar os meus dois amores: a música e as línguas.

## Dança

### CO SKRYWA W SOBIE FOLKLOR PORTUGALSKI?



As Lavradeiras de Arcozelo - Santa Maria Adelaide jest to portugalski zespół ludowy pochodzący z "Terras da Feira" lub "Santa Maria". Są z miejscowości Arcozelo, która znajduje się na wybrzeżu, w południowo-wschodniej części Vila Nova de Gaia, koło Porto, w regionie Douro Litoral. Zajmuje 8.5 Km2 powierzchni ( jest jedną z większych miejscowości w Vila Nova de Gaia) i jej liczba ludności wynosi prawie 15000 mieszkańców i mieści się 12 km od Porto Wykreślić ten fragment!). Santa Maria Adelaide jest patronką "As Lavadeiras de Arcozelo". Była również źródłem inspiracji dla nazwy zespołu. As Lavadeiras kultywują tradycję która polega na tym, że, każdego roku, przed wyjazdem na swój pierwszy krajowy występ składają jej bukiet kwiatów, które mają być formą okazania szczerego hołdu i podziękowania oraz prośby, aby zawsze stała przy ich boku. Zespół jest portugalskim pionierem, jeśli chodzi o występy na światowych festiwalach folklorystycznych. Miał okazję do zaprezentowania się już w 21 krajach, uczestnicząc w najważniejszych międzynarodowych konkursach folklorystycznych. Celem zespołu jest zachowanie i propagowanie żywej i bogatej kultury portugalskiej oraz tradycji ludowej. Ich stroje są bogactwem kolorów i form a każda z nich odgrywa inną rolę - są to na przykład stroje odświętne, stroje do pracy, przedstawiające bogaczy czy biedaków. Najważniejszymi wydarzeniami w historii grupy były bez wątpienia 3 oficjalne audycje u jego świętobliwości Jana Pawła II w Watykanie ( w 1987, 1991 i w 1996). Dzięki wartościom artystycznym grupa miała również zaszczyt być wybrana przez Ministerstwo Kultury do udziału w zamknięciu Expo'98 - światowej wystawy zorganizowanej w Lizbonie. Zespół odwiedził trzy razy również Polskę: w 2004 roku w Zakopanem i w Szczyrku oraz w 2010 roku w Tomaszowie Lubelskim.

**Wywiad z tancerzami z grupy: „ As Lavradeiras de Arcozelo- Santa Maria Adelaide”**

**Tiago, od kiedy tańczysz?**

**Tiago:** Tańczę od dziecka, moja mama była śpiewaczką i tancerką zatem tańczyłem już w jej brzuchu.

**Co oznacza dla Was taniec?**

**Tiago:** Dla mnie taniec oznacza pasję i miłość, dzięki której się tworzy, a także nawiązywanie przyjaźni.

**Daniela:** Taniec jest sposobem poprzez który możemy

## O QUE ESCONDE O FOLCLORE PORTUGUÊS?



As Lavradeiras de Arcozelo - Santa Maria Adelaide é um grupo internacional português que provem das Terras da Feira ou Santa Maria. São da Vila de Arcozelo que está localizada no litoral, na parte sudoeste do Concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto e província do Douro Litoral. A Santa Maria Adelaide é a Madrinha e a padroeira de "As Lavradeiras de Arcozelo". Foi também a fonte de inspiração, para a génese do nome do grupo. "As Lavradeiras" têm por tradição em cada ano, antes de partirem para a sua primeira atuação nacional, entregar-lhe um ramo de flores, como forma de prestar uma sentida homenagem e agradecimento e para que ela esteja sempre ao seu lado. Este grupo é o pioneiro em Portugal, na realização de Festivais Mundiais de Folclore. Trata-se de um dos mais internacionais grupos portugueses pois já se fez representar em 21 países. O objetivo do grupo é preservar e promover a viva e rica cultura e folclore português. Os seus trajes são a riqueza da diversidade de cores e formas e cada um desempenha um papel diferente - por exemplo há trajes de domingo, de trabalho, dos ricos ou dos pobres. Momentos de Glória, foram sem dúvida as três audiências no Vaticano com Sua Santidade, o Papa João Paulo II (em 1987, 1991 e em 1996). Foi este grupo honrosamente selecionado, pelo Ministério da Cultura, para integrar as cerimónias de encerramento da Expo 98. O grupo visitou três vezes a Polónia: em 2004 esteve Zakopane, em 2004 em Szczyrk e em 2010 em Tomaszów Lubelski.

**Entrevista com dois elementos do Rancho Folclórico „As Lavradeiras de Arcozelo- Santa Maria Adelaide”**

**Tiago, desde quando danças?**

**Tiago:** Eu danço desde bebé. A minha mãe era cantora e dançarina e eu já dançava na barriga dela.

**O que significa dança para vós?**

**Tiago:** Para mim a dança significa paixão, amor pelo que se faz e novas amizades.

**Daniela:** A dança é uma maneira de nos afastarmos um pouco dos problemas e de todos os pensamentos negativos, dançar transmite uma sensação de paz e liberdade e dá-nos a oportunidade de conhecer outras culturas, novos sítios e pessoas fantásticas.

**Porquê dança folclórica? Tiago não pensaste em outros tipos de dança?**

**Tiago:** Dança folclórica porque aprendi desde pequenino e adoro o que faço e para ser muito franco não gosto muito de outro tipo de danças a não ser que seja kizomba\*.

\*Kizomba é um género musical e um estilo de dança originários de Angola.

zapomnieć o naszych wszystkich problemach i negatywnych myślach. Wyzwała poczucie spokoju i wolności, poprzez taniec w zespole mamy również możliwość poznać inne kultury, nowe miejsca i cudownych ludzi. Taniec dla mnie jest czymś co może mnie rozweselić, a także służy jako forma ćwiczeń fizycznych.

**Dlaczego taniec ludowy? Nie myślałeś nigdy o innym typie tańca?**

**Tiago:** Taniec ludowy, ponieważ uczyć się go od małego i pokochałem to, co robię i aby być wolnym. Nie lubię innych typów tańca, chyba że kizombę.

**Jakie są cechy charakterystyczne tańca ludowego w Portugalii?**

**Daniela:** Taniec ludowy jest już bardzo zakorzenioną tradycją w naszym kraju. Już nasi przodkowie zajmowali się nim w chwilach odpoczynku, zarówno ludzie z mniejszych wsi jak i bogacze... Biorąc wszystko pod uwagę, tym, co może nas zjednoczyć i złączyć w jedno jest właśnie taniec.

**Tańce ludowe są popularne w Portugalii? Czy ludzie już o nich zapominają?**

**Tiago:** Tańce ludowe są bardzo popularne w Portugalii. Za jeden z najlepszych ludowych zespołów w Portugalii postrzega się zespół pochodzący z Viana do Castelo. Jego przepiękne stroje które są obszyte złotem

**Jak młodzi postrzegają tańce ludowe?**

**Tiago:** Według młodych zespoły folklorystyczne są dla starszych, nie dla ludzi w ich wieku. Nigdy nie spróbowali, i dlatego są dla nich rzeczą bardzo zabawną.

**Mogłabyś opisać stroje ludowe Twojej grupy?**

**Daniela:** Mamy dużą różnorodność strojów: stroje ludzi pracujących, bogatych (chłopów lub szlachty) i także stroje na niedzielę (na mszę).

**Ty i Twoja grupa odwiedziliście Polskę 3 razy. Jak Ty i inni członkowie grupy wspominacie te podróże?**

**Daniela:** Wizyta w Polsce była doświadczeniem, którego nigdy nie zapomnę. Od samego początku byłam przyjmowana przez wszystkich z ogromną serdecznością. Każdy miał mnóstwo czasu, aby pomóc nam, czegokolwiek byśmy nie potrzebowali. W żadnym miejscu nie czułam się tak dobrze ugoszczona, jak tutaj w Polsce. I to są właśnie fakty, które wspominam za każdym razem, kiedy mówię o moich pobytach tutaj.

**Czy podczas Twojego pobytu w Polsce, coś szczególnie Cię zaskoczyło?**

**Tiago:** Moim pierwszym pytaniem, jakie zadałem sobie w Polsce było "Czy tutaj nie ma nic ciekawego?" Jednak, w końcu zauważyłem, że Warszawa jest piękna, są w niej miejsca naprawdę zachwycające i takie, żeby spędzić spokojne wakacje.

**Czy Twoja grupa planuje odwiedzić Polskę ponownie?**

**Tiago:** Jeżeli otrzymamy miłe zaproszenie z państw Europy wschodniej, pojedziemy z pewnością... Z przyjemnością wróciłbym tam, gdzie byliśmy dobrze przyjęci i zawsze dobrze się bawiliśmy podczas naszych pobytów.

**Dominika Birunt i Paulina Rogoza** (II rok Filologia Iberyjska): Nazywają się Dominika i Paulina. Dominika ma 21 lat i pochodzi z Tomaszowa Lubelskiego, a Paulina ma 22 lata i jest z Lublina. Interesują się nauką nowych języków obcych oraz poznawaniem nowych kultur, szczególnie kulturą Portugalii i Brazylii.

## Dança

### Quais são características do folclore português?

**Daniela:** As características do folclore português são que esta já é uma tradição muito antiga do nosso país, os nossos antepassados já o faziam em tempos de lazer tanto as pessoas do campo ou como os ricos...tem tudo a ver com algo que nos consegue unir e tornar-nos num só que é a dança.

### Danças folclóricas são populares em Portugal? Ou as pessoas já as esquecem?

**Tiago:** Sim são muito populares as danças folclóricas em Portugal também se diz e como muita gente vê os melhores ranchos folclóricos em Portugal são os de Viana do Castelo pelos trajes lindíssimos que eles usam e todo o ouro que cobre os seus trajes.

### Como os jovens veem as danças folclóricas?

**Tiago:** Os jovens veem os ranchos folclóricos como coisas para velhos e não para a idade deles mas porque nunca experimentaram e acham que é uma coisa muito engraçada.

### Podias descrever os trajes do teu grupo?

**Daniela :** Temos muita variedade de trajes: Os trajes dos trabalhadores, dos ricos (lavrador rico ou fidalgo) e também para domingo (domingo ou ir à missa).

### O teu grupo esteve na Polónia duas vezes, como tu e outros membros do grupo recordam essas viagens?

**Daniela:** Ter ido à Polónia foi uma experiência que nunca vou esquecer. Desde que aí cheguei senti-me acolhida com muito amor por todos e todos tinham uma disponibilidade enorme para qualquer coisa que precisássemos...nunca me senti tão bem acolhida como na Polónia e isso são as coisas que menciono sempre que falo da minha experiência aí.

### Durante a tua visita à Polónia algo te surpreendeu especialmente?

**Tiago:** A primeira pergunta que fiz quando cheguei à Polónia foi " Isto não tem nada de jeito?" Mas afinal constatei que Varsóvia é linda, tem sítios encantadores tudo é muito bonito e bom para passar umas férias.

### O teu grupo planeia visitar a Polónia outra vez?

**Tiago:** Se houver um bom convite da parte dos países de leste iremos com certeza. Eu adoraria voltar aí onde fomos bem recebidos e divertimo-nos muito bem durante a nossa estadia.



**Dominika Birunt e Paulina Rogoza** (2º ano de Filologia Ibérica): Somos a Dominika e a Paulina. Estudamos filologia ibérica na Universidade Maria Curie-Skłodowska. A Dominika tem 21 anos e é de Tomaszów Lubelski e a Paulina tem 22 e é de Lublin. Somos interessadas em aprender línguas novas e conhecer outras culturas, especialmente cultura de Portugal e de Brasil.

## Viagens

### MAM MNIEJ OCZEKIWAŃ I DZIĘKI TEMU JESTEM BARDZIEJ SZCZĘŚLIWA!



Czy nigdy nie marzyłeś, żeby rzucić wszystko i pracować przebywając w dowolnym miejscu na świecie? Mówisz – niemożliwe. A ja mówię – znam kogoś takiego! Mowa o Aleksandrze Bogusławskiej autorce bloga [www.duze-podroze.pl](http://www.duze-podroze.pl), która od ponad roku jest stale w podróży, odwiedziła już 7 krajów i jak sama mówi nie zamierza na tym zakończyć! Trzy słowa o niej? Blogerka, pisarka i fotografka! Na blogu znajdziesz teksty o miejscach, w których Ola była, praktyczne informacje dla turystów o ciekawych zabytkach, jedzeniu, zakwaterowaniu. Dowiesz się nawet ile kosztuje weekend w Porto! Przeczytaj choć jeden post na jej blogu, a ciągle będziesz tam wracał. A propos domu – Ola pochodzi z Krakowa. Jej całkiem nowe życie zaczęło się w Lizbonie. Na razie do Polski jej nie po drodze, więc rozmawiamy przez skype – ja z Lublina, Ola z Florencji.

### Gabriela: Kiedy zaczęłaś pisać bloga? Rok temu, po wyjeździe z Polski?

**Ola Bogusławska:** Nie, zaczęłam go pisać około sześć lat temu relacjonując krótkie wakacyjne podróże. Najpierw jeździłam autostopem. Pamiętam moją pierwszą podróż – Luxemburg-Paryż-Amsterdam. Ponad rok temu udało nam się załatwić pracę na odległość i wyjechaliśmy do Lizbony.

### G: Ten tajemniczy kraj to dobry początek podróży? Motywuje czy zniechęca do podróżowania?

**O:** Spędziłam tam 5 miesięcy, było (i nadal jest) cudownie. Jest wyjątkowo wiele rzeczy, za którymi tęsknię. Najbardziej mnie urzekła przyroda - różnorodność natury jest tam niewyobrażalna. Cały czas coś pięknie pachnie. Chciałam dotykać i wąchać każdy spotkany kwiat. Dodatkowo ocean i plaże – cudowna egzotyka, która wcale nie jest tak daleko. I spokojne, na luzie życie, które na początku może denerwować, ale potem jest coraz lepiej.

### G: Portugalczycy wiedzą coś o Polakach i o naszej kulturze?

**O:** Niektórzy pytają z ciekawością czy naprawdę żyją tam niedźwiedzie polarne, bo słyszeli, że w Polsce jest bardzo zimno. Dużo naszych rodaków przyjeżdża tam na wakacje i wiem, że są ciepło przyjmowani. Mogę się nawet pokusić o stwierdzenie, że obie narodowości mają ze sobą dużo wspólnego. Chodzi mi głównie o tęsknotę za czymś lub za kimś, za tym jak było kiedyś – Lizbonie dało się we znaki trzęsienie ziemi, a Polsce wojna.

### G: A jakie jest twoje pierwsze skojarzenie z saudade?

**O:** Po prostu Portugalia. Ale też moje własne myśli i wspo-

mnienia. Przyjemne spacery, wino. Przypomina mi się od razu centrum Lizbony – niektóre budynki są opuszczone, zrujnowane. Wydaje mi się, że muzyka Fado to też definicja słowa saudade. Ile emocji może się ukryć w 3 czy 4 minutach utworu!

**G: W Portugalii każdy jest oddanym zwolennikiem Fado?**

**O:** Oczywiście, że nie! Ten gatunek muzyki jest wyjątkowy dla tego kraju, ale na plażach króluje brazylijskie disco!

**G: Jeśli mówisz o plaży – to właśnie w Portugalii widziałas najpiękniejszy zachód Słońca?**

**O:** Zdecydowanie tak. Kiedy byłam pierwszy raz w Porto, w listopadzie, zachód słońca zapierał dech w piersiach. Kolory były precudowne - różowy, fioletowy, pomarańczowy. Widok był bardzo egzotyczny! Codziennie robiłam zdjęcia, a najlepsze jest to, że żadne z nich nie wymagało obróbki. Zero filtrów, poprawek. piękno w najczystszej postaci.

**G: Czyli do szczęścia wystarczy być w Porto, patrzeć na zachodzące słońce i pić wino?**

**O:** Pewnie tak, chociaż może jeszcze coś do jedzenia?

**G: No właśnie! Jaka jest portugalska kuchnia? Co jedzą Portugalczycy?**

**O:** Uwielbiam owoce morza i nigdzie nie można zjeść lepszych niż właśnie tam! W Portugalii są bardzo świeże, tak samo jak ryby. A te najlepsze... Ach! Na samą myśl jestem głodna! Te najlepsze są z portu Matosinhos. I wszystko co typowe z kuchni śródziemnomorskiej. O dziwo nie posmakował mi ten sławetny Bacalhau! Niektórzy mówią, że przepisów na jego przyrządzenie jest 365 a inni, że nawet 800.

**G: Ale chyba nie powiesz, że słodkości w Portugalii nie przypadły Ci do gustu!**

**O:** Niestety chyba aż za bardzo, bo w Portugalii przytyłam! Pasteis de Nata to moje ulubione ciastko na świecie, tak jak tarta migdałowa. Większość słodczy jest wyrabianych na podstawie starych klasztornych przepisów, na bazie jajka i kremów jajecznych. Dawniej do krochmalenia i wybielania habitów używało się białek. Zakonnicy i zakonnice chcieli wykorzystać jakoś żółtka, więc zaczęli robić kremy na ich bazie. Ta oszczędność się opłaciła!

**G: Gdzie można spróbować najlepszych pasteis de nata?**

**O:** Tylko w Belem! Jest to część Lizbony gdzie znajduje się klasztor Hieronimitów i to stamtąd te przepyszne ciastka rozprzestrzeniły się na cały kraj. Ale generalnie wszędzie są dobre. Warunek jest jeden – muszą być świeże.

**G: Czy dzielnice Lizbony są zróżnicowane? Każda ma swój niepowtarzalny klimat?**

**O:** Myślę, że tak. Na przykład w Alfamie bardzo odczuwa się społeczne więzi. Widać, że mieszkające tam osoby dobrze się znają. Wąskie, średniowieczne uliczki są piękne i tajemnicze. Stamtąd pochodzi św Antoni, który jest patronem Lizbony. W czerwcu jest tam wielka impreza na ulicach, w której miałam okazję uczestniczyć. Istnieje też przesąd, że poszczęści się w przyszłości parze, która weźmie ślub w dniach 12-14 czerwca, więc mnóstwo par staje wtedy na ślubnym kobiercu. Śluby odbywają się hurtowo, co 10 minut! ;)

**G: To twoje ulubione miejsce w Lizbonie?**

**O:** Nie, Belem to zdecydowanie moje ulubione miejsce. Wszystko jest tam ładne. Wydaje mi się również, że właśnie tam znajdują się najciekawsze zabytki – klasztor hieronimi-

tów, wieża Belem.

**G: Na koniec.. dla Ciebie osobiście 5 składników Portugalii to..**

**O:** Natura, styl manueliński, płytki azulejos, świetna pogoda i wino- Porto. Trochę głupio tam pojechać i go nie spróbować ;)

**G: Co było najtrudniejsze w tym roku? Czy brakuje Ci czegoś?**

**O:** Psa. Bardzo chciałabym mieć psa, a to niemożliwe w podróży. A oprócz tego brakuje mi bardzo prostych rzeczy. Fajnie byłoby mieć więcej par butów niż tylko dwie. Mam tylko tyle rzeczy, ile zmieści mi się w jednej walizce. Zazwyczaj kiedy wyruszasz w nieznaną przywozisz stamtąd pamiątki, albo lokalne produkty, a w mojej sytuacji to niemożliwe.

**G: Czego się o sobie dowiedziałas przez ten ostatni rok?**

**O:** Tego, że sobie radzę! Kiedy przychodzą trudne chwile, nie panikuję od razu. Mieliśmy taką sytuację w Wiedniu – ktoś włamał nam się do domu, nasze komputery, aparaty i kilka innych rzeczy zniknęło. Było mi BARDZO przykro, ale stanęliśmy na nogi! Uczę się też, że gdy coś nie pójdzie po mojej myśli, to nie tragedia. Że nie wszystko muszą kontrolować i nie wszystko chcą kontrolować. Mam coraz mniej oczekiwań dzięki czemu jestem bardziej szczęśliwa. Zaczęłam cenić dobre jedzenie, piję wino do obiadu. Otwieram się na nowe możliwości, które wcześniej by mi nie wpadły do głowy, bo się wstydziałam lub bałam.

**G: Myślisz, że warto zachęcać Polaków do podróżowania?**

**O:** Tak, myślę, że to dobre dla każdego człowieka, żeby w pewnym momencie życia wyjechał. Myślę, że jest bardzo ważne zobaczyć jak żyją inni, jak podchodzą do niektórych spraw. Uczysz się tolerancji. Po powrocie możesz inaczej spojrzeć na swoje codzienne życie – porównać z tym czego doświadczyłeś w innym kraju i może coś zmienić. Chcesz obalić stereotypy? Podróżuj!

**G: Co planujecie w najbliższym czasie?**

**O:** Planujemy wyjechać we wrześniu do Honkongu, Korei i do Japonii. Mam nadzieję, że uda nam się też dotrzeć do Australii. Kiedyś na pewno chciałabym mieć MOJE WŁASNE miejsce. Dom, do którego wracam.

**G: Nie pozostaje mi nic innego jak życzyć szerokiej drogi! Dziękuję za inspirującą rozmowę!**



Nunca sonhou em deixar tudo de lado e trabalhar em qualquer lugar do mundo? Responde - é impossível. E eu direi – conheço uma pessoa assim! Estou a falar de Aleksandra Boguslawska a autora do blog [www.duze-podroze.pl](http://www.duze-podroze.pl) que há mais de um ano, viaja e trabalha ao mesmo tempo com o seu marido, já visitou sete países e como diz - não vai parar com isso. Três palavras sobre ela? Escritora, blogger e fotógrafa. No seu blog pode encontrar textos sobre lugares onde ela esteve, informações úteis para turistas sobre monumentos interessantes, sobre a comida, sobre o alojamento. Vai descobrir até quanto custa um fim de semana no Porto! Leia, pelo menos, um artigo no blog e vai sentir o desejo de se estabelecer lá por um longo tempo. Aleksandra é de Cracóvia e a sua nova vida começou em Lisboa. Ainda está longe da sua terra natal por isso falamos no skype. Eu de Lublin, Ola de Florença.

**Gabriela: Quando começaste a escrever um blog? Depois de saíres da Polónia?**

**Ola:** Não, comecei a escrevê-lo mais ou menos há seis anos. Escrevia sobre viagens curtas de férias. Eu sempre estive fascinada pelo mundo graças à minha mãe. Primeiro eu andava à boleia. Lembro-me da minha primeira viagem Amesterdão - Bruxelas - Paris. Há mais de um ano nós conseguimos trabalho à distância e fomos para Lisboa.

**G: Este país misterioso é um bom início de viagem? Motiva ou desencoraja de viajar?**

**O:** Passei cinco meses lá e foi e ainda é ótimo. Eu sinto falta de muitas coisas. O que mais me cativou foi a natureza. A diversidade é impressionante. Eu queria tocar e cheirar cada flor que eu via Além disso, o mar e as praias - um lugar exótico que não é tão longe assim. E a gente é muito relaxada, a vida é tranquila, o que no início pode ser enervante mas depois é cada vez melhor.

**G: Os portugueses sabem algo sobre os polacos e sobre a nossa cultura?**

**O:** Algumas pessoas perguntam por curiosidade - Na Polónia realmente há ursos polares? Porque eles pensam que está muito frio na Polónia. Muitos dos nossos compatriotas vão para lá nas férias e sei que eles são bem tratados. Eu acho que essas duas nações têm muito em comum. Quero dizer, da saudade de algo ou alguém, à saudade do passado - Lisboa foi atingida pelo terremoto e a Polónia foi atingida pela II Guerra Mundial.

**G: Associas a palavra saudade a quê?**

**O:** Simplesmente a Portugal. Mas também às minhas próprias

memórias -os passeios agradáveis, o vinho. Isso faz-me recordar o centro de Lisboa - alguns edifícios estão abandonados, destruídos. Parece-me que o fado é também uma definição da palavra "saudade". Quantas emoções se podem ocultar numa canção de três ou quatro minutos.

**G: Em Portugal cada pessoa é o amante de fado?**

**O:** Claro que não! Este género de música é único para este país, mas nas praias pode-se ouvir música pimba brasileira.

**G: Já que falas em praia - em Portugal tu viste o mais lindo pôr-do-sol?**

**O:** Sem dúvida, sim. Quando eu estive a primeira vez no Porto era novembro, o pôr-do-sol era de tirar o fôlego. As cores eram maravilhosas - rosa, roxo, laranja. A vista era muito exótica. Todos os dias eu fazia muitas fotografias. E nenhuma é retocada. Zero filtros e efeitos. A beleza na sua forma mais pura.

**G: Então, para ser feliz, é suficiente estar no Porto, olhar para o Sol e beber vinho?**

**O:** Acho que sim, mas também algo para comer!

**G: Exatamente! O que é que podes dizer sobre a cozinha portuguesa? O que é que eles comem?**

**O:** Eu gosto muito de marisco e em nenhum outro lugar podes comer melhor do que lá. Em Portugal, o marisco é muito fresco e o peixe também. E do melhor...! Só de pensar tenho fome! O melhor é do porto de Matosinhos. E tudo o que é típico da cozinha mediterrânica é muito saboroso. Surpreendentemente, eu não gostei do glorioso Bacalhau. Alguns dizem que há 365 receitas para fazê-lo e outros dizem que até 800.

**G: Mas não me digas que não gostas dos doces em Portugal?**

**O:** Infelizmente, eu gosto demasiado dos doces porque em Portugal engordei muito. Pastel de nata é a minha coisa preferida do mundo assim como a torta de amêndoa. A maioria dos doces é à base de ovos ou cremes de ovos, que têm a sua origem nos conventos! Há muito tempo as freiras ou monges usavam claras para branquear e engomar os hábitos. Tinham de usar as gemas de alguma forma, então começaram a fazer cremes com a base nelas. Valeu a pena ser poupado!

**G: Onde posso provar o melhor pastel de nata?**

**O:** Apenas em Belém! É uma freguesia de Lisboa onde fica o Mosteiro dos Jerónimos e onde esses bolos deliciosos têm o seu início. Mas, na verdade são bons em todos os lugares. A condição é só uma - o pastel deve ser fresco.

**G: Os bairros da Lisboa são diversos? Cada um tem o seu próprio ambiente?**

**O:** Acho que sim. Por exemplo em Alfama podes sentir os laços sociais. Podes ver que as pessoas que vivem lá se conhecem bem. As ruas estreitas e medievais são muito lindas e misteriosas. O Santo António, o padroeiro de Lisboa, é natural de lá. Em junho há uma grande festa nas ruas, onde tive a oportunidade de participar. Há também a superstição de se casar entre 12 e 14 de junho, porque Santo António recebeu – entre outras atribuições – a de "O Santo Casamenteiro". Portanto, um monte de casais sobem ao altar. Os casamentos são realizados em grandes quantidades, a cada dez minutos!

**G: É a tua parte preferida de Lisboa?**

**O:** Não, Belém é com certeza a minha parte preferida de Lisboa. Lá tudo é bonito. Acho que também em Belém há muitos monumentos interessantes como a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos.

**G: E por último... Para ti pessoalmente cinco ingredientes de Portugal são...**

**O:** A natureza, a arquitectura manuelina, azulejos, o tempo

ótimo e o vinho do Porto— é um pouco estúpido ir lá e não o provar.

**G: O que foi mais difícil este ano? Sentes falta de algo?**

**O:** Eu gostaria de ter um cão mas isto é impossível em viagem. Além disso sinto falta de coisas muito simples. Seria bom ter mais pares de sapatos do que apenas dois. Eu só tenho as coisas que posso guardar em uma mala. Normalmente, quando viajas, trazes lembranças ou produtos locais mas na minha situação é impossível.

**G: O que é que aprendeste sobre ti mesma neste último ano?**

**O:** Que eu consigo desenrascar-me. Quando há momentos difíceis, eu não entro em pânico imediatamente. Tivemos uma situação assim em Viena - alguém invadiu a nossa casa, os nossos computadores, câmaras e outras coisas desapareceram. Eu estava muito triste, mas fomos em frente. Eu também aprendo que quando as coisas não saem como eu gostaria, não é uma tragédia e não tenho de controlar tudo e não quero controlar tudo. Tenho menos expectativas e por isso sou mais feliz. Comecei a apreciar a comida boa, comecei a beber vinho ao almoço. Estou aberta para novas oportunidades nas quais antes eu não tinha pensado, porque eu tinha vergonha ou medo.

**G: Achas que vale a pena motivar os polacos para viajar?**

**O:** Sim, eu acho que é bom para cada pessoa partir em algum momento. Eu acho que é muito importante para ver como vivem outras pessoas, como eles são, o que pensam. Aprendes a ser tolerante. Depois de voltar podes olhar de forma diferente para a tua vida – podes comparar com o que tinhas experimentado noutro país. Queres refutar os estereótipos? Viaja!

**G: O que planeias para os próximos tempos?**

**O:** Queremos ir em setembro para Hong Kong, Coreia e Japão. Espero que também para a Austrália! Um dia gostaria de ter o meu próprio lugar. A casa à qual eu volto.

**G: Só me resta desejar-te boa viagem e que te divirtas. Obrigado pela entrevista muito inspiradora!**



**Gabriela Malik** (2º ano de Filologia Ibérica): Sou de Tarnobrzeg - uma cidade no Sul da Polónia mas agora vivo em Lublin. Tenho 21 anos. Gosto muito de ler, viajar e cozinhar.



TENHO MENOS EXPECTATIVAS E POR ISSO EU SOU MAIS FELIZ!

Fotos: Aleksandra Bogusławska

# Viagens

## JAK NIE ZWIEDZAĆ PORTUGALII

Kiedy 20 lat temu moi rodzice wrócili z wycieczki do Portugalii, wieść o ich podróży obiegła szybko całe grono ich znajomych i sąsiadów. Niektórzy zastanawiali się, po co jechać taki kawał drogi, by „coś pozwiedzać”, inni natomiast z zainteresowaniem zadawali pytania o to, jaka jest Portugalia i jak można się tam dostać. Ale poza pytaniami, pierwszą reakcją tak tych pierwszych jak i drugich, było lekkie niedowierzanie i bardzo duże zdziwienie. Bez wątplenia, ich dwutygodniowy pobyt na Półwyspie Iberyjskim w tamtych czasach urastał niemalże do rangi wyczynu.

Dziś jednak, kiedy tanie linie lotnicze zdominowały europejskie rynki, tysiące Polaków odwiedza rocznie Portugalię i z pewnością nie należy już ona do turystycznej egzotyki. Jedną z konsekwencji wynikającą ze spopularyzowania się podróży zagranicznych było wykształcenie się nowego trendu, dzisiaj wręcz posiadającego już znamiona kształtującej się „subkultury turystycznej”, tzw. kolekcjonerów miast. Są to osoby, których celem jest podróżowanie za granicę w celu odwiedzania jak największej ilości miejsc i chwalenie się owym faktem (głównie na facebook'u) bez przywiązywania większej uwagi do walorów kulturowo-historyczno-społecznych odwiedzanego miejsca.

Niezależnie od tego, że Portugalia powierzchwnie jest krajem relatywnie małym, kryje w sobie ogrom ciekawych miejsc, miasteczek, historii i lokalnych tradycji. Mimo to, co roku, po każdych wakacjach, ściany facebookowe naszych znajomych zapełniają się dziesiątkami zdjęć z takich miejsc jak droga, turystyczna restauracja w centrum Lizbony, a w niej grupa elegancko ubranych nastolatków, robiący sobie zdjęcie przy użyciu selfie-stick. Kiedy uszczęśliwieni znajomi wracają do Polski, opowiadają nam o tym, jak wspaniałe są lizbońskie dyskoteki, jak wygodny był hotel, w którym się zatrzymali itd. Jednak bez wątplenia, najwięcej emocji budzi zawsze opowieść o podróży odkrytym autobusem turystycznym po ulicach Lizbony czy Porto, z którego można było wykonać dziesiątki zdjęć i posłuchać w słuchawkach historii miasta, która wydawała się ciekawa, ale niewiele z niej już dziś pamiętają. Wszystko to teoretycznie wygląda atrakcyjnie i wielu ludzi to lubi i tak spędza swoje wakacje, ale czy o to chodzi w turystyce? Bo jeżeli nasz znajomy bierze urlop w pracy i leci na drugi kraniec Europy po to tylko, by zrobić sobie parę zdjęć i pochwalić się odwiedzeniem 5 miast podczas 5-dniowej wycieczki, wtedy całkiem rozsądną alternatywą staje się pozostanie w domu i spacer po ulicach danego miasta na google maps.

Bo czy Polak fotografujący się w Lizbonie z kubkiem ze słynnego Starbucks nie pozbawia samego siebie prawdziwego bogactwa kawowego, które oferuje Portugalia? Albo, czy wybierając dyskotekę, zamiast koncertu fado na Bairro Alto nie popełniamy swistego świętokradztwa? Niestety nasz świat stale się zmienia i w moim odczuciu zmienia się na coraz gorszy.

Dwie koleżanki, które chwaliły się podróżą po Portugalii, wiele opowiadały o tym, jakie zakupy zrobiły i jakie pamiątki przywiozły. Jednak na hasło os pasteis de nata zapytały, czy to te paszteciki z dorsza, których próbowały. Później narzekały jeszcze na 3 gwiazdkowy hotel, że był trochę niewygodny i na tym skończyła się ich opowieść. Co więcej, znajomy Amerykanin dawał sobie rękę uciąć, że Cristiano Ronaldo jest Hiszpanem. Kiedy okazało się, że tak nie jest, lakonicznie stwierdził, że Hiszpanie i Portugalczycy to jedno i to samo. Taka ignorancja jest jeszcze do przeżycia,

jednak w niektórych sytuacjach trzeba za nią słono zapłacić. Jedną polską parę, skuszona chęcią sfotografowania się w oryginalny sposób, robiąc selfie straciła życie po upadku z Cabo da Roca. Czy do tej tragedii musiało dojść? Z pewnością nie, ale jest ona w pośredni sposób obrazem i konsekwencją panującej mody. Ludzie często nawet się nie zastanawiają, co tracą.

Bez wątplenia, nie ma lepszej metody niż podróżowanie po Portugalii z turystycznym plecakiem, odwiedzając przede wszystkim małe miejscowości i trasy, które nie są na szlaku turystycznym. Próbowanie regionalnych win, porównywanie różnic między kawami, zjadanie się świeżymi rybkami, czy regionalnymi słodkościami. Portugalię należy zwiedzać od kuchni. O wiele większą sympatię wzbudza zagubiony turysta z mapą, który zatrzymał się w przydrożnej kawiarni, niż paradująca po lizbońskiej Rua Augusta elegancko ubrana para, wydająca nierzadko fortunę na lokalne pamiątki produkowane, jak to zazwyczaj bywa, w Chinach.

Osobiście polecam rozkochać się w Portugalii. Aparat najlepiej zostawić w domu. Krajobrazy uwiecznione w naszej pamięci będą wracały jeszcze wiele razy po powrocie do Polski. Muzyka fado, połączone z lampką pysznego Porto z pewnością przeniesie nas do świata metafizycznych doznań. Porozmawiajcie z rybakami na plaży, zgubcie się w nieznanym miejscu, odwiedźcie przydrożny kościółek, zapytajcie miejscowych, gdzie oni jadają i czy nie chcą zjeść z wami dzisiaj obiadu, poświęćcie chwilę na napisanie pamiętnika podróży delektując się pyszną kawą. To zostanie na wieki, dla waszych dzieci, wnuków. A wpisy i zdjęcia na portalach społecznościowych przepadną niezauważone i szybko zapomniane. I jeszcze raz błagam, nie bierzcie ze sobą selfie stik.



**Aneta Gmitrowicz** (III rok, Filologia Iberyjska): mam 21 lat. Lubię uczyć się nowych języków. Studiuję portugalski, aby poznać nowych ludzi i podróżować po Portugalii używając moich znajomości językowych i kultury portugalskiej.

**Joachim Czalej** (III rok, Filologia Iberyjska): ukończył mediteranistykę, obecnie studiuje filologię iberyjską. Interesuje się gitarą flamenco, polityką i szachami. Planuje zamieszkać w Granadzie, ożenić się i mieć gromadkę dzieci.



## COMO NÃO VISITAR PORTUGAL

Quando há 20 anos os meus pais voltaram de uma excursão a Portugal, a notícia da sua viagem divulgou-se rapidamente entre os seus amigos e vizinhos. Enquanto algumas pessoas perguntaram para quê ir tão longe apenas para visitar outras perguntaram Como é Portugal? Como se pode chegar lá? No entanto, além das perguntas, a primeira reação de todos foi de ligeira desconfiança e assombro. Sem dúvida, a sua estada de duas semanas na Península Ibérica foi uma façanha admirável naquela altura.

Contudo, hoje em dia, quando companhias aéreas low cost dominam o mercado europeu, milhares de polacos visitam Portugal cada ano. É um país que já com certeza não pertence ao turismo exótico. Uma das consequências da divulgação das viagens ao estrangeiro foi o surgimento duma nova moda que hoje em dia tem as características de uma “tribo urbana turística” que está a desenvolver-se: os assim chamados colecionadores de cidades. O objetivo destas pessoas é viajar para o estrangeiro a fim de visitar tantos lugares quanto possível e jactar-se desse facto principalmente no Facebook, sem atribuir importância aos aspetos culturais, históricos e sociais do lugar visitado.

Independentemente de Portugal ser um país relativamente pequeno, abarca uma grande quantidade de lugares interessantes, cidades pequenas, histórias e tradições locais. Além disso, todos os anos depois das férias os murais dos nossos amigos no Facebook são inundados com dezenas de fotos por exemplo, de uma estrada, de um restaurante no centro de Lisboa destinado a turistas, no qual está um grupo de adolescentes elegantes que fazem as fotos com o bastão de selfie. Quando os amigos encantados voltam para a Polónia, contam-nos que as discotecas portuguesas eram maravilhosas, que o hotel no qual residiam era confortável, e assim por diante. Contudo, sem dúvida o mais emocionante é relatar o passeio neste elétrico turístico em Lisboa ou no Porto onde se podiam fazer dezenas de fotos e ouvir através dos auscultadores um pouco da história da cidade através dos auscultadores, que parecia interessante mas agora não se lembram de quase nada. Tudo isso, em teoria, parece atraente e muitas pessoas fazem isso, gostam disso e desta maneira passam as suas férias, mas o turismo é disto que se trata? Se o nosso colega tira férias e vai de um lado da Europa para o outro apenas para fazer algumas fotografias e vangloriar-se de ter visitado cinco cidades em cinco dias, então seria aconselhável ficar em casa, abrir o Google Maps e passear pelas ruas de alguma cidade.

Um polaco que faz uma fotografia com uma chávena de café da Starbucks em Lisboa não se priva da verdadeira riqueza dos diversos tipos de café que pode encontrar Portugal? Do mesmo modo, ao escolhermos uma discoteca em vez de um espetáculo de fado no Bairro Alto não cometemos um sacrilégio? Infelizmente o nosso mundo muda constantemente e na nossa opinião, muda cada vez mais para pior.

Duas amigas que se gabaram da sua viagem por Portugal, falaram sobre as compras que fizeram e as lembranças que trouxeram. No entanto, ao ouvirem as palavras “pastéis de nata” perguntaram se não se tratava dos pastéis de bacalhau que tinham provado. Depois, reclamaram um pouco sobre o hotel de três estrelas que não era bastante confortável e com isso acabaram o seu relato. Um amigo meu dos Estados Unidos tinha a certeza de que Cristiano Ronaldo era espanhol. Quando percebeu que

não é, disse laconicamente que os espanhóis e os portugueses eram iguais. Enquanto tal ignorância ainda é aceitável, em alguns casos pode sair-nos cara. Um casal polaco queria fazer uma fotografia muito original mas ao fazerem uma selfie caíram de uma falésia no Cabo da Roca. Essa tragédia podia ter sido evitada? Acho que sim, mas indiretamente é um reflexo e uma consequência da atual tendência. Com frequência as pessoas não sabem o que perdem.

Sem dúvida a melhor maneira de viajar por Portugal é de mochila às costas visitando sobretudo as pequenas aldeias e caminhos que ficam fora dos roteiros turísticos. Também é essencial provar os vinhos regionais, comparar diversos tipos de café, comer peixe fresco ou doces regionais. Devemos visitar Portugal a partir de dentro. Um turista perdido de mapa na mão que chega a um restaurante de beira de estrada parece mais simpático que um casal elegante que anda pela Rua Augusta em Lisboa e muitas vezes gasta uma fortuna em lembranças regionais produzidas muito frequentemente na China.

Pessoalmente, recomendo que se apaixonem por Portugal. É melhor deixar a câmara fotográfica em casa. As paisagens eternizadas na nossa memória vão voltar de novo muitas vezes depois de regressarmos à Polónia. O fado junto com um copo de vinho do Porto, com certeza levar-nos-á para um mundo de sensações metafísicas. Falem com os pescadores na praia, percam-se num lugar desconhecido, visitem uma pequena igreja à beira da estrada, perguntem aos habitantes locais onde costumam comer e proponham-lhes comer com vocês, dediquem um momento para escrever um diário de viagem saboreando um café. Isto vai ficar para sempre, para os vossos filhos e netos. Porém, os posts e as fotos nas redes sociais desaparecerão sem serem notados e rapidamente serão esquecidos. E mais uma vez, imploro... não levem o bastão de selfie com vocês.

**Aneta Gmitrowicz** (3º ano de Filologia Ibérica): Tenho 21 anos. Gosto de aprender novas línguas. E estudo português para conhecer novas pessoas e viajar por Portugal utilizando o meu conhecimento do idioma e da cultura portuguesa.



**Joachim Czalej** (3º ano de Filologia Ibérica): mestre em estudos mediterrâneos agora estuda filologia ibérica. Interessa-se por guitarra flamenca, política e xadrez. Vai viver em Granada, casar-se e ter um monte de filhos



Jest 26 października 2015 roku. Siedzę w samolocie lecącym do Lizbony. Ta wielka latająca maszyna zaraz wylądzuje. Za 10 minut moja stopa po raz pierwszy dotknie lizbońskiej ziemi. Gdy koła uderzą o płytę lotniska szybko włączam telefon, aby odpisać Natalii, że już jestem na miejscu i spróbuję wyjść z samolotu. Droga z płyty do terminalu zajmuje mi prawie 30 minut.

Wychodzę z mieszkania by wstąpić do „pastelarii” i kupić „pastel de nata”, aby przywitać Agnieszkę w sposób najbardziej portugalski z możliwych. Wsiadam do metra na stacji Marquês de Pombal, przesiadam się na czerwoną linię na Saldanha i jadę do samego końca, by wysiąść na lotnisku. Czekam pod wielkim napisem PRZYLOTY z moim małym transparentem.

Jest 17:20, rozpoznajemy się pośród tłumu ludzi wszystkich ras i kolorów skóry. Gdy ocieramy łzy szczęścia Agnieszka próbuje znane ciastko.

Gdy wychodzimy z mieszkania gdzie mieszka Natalia jest już 21. Idziemy spacerem z Amoreiras na Miradouro de São Pedro de Alcântara.

Krótką sesyjka fotograficzna z widokiem na Lizbonę nocą. Robimy zdjęcie z Elevador da Glória i idziemy do Convento do Carmo, który jest już zamknięty, co wcale nie przeszkadza by podziwiać go z punktu widokowego obok wejść do Elevador da Santa Justa. Po 15 minutach podziwiania miasta schodzimy z dzielnicy Chiado. W tzw. międzyczasie przychodzi nam do głowy genialna myśl. Spróbujemy sławnej ginjinh (co innego mogą robić dwie Polki z dała od swej ojczyzny, jeśli nie pić alkohol?). NIESTETY jest już za późno i drzwi są zamknięte. Ciszę spowodowaną rozczarowaniem przerywa mężczyzna pytający nas o ogień. Żadna z nas nie pali więc myślimy, że „rozmowa” jest już skończona. Carlos (jak się przedstawia) rozpoznaje, że jesteśmy turystkami i zadaje nam mnóstwo pytań. Proponuje, że będzie naszym przewodnikiem. Gdy 10 minut później pijemy ginjinę w innym otwartym miejscu, Carlos opowiada nam historię swojego życia. Okazuje się, że dopiero co wrócił z Japonii, gdzie odwiedził swoją byłą żonę i syna. Opowiada też o innych wycieczkach, na których był w różnych zakątkach świata: Australia, Syberia, Tajwan itp. W tym samym czasie ukradkiem patrzymy sobie w oczy, pytając się telepatycznie czy już czas uciekać. Nagle Carlos zatrzymuje jakąś dziewczynę na środku deptaka. Całkowicie zaskoczona Ruby przyłącza się do naszej „imprezy”. Nasze twarze mówią „co się tu dzieje?”. Podczas rozmowy z nową koleżanką wszystko co opowiada Carlos okazuje się być prawdą. Nasi nowi towarzysze mają wspólną znajomą w Tajpej. Ten świat jest mały.

Mniej więcej 30 minut później jesteśmy w Tasca do Chico i słuchamy fado. Portugalczyk zamawia vinho verde, które będziemy pić także w Polsce 6 miesięcy później (dostępne w Żabce). Podczas wieczoru próbujemy pysznych specjałów: chouriço assado, queijo alentejano, pasteis de bacalhau... Miejsce bardzo nam

się podoba. Jesteśmy otoczone wyłącznie przez Portugalczyków. Kiedy dziewiętnastoletnia Diana zaczyna śpiewać już wiemy, że nigdy nie zapomnimy jej imienia. Jej głos porusza coś w naszych sercach.



Kiedy o 3 nad ranem jesteśmy już w domu i kładziemy się spać, zastanawiamy się, czy wszystko to było prawdziwe. Dzięki magii telefonu Agnieszki mamy dowody, że nie było to jedynie wytworem naszej wyobraźni.



Rano, bez bólu głowy jedziemy na Alfamę, gdzie na Feira de Lada kupujemy „Quo vadis?” Henryka Sienkiewicza po portugalsku. Spacerując przez tę najstarszą dzielnicę dochodzimy do Miradouro Portas do Sol gdzie podziwiamy Tag i ogromne wycieczkowce zacumowane przy wybrzeżu.

30 minut później spotykamy dwóch Polaków na Praça do Comércio. Chłopaki od siedmiu lat podróżują po Europie puszczać bańki mydlane. Jeden z nich mówi nam, że spędza tak czas, bo chce sprawiać ludziom radość i widzieć ich uśmiechy na ulicy. 5 minut później, gdy otaczają nas radosne dzieci, okazuje się to być prawdą. 24 godziny kończą się gdy wznosimy toast piwem na Mercado da Ribeira. Rozsmakowujemy się bacalhau a Brás i arroz de polvo. Pychota!



**Agnieszka Szaro** (III rok Filologia Iberyjska): wielka marzycielka, w swoich myślach odwiedziła już każdy zakątek świata. Potrafi nauczyć się języka popijając wino z obcokrajowcem. Lubi koty, pao de Deus i hard rock. Jej serce bije w rytmie fal z Cabo da Roca.

**Natalia Korycka** (III rok Filologia Iberyjska): dziewczyna, która ma podróżniczą duszę. W przyszłości producent wina. Uważa, że warto rozmawiać z każdą napotkaną osobą. Jej serce jest w górach, na plaży i wśród tłumu wielkiego miasta. Obywatelka świata.

## 24 HORAS EM LISBOA



É 26 de outubro de 2015. Estou sentada num avião em direção a Lisboa. Essa grande máquina voadora está quase a aterrizar. Daqui a 10 minutos o meu pé tocará a terra lisboeta pela primeira vez. Quando as rodas tocam a pista de aterragem ligo o meu telemóvel para escrever à Natalia que já cheguei e vou tentar sair do avião. O caminho da pista ao terminal demora quase 30 minutos.

Saio da minha casa para passar pela pastelaria e comprar um pastel de nata para dar as boas-vindas à Agnieszka da maneira mais portuguesa possível. Entro no metro na estação Marquês, mudo no Saldanha para a linha vermelha e vou até ao fim para descer no aeroporto. Espero ao lado das letras gigantes “CHEGADAS” com o meu cartaz. São 17:20 horas, nos reconhecemos no meio de uma multidão de todas as raças e cores. Depois de enxugar os nossos olhos de lágrimas de felicidade, a Agnieszka prova o famoso pastel.

Quando saímos do apartamento onde mora a Natalia já são 21 horas. Damos um passeio desde as Amoreiras até ao Miradouro de São Pedro de Alcântara.

Uma pequena sessão fotográfica com vista para Lisboa à noite. Depois tiramos uma foto do Elevador da Glória e vamos ao Convento do Carmo que já estava fechado mas isso não nos impede de admirá-lo dum miradouro que está ao lado da entrada do Elevador de Santa Justa. Após quinze minutos de admiração da beleza da cidade descemos do Chiado. Entretanto temos uma ideia genial. Vamos provar a famosíssima Ginjinha. (o que é que podem fazer duas polacas fora do seu próprio país além de beber?) INFELIZMENTE já é demasiado tarde e a porta está fechada. O silêncio causado pela decepção é interrompido por um homem que nos pergunta se temos lume Nenhuma de nós fuma então pensamos que a “conversa” já terminou. Carlos (como se apresenta) reconhece que somos turistas e faz-nos muitas perguntas. Ele propõe-nos que será nosso guia. Quando dez minutos depois bebemos ginjinha noutra lugar aberto, o Carlos conta-nos a história da vida dele. Ficamos a saber que acabou de voltar do Japão depois de visitar a ex-mulher e o filho dele. Narra também umas histórias das viagens que fez pelo mundo: Austrália, Sibéria, Taiwan, etc. Ao mesmo olhamos uma para a outra perguntando telepaticamente se não será já altura para fugir. De repente o Carlos aborda uma rapariga no meio da rua. Ruby completamente surpreendida junta-se à nossa “festa”. As nossas caras dizem “o que é que se passa aqui?”. Durante a conversa com a nova colega, tudo o que disse o Carlos afinal é 100% verdade. Os nossos novos companheiros têm uma amiga em comum de Taipei. Este mundo é pequeno.

Mais ou menos trinta minutos depois estamos na Tasca do Chico a ouvir fado. O português pede vinho verde que desde en-

tão vamos beber inclusive na Polónia seis meses depois. Durante a noite provamos coisas deliciosas: chouriço assado, queijo alentejano, pastéis de bacalhau... Gostamos muito do lugar. Estamos rodeadas só de portugueses. Quando a Diana, uma rapariga de 19 anos, começa a cantar já sabemos que jamais esqueceremos o nome dela. A voz dela toca fundo nos nossos corações.

Quando às três horas da manhã nos deitamos em casa, ficamos a pensar se tudo que aconteceu foi verdadeiro. Graças à magia do telemóvel da Agnieszka temos provas que isso não foi um produto da nossa imaginação.



De manhã, sem dor de cabeça, vamos a Alfama e na Feira de Ladra compramos “Quo vadis?” de Henryk Sienkiewicz em português. Passeando pelo bairro mais antigo chegamos ao Miradouro das Portas do Sol onde admiramos o rio Tejo e enormes cruzeiros atracados na margem. Meia hora mais tarde encontramos dois polacos na Praça do Comércio. Os rapazes viajam pela Europa há sete anos fazendo bolas de sabão. Um deles diz-nos que passa o tempo assim porque quer trazer felicidade e ver sorrisos nos rostos das pessoas na rua. Cinco minutos depois isso revela-se verdadeiro quando estamos rodeadas de crianças sorridentes. As 24 horas terminam quando brindamos tomando imperiais no Mercado da Ribeira. Saboreamos bacalhau à Brás e arroz de polvo. Delicioso!



**Agnieszka Szaro** (3º ano de Filologia Ibérica): Uma grande sonhadora, nos seus pensamentos já esteve em todos os lugares do mundo. É capaz de aprender uma língua tomando vinho com um estrangeiro. Gosta de gatos, Pão de Deus e hard rock. O seu coração bate ao ritmo das ondas do Cabo da Roca.

**Natalia Korycka** (3º ano de Filologia Ibérica): Uma menina que tem alma de viajante. Futura produtora de vinho. Acha que vale a pena conversar com qualquer pessoa que encontra. O seu coração está numa serra, numa praia e entre a multidão numa cidade grande. Cidadã do mundo.

## Polonia JAK POLAK WIDZI SWOJEGO RODAKA?

Być może w innych państwach uważa się, że Polska to kraj bez podziałów, w którym nie istnieje klasyfikacja regionów, zróżnicowanie językowe bądź inne tradycje i obyczaje. Obcokrajowcy są przekonani, że zarówno nad morzem jak i w górach spotkają się z tym samym typem Polaka, a jedyną różnicą będzie krajobraz. Nic bardziej mylnego. Z jednej strony daleko nam do Hiszpanów, którzy potrafią rozpoznać z którego regionu wywodzi się ich rodak już przy pierwszym spotkaniu. Nie trudno jest odróżnić Andaluzyjczyka od mieszkańca Państwa Basków. Jednak wśród Polaków również możemy zaobserwować pewne charakterystyczne zachowania, które pozwalają przypisać im miejsce na mapie kraju.

Powszechnie uważa się, że Polacy to naród niezwykle gościnni, a także solidarny. Trzeba jednak spojrzeć prawdzie w oczy: jesteśmy razem tylko w kryzysowych sytuacjach. Przykład? Katastrofa smoleńska, nagła i tragiczna śmierć prezydenta, jego żony i polskiej elity. Co robią Polacy? Wychodzą na ulicę ze zniczami, zalewają się łzami na środku Warszawy, obejmują się i pocieszają podczas gdy za oceanem, Barack Obama składa kondolencje mówiąc „Dziś wszyscy jesteśmy Polakami”. Nie istnieją wtedy podziały polityczne, stereotypy, zawiść, zazdrość ani rywalizacja. Kiedy źle się dzieje, zawsze jesteśmy braćmi. Można by pomyśleć, że skoro potrafimy zjednoczyć się w tak trudnych sytuacjach, to tym bardziej jesteśmy jednością gdy dzieje się coś naprawdę dobrego. Jest to jednak nieprawda. Bardzo dobrym przykładem jest zeszłoroczny sukces polskiego filmu „Ida”, który zdobył Oscara. To ogromne wyróżnienie zamiast spowodować falę entuzjazmu, wywołało burzliwą dyskusję, czego efektem było mnóstwo negatywnych komentarzy. Polacy „przekrzykiwali się” na forach internetowych poddając krytyce coś, co za granicą spotkało się z uznaniem. Jest to najlepszy dowód na to, że nie wszyscy potrafimy cieszyć się z sukcesu rodaka. Większym wydarzeniem dla wielu Polaków było tegoroczne zwycięstwo Leonardo DiCaprio niż pierwszy Oscar w historii polskiego kina.

Jeśli chodzi o wspomnianą wcześniej gościnność, to owszem, jest to prawda jednak w większości przypadków tyczy się przyjmowania obcokrajowców. W stosunku do naszych rodaków zazwyczaj nie jesteśmy aż tak hojni.

Jak widzi Polak swojego rodaka? W dużej mierze jest to zależne od regionu, w którym się znajdujemy. Polak z Lublina nigdy nie będzie postrzegany przez społeczeństwo w ten sam sposób co Polak z Warszawy. Warto wspomnieć, że istnieje stereotyp, który dzieli kraj na dwie strefy: Polskę A i Polskę B. Jak łatwo się domyślić, A oznacza rozwój, pieniądze, perspektywy, natomiast B – zacofanie. Warszawiacy są uważani za osoby wykształcone, z przyszłością, dobrze zarabiające, skazane na sukces. Słowo „warszawiak” kojarzy się z przystojnym, wysokim panem w garniturze z zegarkiem za kilka tysięcy, spieszącym się na spotkanie biznesowe lub z zadbaną kobietą w sukience i szpilkach, która wie czego chce. Prawda jest taka, że jest to ich własne wyobrażenie o samych sobie. Reszta Polaków widzi ich zupełnie inaczej. Postrzegani są jako osoby zmęczone wyścigiem szczurów, nieprzyjemne w kontaktach z innymi ludźmi, okazujące swoją wyższość, która wynika chyba z tego, że mają 500 metrów do Stadionu Narodowego.

Warszawiacy też potrafią nabijać się z mieszkańców innych regionów. Osoby zamieszkujące mniejsze województwa takie jak lubelskie, świętokrzyskie bądź podlaskie określane są mianem za-

cofanych i biednych. Dla nich wszystko co znajdują się poza granicami mazowieckiego to przysłowiowe „zadupie”. No może poza dużymi miastami takimi jak Wrocław, Poznań, Kraków, Gdańsk.

Osoby z gór są kojarzone w najmiłszy sposób. Są postrzegane jako ludzie niezwykle gościnni, weseli, lubiący się zabawić. Krąży także opinia, że posiadają oni mocny charakter, nie dadzą sobie w kaszę dmuchać i niezbyt przejmują się wykształceniem. Po czym najczęściej można poznać osobę z tego rejonu Polski? Po mowie, która w znacznym stopniu różni się od tej używanej w innych zakątkach kraju.

Pomorze? Kraina zabawy, plaży, disco-polo, ludzi wyluzowanych. Mieszkańcom Pomorza przypisuje się przydomek „śledzie”. Wiecznie narzekają na tłumy turystów, szczególnie z Warszawy, a prawda jest taka, że bez nich ten rejon nie byłby tak rozwinięty.

Bardzo wyróżniającym się regionem Polski jest Śląsk. Istnieje wiele stereotypów na temat jego mieszkańców jak na przykład to, że nie znają oni języka polskiego i posługują się jedynie swoją gwara, która brzmi obco dla innych. Kobiety z tego regionu postrzegane są jako kury domowe, które całymi dniami lepią kluski śląskie. Zdecydowana większość Polaków wyobraża sobie typowego Ślązaka jako górnika, który jest prosty i słabo wykształcony. Cały kraj uważa, że bliżej mu do Niemca niż Polaka, jednak na pytanie: jakiej jesteście narodowości, zgodnie odpowiadają: Ślązakami.

Jak widać, Polak Polakowi nierówny. Każdy rejon naszego kraju jest unikatowy, ich mieszkańców można rozpoznać dzięki pewnym charakterystycznym cechom, które zostały wyżej wspomniane. Krążą liczne stereotypy, z których wiele jest krzywdzących. Na to jak rodak widzi rodaka ma wpływ wiele aspektów, głównie wiążą się one z polityką, gospodarką, religią. Różnymi się pod wieloma względami, na co dzień możemy nie darzyć się sympatią i obrażać wzajemnie, lecz kiedy na stół wjeżdża wódka i ogórek kiszony, wszystkie podziały zanikają.

**Karina Piecyk i Ilona Żelazna (III rok Filologia Iberyjska):** Mamy po 22 lata i studiujemy Filologię Iberyjską. Lubimy uczyć się języków, słuchać muzyki i poznawać nowych ludzi, a także spędzać wspólnie nasz wolny czas, ponieważ od trzech lat się przyjaźnimy.

## COMO O POLACO VÊ O SEU COMPATRIOTA?

Talvez em outros países se pense que a Polónia é um país sem divisões, onde não existe uma classificação das regiões, variação linguística ou outras tradições e costumes. Os estrangeiros estão convencidos de que tanto no litoral como nas montanhas, podem encontrar o mesmo tipo de polaco e a única diferença é a paisagem. Nada podia ser mais errado. Por um lado, estamos longe dos espanhóis que conseguem identificar a região de origem no primeiro encontro. Não é difícil distinguir entre uma pessoa da Andaluzia e um habitante do País Basco. No entanto, entre os polacos também podemos observar os comportamentos característicos que os colocam no mapa do país.

Geralmente, acredita-se que a Polónia é uma nação muito hospitaleira e também solidária mas há encarar a verdade: estamos juntos só nas situações de crise. Por exemplo? A catástrofe de Smolensk, a trágica morte do presidente, da sua mulher e da elite polaca. O que fazem os polacos? Saem para as ruas com velas, choram no meio de Varsóvia, abraçam-se e confortam-se, enquanto no exterior, Barack Obama dá as suas condolências dizendo "Hoje todos somos polacos". Nesse momento não existem divisões políticas, estereótipos, inveja ou rivalidade. Quando alguma coisa corre mal somos sempre irmãos. Poderíamos pensar: se nos podemos unir nos momentos difíceis, estamos ainda mais unidos quando acontece algo bom. Isto não é verdade. Um bom exemplo para explicar isto, é o sucesso do filme polaco "Ida", que no ano passado ganhou o Oscar. Este prémio em vez de causar uma "onda de entusiasmo" provocou uma grande discussão e muitos comentários negativos. Os polacos "gritaram" nos fóruns criticando algo que foi apreciado fora do país. Isto é a melhor prova de que nem todos conseguimos estar contentes com o sucesso de um compatriota. Para a maioria dos polacos, a vitória do Leonardo DiCaprio que neste ano recebeu Oscar foi mais importante do que a primeira estatueta na história do cinema da Polónia.

No que se refere à hospitalidade, o que já foi mencionado, sim, isto é verdade mas na maioria dos casos está reservada para os estrangeiros. Não somos tão generosos para os nossos compatriotas.

Como o polaco vê o seu compatriota? Em grande medida, isto depende da região em que estamos. Um polaco de Lublin nunca será encarado pela sociedade do mesmo modo como um polaco de Varsóvia. Vale a pena mencionar que existe um estereótipo que divide o país em duas zonas: Polónia A e Polónia B. Como se pode imaginar, A significa desenvolvimento, dinheiro, perspectivas, enquanto B significa atraso. Os residentes de Varsóvia são considerados pessoas educadas, com o futuro, bem remuneradas, condenadas ao sucesso. A palavra "warszawiak" associa-se com um homem bem-parecido, alto, de fato, com um relógio que custa alguns milhares de zlotys que corre para uma reunião de negócios, ou com uma mulher bem vestida e de salto alto, que sabe o que quer. Na realidade isto é o que eles imaginam sobre si próprios. O resto dos polacos vê-los de forma diferente. Eles são vistos como as pessoas cansadas pelo excesso de trabalho, desagradáveis nos contactos com as outras pessoas, considera-se que mostram a sua superioridade, que vem de facto de que eles estão a 500 metros do Estádio Nacional.

Os residentes de Varsóvia também sabem como rir-se dos habitantes das outras regiões. As pessoas que vivem nas provín-

cias menores, como a de Lublin (Lubelszczyzna), Świętokrzyskie ou Podlaskie são definidos como as pessoas atrasadas e pobres. Para eles tudo o que está fora da sua província, Mazowsze é um "buraco". Bem, talvez excetuando grandes cidades como Wrocław, Poznań, Cracóvia ou Gdańsk.

As pessoas das montanhas são definidas de melhor maneira. São consideradas como pessoas extremamente hospitaleiras, alegres, divertidas. A opinião sobre eles é que têm um carácter forte, têm sempre a última palavra e não se preocupam com a educação. Como identificar uma pessoa desta região da Polónia? Graças ao seu sotaque que é muito diferente das outras partes do país.

Pomorze? A região do divertimento, da praia, disco-polo\*, das pessoas descontraídas. As pessoas de Pomorze são chamados "arenques". Queixam-se sempre das multidões de turistas, especialmente de Varsóvia, mas a verdade é que sem eles a região não seria tão desenvolvida.

Uma região de Polónia que é muito distinta é a Silésia. Há muitos estereótipos sobre os seus habitantes como, por exemplo, que eles não falam polaco mas só o seu dialeto, que parece estranho para os outros. As mulheres desta região são consideradas donas de casa, que durante todo o dia cozinham "kluski śląskie". A maioria dos polacos imagina o típico habitante de Silésia como um mineiro, que é simples e pouco letrado. O país inteiro acha que ele está mais perto do alemão, do que do polaco, no entanto, à pergunta: "Qual é a tua nacionalidade?" todos respondem "Sou Silesiano".

Como se vê, um polaco não é o mesmo que outro polaco. Cada parte do nosso país é única, os seus habitantes podem ser identificados pelas características distintivas que foram mencionadas. Há muitos estereótipos, dos quais a maioria é negativa. Muitos aspetos têm influência na forma como os polacos veem os seus compatriotas, maioritariamente estão relacionados com a política, a economia, a religião. Somos diferentes em vários aspetos, não somos simpáticos no dia-a-dia, às vezes insultamos uns aos outros, mas quando na mesa há vodka e pepinos, todas as divisões desaparecem.



**Karina Piecyk e Ilona Żelazna** (3º ano de Filologia Ibérica): Temos 22 anos e somos estudantes de Filologia Ibérica. Gostamos de aprender línguas estrangeiras, música, conhecer novas pessoas e também passar o nosso tempo livre juntas porque somos amigas há três anos.

Polacy lubią dużo pić i często się biją, a mimo to są postrzegani jako sumienni pracownicy. Żywią się wyłącznie pierogami, kapustą i burakami. W każdym polskim domu spotkamy ołtarzyk ze zdjęciem Jana Pawła II, a urodziny Lecha Wałęsy to święto narodowe. Nasze kobiety to najpiękniejsze reprezentantki Europy Wschodniej, dzięki czemu mają powodzenie w domach publicznych, w których pracują za granicami naszego kraju, wечно pokrytego lodem. Zapytałyśmy polskich emigrantów z jakimi opiniami o Polakach spotkali się w krajach gdzie mieszkają.



Maria

Maria od 5 lat mieszka i pracuje w Sztokholmie. Po przyjeździe do Szwecji była niemiło zaskoczona bardzo niskim poziomem wiedzy na temat naszej ojczyzny. „Dużo osób, które spotkałam, nawet w instytucjach państwowych, było przekonanych, że Polska nie należy do Unii Europejskiej. Inni reagowali ze współczuciem, czułam się jak uchodźca który do ich państwa przyptynał na pontonie, mając tylko jedną tyżkę robiącą za wiosło”. Szukając pracy nigdy nie spotkała się z propozycją pracy w domu publicznym, jednak wielokrotnie słyszała, że większość Polek to prostytutki. Jeżeli chodzi o aspekty pozytywne, w Szwecji panuje przekonanie, że każdy Polak to przysłowiowa „złota rączka”, w każdej pracy da sobie radę. „Szwedzi nigdy nie traktowali mnie inaczej ze względu na moje pochodzenie, od czasu do czasu zdarzyło mi się, że ktoś patrzył na mnie z politowaniem po tym, jak powiedziałam skąd jestem. Zauważyłam natomiast, że spotkani przeze mnie Polacy nie mają do siebie szacunku i źle traktują się nawzajem”.



Klaudiusz

W Kanadzie natomiast, Polacy tworzą grupki i niechętnie wpuszczają do nich obcokrajowców. „W Kanadzie ludzie postrze-

gają Polaków jako imigrantów którzy rzadko chcą się socjalizować z kimś spoza swojego kręgu kulturowego”, powiedział nam Klaudiusz, który dopiero od roku mieszka w tym kraju. Nasze najpopularniejsze danie, pierogi, są tam ogólnodostępne i lubiane przez Kanadyjczyków. „Jak do tej pory spotkałem się głównie z pozytywnymi opiniami na temat Polski i jej mieszkańców. Jesteśmy postrzegani jako naród wesoty i odważny, chociaż ze skłonnościami do alkoholu i wszczynania bójek. Nadal jesteśmy kojarzeni z komunizmem i jednolitością wyznaniową. Każdy tu wie kim był Jan Paweł II czy Lech Wałęsa”.

„W przeciągu kilku pierwszych miesięcy po przeprowadzce do Francji, usłyszałam kilkakrotnie o mojej „polskiej gębie”, którą da się rozpoznać nawet z dalekiej odległości”, mówi Ewa, studentka architektury w Paryżu. „Ze względu na to, że w opinii Francuzów pijemy wódkę codziennie i w dużych ilościach, na każdej imprezie ludzie spodziewają się, że będę ją piła litrami, prosto z butelki i oczywiście bez potrzeby popicia”. Z miłszych rzeczy dowiedziałyśmy się, że Polki uważane są tam za jedne z najpiękniejszych kobiet w Europie, a nasze kino i teatr są godne uwagi. „Gdy tylko wspomnę, że jest mi zimno, zawsze znajdzie się ktoś, kto ze zdziwieniem stwierdza, że przecież jestem z Polski a tam przecież ciągle jest zimno i powinnam być przyzwyczajona”. Odnośnie naszej gastronomii, Ewa usłyszała, że opiera się ona głównie na kapuście i burakach.

Co roku do Wielkiej Brytanii wyjeżdża wielu Polaków. Wydaje się, że powinni nas znać całkiem dobrze. Czy tak jest w rzeczywistości zapytałyśmy trójkę znajomych, którzy na wyspach mieszkają już od jakiegoś czasu. Wszyscy zgodnie stwierdzają, że mamy opinię ludzi pracowitych, którzy podejmą się każdego rodzaju pracy. Krąży jednak przekonanie, że nie mamy wykształcenia, dlatego nadajemy się wyłącznie do prac na najniższych stanowiskach. Agata, mieszkająca w Edynburgu, z doświadczenia wie, że nie sprawdza się to w praktyce. „W piekarni, w której pracuję kierownicy zmiany to zawsze Polacy. Wiąże się to z faktem, że zawsze potrafimy znaleźć rozwiązanie z trudnych sytuacji, jesteśmy w stanie wszystko załatwić i jesteśmy uważani za bardzo kontaktowych”. Mateusz, który od dłuższego czasu mieszka w Irlandii, powiedział nam, że nie zawsze mieliśmy tak pozytywną opinię. Twierdzi, że jeszcze 10 lat temu Polacy w Irlandii byli uważani za złodziei, pijaków i oszustów. „Obecnie taka opinia panuje raczej wśród młodzieży. Pracodawcy natomiast bardzo często chwalią zatrudnianych przez siebie Polaków, bo są pracowici i dobrze wykonują swoją pracę”. W Wielkiej Brytanii, tak jak i we Francji, polskie kobiety są uważane za piękne, ale bardzo temperamente i silne.

Jak można zauważyć na przykładzie powyższych wypowiedzi, stereotypy dotyczące Polaków powtarzają się niezależnie od szerokości geograficznej. Niektóre z nich są negatywne, niektóre pozytywne. Znajdziemy również te, które ciężko zakwalifikować do którejś z kategorii. Na przykładzie Wielkiej Brytanii widzimy, że stereotypy nie są czymś stałym i naszym zachowaniem możemy pracować na to, by opinia o Polakach stawała się co raz lepsza.

**Gabriela Grejner i Anna Małocha** (III rok, filologia iberyjska, język portugalski), 25 i 23 lata. Lubią dobrą kuchnię i odpoczynek.

## POLACOS ESTEREOTIPADOS

Os polacos gostam de beber muito e lutam bastante, apesar disso, são vistos como trabalhadores responsáveis. Só comem pierogi, couve e beterraba. Em cada casa polaca encontraremos um altar com a fotografia de João Paulo II e o aniversário de Lech Wałęsa é uma festa nacional. As nossas mulheres são as representantes mais bonitas da Europa Oriental, por isso são bem sucedidas nas casas de prostituição, nas quais trabalham fora das fronteiras do nosso país que está sempre coberto com neve. Perguntámos aos emigrantes polacos que opiniões sobre os polacos ouviram nos países onde moram.

Maria há cinco anos mora e trabalha em Estocolmo. Quando chegou à Suécia ficou surpreendida com o nível baixo do conhecimento que os suecos tinham sobre a sua pátria. “Muitas pessoas que encontrei, até nas instituições do Estado, tinham a certeza que a Polónia não se encontra na União Europeia. Outros reagiram com compaixão que me fez sentir como se eu fosse uma refugiada que vinha para a Suécia num bote usando só uma colher para remar.” Quando procurava trabalho, nunca lhe propuseram trabalho num bordel mas repetidamente ouvia que a maioria das polacas são prostitutas. No caso dos comentários positivos, na Suécia há uma opinião que somos desenrascados e lidamos com cada tipo do trabalho. “Os suecos nunca me trataram de maneira diferente por causa da minha ascendência. De vez em quando alguém olhava para mim com compaixão, depois de eu ter dito de onde era. Por outro lado notei que os polacos que encontrei cá, não se respeitam e tratam-se mal.”

Enquanto no Canadá, os polacos formam os grupos de amigos e raramente aceitam os estrangeiros. “No Canadá a gente vê-nos como os imigrantes que raramente se socializam com alguém fora do seu círculo cultural”, disse Klaudiusz que vive lá somente há um ano. O nosso prato mais conhecido, pierogi, é acessível facilmente e apreciado pelos Canadenses. “Até agora as opiniões que eu ouvi sobre a Polónia e os polacos foram positivas. Somos vistos como uma nação contente, brava e com tendência para beber muito álcool e provocar brigas. Ainda somos associados ao comunismo e unidade religiosa. Cada um sabe quem foi João Paulo II ou Lech Wałęsa.”

dade, sempre que estou numa festa as outras pessoas esperam que consuma litros de vodka diretamente da garrafa como se fosse água.” Quanto às coisas mais agradáveis ficamos a saber que em França as mulheres polacas são consideradas umas das mais bonitas na Europa e o nosso cinema e teatro são eminentes. “Quando menciono que estou com frio há sempre alguém que diz que sou da Polónia onde está sempre frio então deveria estar habituada às temperaturas baixas.” No que diz respeito à nossa gastronomia Ewa ouviu que geralmente é à base de couve e beterrabas.



Agata



Mateusz

Todos os anos muitos polacos emigram para o Reino Unido. Parece que os ingleses deveriam conhecer bem os nossos compatriotas. Será que é assim? Perguntamos aos nossos três amigos que vivem lá há algum tempo. Todos respondem unanimemente que somos considerados como as pessoas trabalhadoras que podem fazer qualquer tipo de trabalho. Porém, existe a convicção que não temos formação e por isso só podemos trabalhar nos postos mais baixos. Agata que vive em Edimburgo sabe de experiência que isto nem sempre funciona na prática: “Na padaria onde trabalho chefes de turno são sempre os polacos. Isto tem a ver com o facto que podemos sempre encontrar uma solução para resolver uma situação difícil, somos capazes de arranjar tudo e também somos considerados muito sociáveis”. Mateusz que vive na Irlanda diz que não sempre tínhamos tão boa reputação. Constata que ainda há dez anos os polacos eram considerados ladrões, bêbados e vigaristas. “Agora esta convicção existe apenas entre os jovens. Enquanto os empregadores louvam frequentemente os polacos que trabalham para eles porque são muito trabalhadores e cumprem bem os seus deveres”. Na Grã-Bretanha, tal como na França, as mulheres polacas são consideradas muito bonitas mas independentes e com temperamento.

Como podemos observar nos discursos anteriores, os estereótipos sobre os polacos repetem-se independentemente da latitude. Uns deles são positivos, outros negativos. Encontramos também alguns que não cabem em nenhuma destas categorias. Tomando um exemplo do Reino Unido podemos ver que os estereótipos não são permanentes e usando o nosso comportamento podemos fazer com que a opinião sobre os polacos se torne uma vez mais favorável.

**Gabriela Grejner e Anna Małocha** (3º ano de Estudos Portugueses) 25 e 23 anos. Gostam da boa comida e do bom descanso.



Ewa

“Depois de mudar-me para França, durante os primeiros meses ouvi várias vezes que tenho uma “cara polaca” que pode ser reconhecida facilmente à distância”, diz Ewa, estudante de arquitetura que vive em Paris. “Devido à opinião dos franceses que os polacos bebem vodka todos os dias e em grande quanti-

## WYWIAD Z IZĄ KLEMENTOWSKA, AUTORKA KSIĄŻKI „SAMOTNOŚĆ PORTUGALCZYKA”

Zwrot „Samotność Portugalczyka” to figura literacka podyktowana postawą Fernando Pessoa, wybitnego portugalskiego poety, który w „Księdze niepokoju” napisał: „Odosobnienie skroiło mnie na swój obraz i podobieństwo. Obecność drugiej osoby – jednej, jakiegokolwiek osoby – hamuje automatycznie tok mojego myślenia i podczas gdy dla normalnego człowieka kontakt z kimś innym jest bodźcem do ekspresji i wypowiedzi, dla mnie ten kontakt jest antybodźcem, jeśli to złożone słowo ma rację bytu w języku”

**„Było to, gdy kilka lat temu po raz pierwszy wylądowałam w Lizbonie.” Jak doszło do tego „lądowania”?**

Do Portugalii wyjechałam przez przypadek. Miałam taki okres w życiu, że potrzebowałam oddechu od natłoku informacji i wiadomości, a najlepszym rozwiązaniem było wyjechać do miejsca, którego języka się nie rozumie. Na początku miała to być Sardynia – włoskiego również wówczas nie znałam (i wciąż nie znam) – ale kiedy na lotnisku zobaczyłam nazwę „Lizbona” w jednej chwili zmieniłam zdanie, kupiłam bilet i kilka godzin później wylądowałam w stolicy Portugalii. I to była jedna z najlepszych decyzji w moim życiu. Okazało się, że rzeczywiście nie rozumiem ani słowa po portugalsku, nie docierał do mnie sens żadnego wyrazu i dzięki temu udało mi się odpocząć. Nie na długo jednak, bo reporterskiej natury się nie oszuka, zawsze zwycięży i zachciało mi się wiedzieć, o czym rozmawiają Portugalczycy.

**Kiedy zrodził się w Pani głowie pomysł na napisanie „Samotności Portugalczyka”?**

Na początku wyjeżdżałam do Portugalii, ponieważ bardzo odpowiadał mi klimat tego miejsca, jego powolność przemieszana ze spontanicznością. Miała być jedynie odskocznią od reporterskiego życia. Jednak kiedy na Targu Feira de Ladra znalazłam stare listy i zdjęcia z czasów kolonialnych oraz rządów Antonio de Oliveiry Salazara, poczułam, że chcę wiedzieć, dlatego Portugalczycy wyprzedają te listy i zdjęcia w takiej ilości. Dlaczego chcą się pozbyć swojej przeszłości. Nie myślałam jednak, że napiszę o tym książkę, chciałam to wiedzieć na początku tylko dla siebie, rozwiązać zagadkę. Zaczęłam pytać o to ludzi, ale nie kwapili się do odpowiedzi, często jej unikali, bądź wykręcali od niej. To tylko pogłębiło moją ciekawość. Zaczęłam szperać więc w archiwach, starych książkach i gazetach, przetrząsałam antykwariaty i inne targi ze starociami. Potem często przypadkowe spotkania, np. na ławce w parku kończyły się dłuższą pogawędką, z której później utkałam opowieści. Ale pomysł na książkę zrodził się dopiero po kilku latach, kiedy uznałam, że chyba rzeczywiście mam dużo historii, z których można byłoby stworzyć książkę. Nie wiedziałam na początku w jaki sposób ją złożyć, pomysł nasunął mi się dopiero, kiedy spisałam historię Karima z Pakistanu i jego portugalskiego przyjaciela dom Rui, który przyjechał do Portugalii z Angoli po Rewolucji Goździków kończącej wojny kolonialne. Dom Rui powiedział wtedy, że naród portugalski jest jak azulejos – każdy z innej strony świata, ale razem tworzą całość. To zdanie przesądziło o tym, żeby książkę zbudować tak jak mozaikę. I tej wizji trzymałam się już do ukończenia zbioru.

Już w pierwszym zdaniu reportażu przyznała się Pani do nieznamości języka: „cieszyłam się, że nic nie rozumiem. (...) komfort niezrozumienia (...) bywa niedoceniony”. Później jednak czytamy: „Rozkoszowałam się melodią (...). Jego powolnością i

rozciągniętością. (...) język portugalski działał na moje zmysły jak gorzka czekolada z nadzieniem kokosowym. Rozpływał się we mnie. Zjadałam ten język. Dla mnie był smaczny od początku do końca.”. Skąd to słodko-gorzkie porównanie?

Język portugalski jest – przynajmniej dla mnie – jedyny w swoim rodzaju. Jest w nim piękna melodia, czyli smaczny i słodki kokos a rozciągniętość i zaokrąglenie końcówek kojarzą mi się z jakimś rodzajem smutku. Wydaje mi się, że będąc w smutku wewnętrznie również się rozciągamy.

**Czy praca zmusiła Panią do nauczenia się języka portugalskiego, czy może była to dobrowolna decyzja?**

Chciałam nauczyć się języka, ponieważ po pierwsze - im dłużej go słuchałam, tym bardziej mi się podobał. A po drugie – wydaje mi się naturalne, że przebywając w jakimś kraju przez dłuższy czas i próbując rozmawiać z ludźmi, najlepiej robić to w ich języku.

**„Saudade, ach, saudade”, dla nas, Polaków, to zwyczajne portugalskie słowo oznaczające tęsknotę. Dla Portugalczyka „saudade” to podobno coś znacznie większego.**

Tęsknota wiąże się zazwyczaj z samotnością, z oczekiwaniem na kogoś, kto być może do nas wróci, lub też zwyczajnie przyjeździe (albo odwrotnie – już nigdy nie wróci); lub też na coś, co ma się wydarzyć, albo bardzo chcielibyśmy, żeby się wydarzyło (albo wiemy, że to, co minęło już się nie wróci). Obserwując Portugalczków i rozmawiając z nimi miałam wrażenie, że tęsknią oni w jakiś sposób za swoją przeszłością, w której byli pionierami w wielu dziedzinach, głównie w zamorskich wyprawach. Są z tego bardzo dumni i chętnie o tym mówią.

**Po latach poszukiwań i obserwacji, wielu przeprowadzonych rozmowach, może Pani z czystym sumieniem stwierdzić, że poznała mentalność mieszkańców Portugalii?**

Wydaje mi się, że nigdy nie da się powiedzieć, że zna się człowieka, jego mentalność, czy charakter. Można się starać, próbować go zrozumieć, ale czy to się uda pozostaje wielką niewiadomą. Dotyczy to zarówno osoby, z którą – powiedzmy – mieszka się całe życie, jak i osób innej narodowości. W książce wspominałam wspaniałego reżysera Wima Wendersa, który w filmie „Lisbon Story” mówi, że im bardziej przypatrywał się miastu, tym bardziej się ono cofało. Podpisuję się pod jego słowami w stu procentach.

**Zaciekawiły mnie słowa José Gila, które Pani zacytowała: „Portugalczycy nie umieją rozmawiać ani ze sobą, ani z innymi; ani rozmawiać, ani dyskutować, ani debatować. Stoją za tym dwa powody: szybko przechodzą z tematu na temat i jest w nich niemożność słuchania.” Pani z kolei twierdzi, że rozmowa jest dla Portugalczyków ważna.**

Tak, rozmowa jest ważna dla Portugalczyków, przechadzając się uliczkami Lizbony co rusz można natrafić na osoby, które zatrzymując się jedynie na chwilę, bo spotkały znajomą, spędzając tak stojąc i rozmawiając nawet godzinę, czy dwie. Gilowi chodziło bardziej o rozmowy wagi ciężkiej, na trudne i niewygodne tematy, Portugalczycy na pewno wolą rozmawiać na tematy lżejsze, nieobciążające psychicznie i poprawiające humor. Dlatego obie te opinie się nie wykluczają, a raczej uzupełniają. Jak we wszystkim i ze wszystkim – generalizować nie należy.

**Czy w rozmowach z Portugalczycami, zdarzyło się Pani usłyszeć: „O tym się nie mówi”? Czy istnieją tematy, które stanowią dla nich tabu?**

Kiedy spytałam o to portugalskiego pisarza młodego pokolenia Gonçalo M. Tavaresa, znanego w Polsce m.in. z „Jeruzalem”, „Panowie z dzielnicy”, to stwierdził, że Portugalczycy mogą roz-



mawiać o wszystkim – seksie, religii, polityce, przeszłości, itd. Ale też, że trzymają się trochę za języki z obawy, jak na słowa zareaguje ich mama. Tavares powiedział to w żartach, ale część prawdy w tym jest. Nigdy nie otworzą się do końca i ważą słowa, żeby nie zostały one bynajmniej źle odebrane przez otoczenie i nikogo nie uraziły. Niejednokrotnie słyszałam od Portugalczyków, że jeśli chodzi o religię, to jest to zbyt osobista sprawa, żeby otwarcie o niej rozmawiać. Podobnie jak o trudnej przeszłości, o której czasem ciężko było mi się cokolwiek dowiedzieć. Jak wspominałam już wcześniej, Portugalczycy wolą lżejsze i pogodniejsze tematy.

**„Dla Przeciętnego Portugalczyka nie jest ważne, by osiągnąć sukces w znaczeniu Europejskim, czyli karierę i wielkie pieniądze. (...) Portugalczycy, którzy stali się sławni na cały świat, jakąś wcześniejszą część życia spędzili poza granicami kraju. Tam, (...) nauczyli się, że żeby żyć trzeba być kimś.”** Czy to znaczy, że Portugalczycy szczęście odnajdują w przeciętności?

Myślę, że w słowach mojego rozmówcy – Antonio de Carvalho – bardziej chodziło o to, że Portugalczycy cenią sobie zwyczajne, codzienne życie, potrafią czerpać z niego, co się da i znajdują przyjemności nawet w drobnych zwyczajnych, codziennych czynnościach. I że nie muszą sięgać sławy, rozgłosu, czy bogactwa, żeby czuć się ludźmi spełnionymi i szczęśliwymi.

**Joao Soares, dom Rui, Karim, pan Ferreira, dom António i dona Augusta i wiele innych osób. Ich historie przeplatają się z postaciami znanych Portugalczyków takich jak Gonçalo M. Tavares czy António de Oliveira Salazar. Czy te opowieści miały służyć za tło dla poznania realiów Portugalii, czy może to właśnie pytania o historię i aktualną sytuację tego kraju były pretekstem do bliższego poznania jego mieszkańców?**

Wszystkie te historie były bardzo ciekawe, niezwykle osobiste i pełne emocji, i przy okazji ukazują w jakiś sposób to, kim są teraz i kim byli kiedyś Portugalczycy, przez co przeszli w czasach rządów Antonio de Oliveiry Salazara, jak na nich wpłynęły lata, podczas których szpiegowano zwykłych obywateli na ulicach. Już teraz wiadomo, że do tajnej policji PIDE napływało bardzo dużo donosów na sąsiadów, współpracowników, czasem nawet na rodzinę. Podobno w archiwach policji znaleziono ponad milion teczek obywateli (na 10 milionów mieszkańców Portugalii). Dla mnie najważniejsze były opowieści zwykłych ludzi, którym zdarzyło się żyć i mieszkać w tym właśnie kraju, w tych właśnie czasach i pod takimi, a nie innymi rządami. Człowiek nigdy nie będzie żyć w oderwaniu od okoliczności i miejsca, w którym przyszło mu mieszkać.

**Nie byłabym kobietą gdybym nie zapytała o rozdział zatytułowany „Trzy Marie”. Od czasu wydania książki tych pań minęło ponad czterdzieści lat. Czy „Novas Cartas Portuguesas” miały duży wpływ na kształtowanie się osobowości współczesnych Portugaliek?**

Myślę, że można tak powiedzieć, ponieważ zarówno na uniwersytecie w Porto, jak i Nova w Lizbonie powstały specjalne studia feministyczne, na których szczegółowo omawia się wciąż i bada książkę Marii Isabel Barreno, Marii Teresy Horty i Marii Velho da Costy. Jeszcze w latach 50-tych XX wieku na uczelniach studiowało zaledwie około 20 procent kobiet, teraz liczbą przewyższają mężczyzn i garną się do wszystkich dziedzin życia, nauki i gospodarki. Oczywiście, na wsiami czy w mniejszych miasteczkach wciąż panuje patriarchalny model funkcjonowania rodziny, jednak w Lizbonie, Porto i innych większych miastach, większość Portugaliek jest wyemancypowanych i świadomych swoich praw.

**A czy słowa: „(...) Portugaliki serca mają gorące, ale w okazywaniu miłości na co dzień są raczej oschłe.” uważa Pani za**

**sprawiedliwe? Czy jeśli chodzi o sposób myślenia, portugalskie kobiety różnią się bardzo od Polek?**

Nie chciałabym w tym miejscu generalizować, ponieważ wydaje mi się, że i Portugalki, i Polki potrafią okazywać uczucia bardzo mocno, tak jak i potrafią być oschłe. Jednak słowa starszego pana, któremu przeczytałam fragment niezwykle namiętnego listu pewnej pani znalezionej na targu Feira de Ladra, potwierdziło później wielu portugalskich mężczyzn. Jaka jest prawda, trudno mi to ocenić. Wobec mnie wiele Portugaliek było serdecznych, ale też wiele zachowywało bardzo duży dystans. Słyszałam słowa, że my, kobiety ze wschodniej Europy przyjeżdżamy do Portugalii i zabieramy ich mężczyzn oraz prawie zawsze pytania, czy jestem zamężna. Dopóki mówiłam prawdę, że nie – rozmawiało mi się z nimi trudniej, kiedy zaczęłam mówić, że tak – powoli się otwierały.

**Portugalia to nie tylko Portugalczycy. Zetknęła się Pani z imigrantami z Chin, Indii, Pakistanu, z Brazylii. Czy praca jest jedynym powodem, dla którego wybierają ten właśnie kraj?**

Myślę, że do Portugalii przyciąga ich ten sam język – w przypadku Brazylijczyków, Angolczyków, czy Mozambijczyków – z tego powodu jest im znacznie łatwiej znaleźć pracę i odnaleźć się, niż w innych zakątkach świata, w których nie mówi się po portugalsku. Jeżeli chodzi o inne nacje, to wydaje mi się, że Portugalia przyciąga ich również wspaniałym klimatem, jedzeniem oraz stosunkowo jednak tańszym życiem, niż w wielu miejscach Europy. Poza tym wielu przyjeżdża do Portugalii, ponieważ coraz więcej mieszka w niej ich rodaków, a są to osoby wywodzące się z kultury, która ceni więzi z własnymi rodakami. Jedni Portugalczycy nie pochwalają napływu obcokrajowców, ponieważ uważają, że zabierają im pracę (lub mężczyzn), drudzy natomiast bardzo się cieszą z tego, że wiele osób wybiera właśnie ich kraj na swoją nową ojczyznę, ponieważ to oznacza, że jest dobry kraj do życia pod wieloma względami, i że wielokulturowość może jedynie wzbogacać.

**Portugalia cieszy się niesłabnącym zainteresowaniem obcokrajowców. Co Portugalczycy myślą o turystach? Pani też przecież była turystką. Czy z racji tego, spotykała się Pani czasem z niechęcią miejscowych?**

Pedro Magalhaes z zespołu Madredeus powiedział mi, że cieszy się z turystów, ponieważ wraz z nimi przypryływają i przylatują również ich pieniądze tak potrzebne do rozwoju kraju. Portugalczycy lubią chwalić się swoją ojczyzną i słusznie, ponieważ Portugalia ma wiele do zaoferowania, jednak czasem daje się zaobserwować pewne rozdrażnienie, kiedy tych turystów zaczyna być w danym miejscu zbyt wielu. Portugalczycy potrafią wówczas nawet fuknąć. Kiedy człowiek zabłąka się w bardziej nieznanym zakątku, wówczas zaobserwuje niezwykle ciekawość Portugalczyków i ich zdumienie, że się tam trafiło. Pamiętam, jak pewnego upalnego dnia trafiłam do maleńkiej tawerny niedaleko Cais do Sodre, schowanej pośród wąskich uliczek tak, że rzeczywiście trudno ją dojrzeć z turystycznych szlaków. Pan siedzący naprzeciwko za wszelką cenę chciał zgadnąć, z jakiego kraju pochodzę i umówiliśmy się, że za każdą pomyłkę będzie mi stawiał małą przekąskę. Byłam Szwedką, Dunką, Niemką, Szwajcarką, Brytyjką, Francuską a nawet Japonką, więc wyszłam z tawerny z pełnym brzuchem. To było bardzo ciekawe popołudnie.

**25 sierpnia miną dwa lata od ukazania się „Samotności Portugalczyka”. Zaledwie kilka dni temu premierę miał Pani nowy reportaż „Szkielet białego słonia” o Mozambiku, którego historia od setek lat jest związana z historią Portugalii. Co może Pani powiedzieć osobom, które jeszcze się z nim nie zapoznały?**

## Livros

Że jest to historia, w którym równie ważnym elementem jak człowiek, jest również dom. To, w jaki sposób i gdzie go znajdujemy, że czasem jest to od nas niezależne, że znajdujemy go czasem nawet wbrew sobie. I że jego nagła strata może powodować bóle fantomowe nawet przez resztę życia.

**Czy czytelnicy mogą mieć nadzieję, że nie jest to ostatni reportaż dotyczący Portugalii lub któregoś z państw portugalskojęzycznych?**

Na razie jeszcze za wcześnie, żeby cokolwiek mówić. Ale dziękuję.

**Paulina Kubik** (III rok, filologia iberyjska, język portugalski) Jestem z Lublina. Tutaj się urodziłam, tak więc mogę powiedzieć, że znam to miasto od podszewki. Kocham piłkę nożną. Nie wychodzę z domu bez słuchawek. Nie jem słodczy i marzę o zwiedzeniu Gruzji.

**Beata Zuzel** (III rok, filologia iberyjska, język portugalski) Wielka fanka czekolady, wsi i starych animacji Disneya. Domatorka z duszą podróżnika, która spędza czas na szukaniu miejsc "muszę-zobaczyć". Uwielbiam morze zimną i góry, gdy śnieg nie ukrywa ich piękna. Moje marzenia? Zdażyć zrobić coś dobrego dla ludzkości i stworzyć sanktuarium dla słoni w Alentejo.

Iza Klementowska  
SAMOTNOŚĆ PORTUGALCZYKA



## ENTREVISTA COM IZA KLEMENTOWSKA, AUTORA DO LIVRO „SAMOTNOŚĆ PORTUGALCZYKA”

O título “Solidão dum português” é uma figura literária ditada pela atitude de Fernando Pessoa, um proeminente poeta português, que no “Livro do Desassossego”, escreveu: “ O isolamento talhou-me à sua imagem e semelhança. A presença de outra pessoa — de uma só pessoa que seja — atrasa-me imediatamente o pensamento, e, ao passo que no homem normal o contato com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contato é um contraestímulo, se é que esta palavra composta é viável perante a linguagem.”

**“Foi quando, há vários anos, aterrei em Lisboa pela primeira vez.” Como é que chegou a “aterrar” ali?**

Eu fui a Portugal por acaso. Estava num período da minha vida, em que precisava de recuperar o fôlego do grande volume de notícias e informações, e a melhor solução era ir para um lugar cujo idioma não se percebe. No início ia ser a Sardenha – naquele tempo também não sabia italiano (e ainda não sei) - mas quando no aeroporto vi o nome “Lisboa” imediatamente mudei a minha decisão, comprei o bilhete e algumas horas mais tarde aterrei na capital de Portugal. E foi uma das melhores decisões da minha vida. Efetivamente, eu não percebia nem uma palavra portuguesa, não chegava a mim qualquer sentido da palavra, e, portanto, era capaz de relaxar-me. Mas não por muito tempo, porque a natureza jornalística não se pode trapacear, ganha sempre, e eu estava com anseio de saber sobre o que falam os portugueses.

**Quando nasceu a ideia de escrever “Solidão dum português”?**

No início viajava para Portugal porque gostava muito da atmosfera deste lugar, da sua lentidão misturada com a espontaneidade. Considerava isso como um retiro temporário da vida jornalística. Mas quando na Feira da Ladra encontrei umas cartas e umas fotografias antigas, da era colonial e do Estado Novo de António de Oliveira Salazar, senti, que queria saber por que os portugueses vendem estas recordações em tal quantidade. Porque é que eles querem livrar-se do seu passado. Mas eu não pensava em escrever um livro sobre isso, no início queria saber a resposta apenas para mim, resolver o mistério. Comecei a perguntar, mas a gente estava relutante em responder, muitas vezes esquivava a resposta. Isso só aumentou a minha curiosidade. Então, comecei a procurar nos arquivos, nos livros velhos e nos jornais, percorria antiquários e outras feiras com coisas velhas. Depois de muitos encontros aleatórios, por exemplo num banco no parque, terminavam numa longa conversa, que mais tarde tecia em histórias. Mas a ideia do livro nasceu depois de vários anos, quando admiti que talvez tenha muitas histórias, das quais poderia criar um livro. No início, não sabia como deveria apresentá-lo, a ideia surgiu quando escrevi a história de Karim do Paquistão e do seu amigo português, dom Rui, que veio de Angola para Portugal após a Revolução dos Cravos que terminou com a Guerra Colonial. Dom Rui disse que a nação portuguesa é como os azulejos - cada um de outro lado do mundo, mas juntos, formam uma totalidade. Esta frase determinou a forma do livro como um mosaico. E eu fui fiel a esta visão até o fim da reportagem.

Já na primeira frase da reportagem admitiu que não conhece a língua: “Estava feliz que não percebia nada. (...) o conforto de não entender (...) às vezes é subestimado. “ Mas mais tarde, vemos: “deleitava-me com a melodia (...). Sua lentidão e a sua extensão. (...) a língua portuguesa agiu sobre meus sentidos como o chocolate preto com recheio de coco. Derreteu-se dentro de mim. Eu comia este idioma. Para mim foi bom do início ao fim.” De onde saiu esta comparação agridoce?

O português é - pelo menos para mim - único. Tem uma bela melodia, que é saboroso e doce como coco, e a extensão e pontas arredondadas associam com algum tipo de tristeza. Acho que estando com tristeza interna também nos faz esticar um pouco.

Foi o trabalho que a forçou a aprender português, ou foi uma decisão voluntária?

Eu queria aprender a língua, porque primeiro - quanto mais tempo a ouvia, mais gostava dela. E em segundo lugar - parece-me natural que estando num país por um longo período de tempo e tentando falar com as pessoas, é melhor fazê-lo na sua língua.

“Saudade, ah, saudade”, para nós, os polacos, esta palavra portuguesa significa simplesmente “*tesknota*”. Para os portugueses “saudade” é aparentemente algo muito maior.

A saudade é geralmente associada com a solidão, com a expectativa de alguém que possa voltar para nós, ou simplesmente chegar (ou vice-versa - nunca mais voltará); ou algo que vai acontecer, ou nós gostaríamos que acontecesse (ou nós sabemos que o que passou não voltará). Observando os portugueses e falando com eles, eu sentia que eles têm saudade do seu passado, na qual eles foram pioneiros em muitas áreas, principalmente nos descobrimentos marítimos. Eles são muito orgulhosos disso e com prazer fala sobre esta parte da sua história.

Depois de anos de pesquisa, observação e muitas entrevistas, pode dizer honestamente que conheceu a mentalidade dos habitantes de Portugal?

Parece-me que nunca se pode dizer que se conhece alguma pessoa, a sua mentalidade e o seu caráter. Pode tentar compreendê-la, mas se consegue ou não continua a ser um grande mistério. Isto aplica-se tanto para a pessoa com que - digamos - vive toda a sua vida, tanto como com as pessoas de outras nacionalidades. No livro menciono o magnífico diretor Wim Wenders, que no filme “Lisbon Story”, diz que quanto mais observava a cidade, mais esta retrocedia. Eu subscrevo as suas palavras, cem por cento.

Citou as palavras de José Gil, que escreveu: “Os portugueses não sabem falar uns com os outros, nem dialogar, nem debater, nem conversar. Duas razões concorrem para que tal aconteça: mudam de assunto rapidamente e a incapacidade de ouvir”. Mas na sua opinião afirma que a conversa é importante para os portugueses.

Sim, a conversa é importante para os portugueses, passando pelas ruas de Lisboa, pode cruzar-se com pessoas que param apenas por um momento, porque encontraram um familiar e passam uma ou duas horas a conversar. Gil referia-se mais às conversas pesadas sobre as coisas difíceis e desconfortáveis. Os portugueses certamente preferem falar sobre assuntos mais leves, de baixo impacto mental e aquelas que melhoram o humor. Portanto, ambas as opiniões não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares. Como em tudo e com tudo - não se deve generalizar.

Em conversações com os portugueses, alguma vez ouviu, “Disso não se fala”? Há temas que são tabu para eles?

Quando perguntei sobre isso a um escritor português da ge-

ração jovem, Gonçalo M. Tavares, conhecido na Polónia entre outros por “Jerusalém”, afirmou que os portugueses podem falar sobre tudo - sexo, religião, política, passado, etc. Mas também têm cuidado com o que dizem por medo da reação da sua mãe a estas palavras. Tavares disse isso a brincar mas existe alguma verdade nisso. Eles nunca se abrirão totalmente e medem as palavras, para não serem mal percebidas pelos que os rodeiam e ninguém ficar ofendido. Mais de uma vez eu ouvi um português dizer que quando se trata de religião, é uma coisa demasiadamente pessoal para falar abertamente sobre isso. O mesmo se passa com o passado difícil, do qual às vezes era difícil ficar a saber qualquer coisa. Como mencionei anteriormente, os portugueses preferem temas mais leves e alegres.

„Para um português comum não é importante alcançar o sucesso no sentido europeu, ou seja uma carreira e muito dinheiro. (...) Os portugueses que se tornaram famosos em todo o mundo, passaram alguma parte da sua vida anterior fora do país. Lá, (...) aprenderam que têm que ser alguém”. Isto significa que os portugueses encontram a sua sorte na mediocridade?

Eu acho que as palavras do meu interlocutor - António de Carvalho - significavam que os portugueses apreciam uma vida normal, uma vida diária, são capazes de tirar dela tudo o que podem e encontram os prazeres mesmo nas atividades pequenas e banais. E não têm de alcançar a fama ou riqueza para sentirem-se felizes e realizados.

O João Soares, o dom Rui, o Karim, o Sr. Ferreira, o dom António e a dona Augusta, e muitos outros. As suas histórias entrelaçam-se com os personagens bem conhecidos dos portugueses como Gonçalo M. Tavares ou António de Oliveira Salazar. Estas histórias foram utilizadas como fundo para a compreensão da realidade de Portugal, ou talvez, as perguntas sobre a história e a situação atual do país foram um pretexto para conhecer os seus habitantes?

Todas estas histórias foram muito interessantes, muito pessoais e emocionais, e ao mesmo tempo mostraram de qualquer maneira quem eles são agora e quem foram antes os portugueses, o que eles passaram durante a ditadura de António de Oliveira Salazar, como foram influenciados pelos anos durante os quais eles espionavam os cidadãos comuns nas ruas. Agora sabemos que à PIDE, à polícia secreta, chegavam muitas denúncias de vizinhos, colegas de trabalho e, às vezes, até mesmo de familiares. Aparentemente, nos arquivos da polícia encontraram mais de um milhão de pastas dos cidadãos (em 10 milhões de habitantes de Portugal). Para mim, o mais importante eram as histórias de pessoas comuns que viveram naquele país, nesses tempos e sob tais e não outros governos. Um homem nunca vai viver isolado das circunstâncias e do local onde ele tem que viver.

Eu não seria uma mulher se não perguntasse sobre o capítulo intitulado “Três Marias”. Desde o lançamento do livro destas senhoras passaram mais de quarenta anos. As “Novas Cartas Portuguesas” tiveram uma grande influência na formação da personalidade das portuguesas contemporâneas?

Acho que sim porque tanto na Universidade do Porto como na Universidade Nova em Lisboa criaram os estudos feministas especiais nos quais se discute e analisa em detalhes o livro de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Ainda na década de 50 do século XX, nas universidades estudavam apenas cerca de 20 por cento das mulheres. Agora ultrapassam os homens e querem participar em todas as áreas da vida, ciência e economia. Claro, nas aldeias e cidades pequenas ainda existe um modelo patriarcal da família, mas em Lisboa,

## Livros

Porto e outras grandes cidades, a maioria das portuguesas são emancipadas e conscientes dos seus direitos.

E acha que as palavras: "(...) as mulheres portuguesas têm um coração quente, mas para mostrar o seu amor são bastante frias" são justas? No que diz respeito à maneira de pensar, as mulheres portuguesas são muito diferentes das mulheres polacas?

Eu não queria generalizar aqui, porque parece-me que e as mulheres portuguesas e as mulheres polacas são capazes de mostrar emoções muito fortemente, assim como elas podem ser frias. Mas as palavras de um senhor idoso que li numa carta apaixonada para uma senhora, que encontrei na Feira da Ladra, foram mais tarde confirmadas por muitos homens portugueses. Como é a verdade, para mim é muito difícil julgar. Muitas das portuguesas foram cordiais para mim, mas também muitas delas mantinham uma distância muito grande. Eu ouvi que nós, as mulheres da Europa de Leste vimos para Portugal e levamos os seus homens, e quase sempre me perguntavam se sou casada. Enquanto dizia a verdade, que não, a conversa era mais difícil, mas quando comecei a dizer que sim, elas abriam-se devagar.

**Portugal não é só portugueses. Encontrou-se com imigrantes da China, Índia, Paquistão, Brasil. O trabalho é a única razão para que escolham este país em particular?**

Acho que são atraídos para Portugal por terem a língua em comum - no caso dos brasileiros, angolanos, moçambicanos - por esta razão, é muito mais fácil para eles encontrar um trabalho e viverem do que em outras partes do mundo onde não se fala português. No caso das outras nações parece-me que Portugal, também os atrai por causa do clima ótimo, a comida e uma vida relativamente mais barata do que nos outros lugares da Europa. Além disso, muitos vêm para Portugal, porque cada vez mais compatriotas seus vivem aqui e eles são as pessoas com origem numa cultura que valoriza os laços entre compatriotas. Alguns portugueses não aprovam este afluxo de estrangeiros, porque pensam que eles roubam o seu trabalho (ou homens), outros, porém, estão muito felizes que muitas pessoas escolhem o seu país para a sua nova pátria, porque isto significa que é um bom país para viver sob muitos aspetos e que o multiculturalismo enriquece.

**Portugal goza de interesse incansável dos estrangeiros. O que é que os portugueses pensam dos turistas? Porque na verdade, também foi turista. Sentiu por causa disso má vontade por parte dos moradores?**

Pedro Magalhães da banda Madredeus disse-me que ele está contente com os turistas, porque com eles vem também o seu dinheiro tão necessário para o desenvolvimento do país. Os portugueses gostam de jactar-se da sua terra natal, e com razão, porque Portugal tem muito para oferecer, mas, por vezes, pode ser observada uma certa irritação quando começam a haver demasiados turistas. Então pode saltar-lhes a tampa. Quando um homem se perde num lugar desconhecido, em seguida observa a curiosidade extraordinária dos portugueses e o seu espanto por ter chegado ali. Lembro-me que num dia tórrido entrei numa pequena taberna perto do Cais do Sodré, escondida entre as ruas estreitas que é realmente difícil ver a partir das rotas turísticas. O senhor que estava sentado à minha frente a todo o custo queria adivinhar o meu país de origem e nós concordamos que por cada resposta errada pagava-me um petisco. Eu era sueca, dinamarquesa, alemã, suíça, inglesa, francesa e até mesmo japonesa, por isso deixei a taberna com a barriga cheia ☺ Foi uma tarde muito interessante.

Em 25 de agosto passam dois anos desde o lançamento de "Solidão dum português." Apenas alguns dias atrás foi lançado o seu novo livro "O esqueleto do elefante branco" sobre Moçambique, cuja história há séculos que está ligada à de Portugal. O que é que pode dizer às pessoas que ainda não o conhecem?

É uma história onde o homem é tão importante como o lar. Como e onde o encontramos, que às vezes isto não depende de nós, que o encontramos a despeito de nós mesmos. E quando subitamente perdemos pode causar dores terríveis para o resto da vida.

**Os leitores podem ter esperança que esta não é a última reportagem sobre Portugal ou sobre qualquer país lusófono?**

Agora ainda é demasiado cedo para dizer qualquer coisa, mas muito obrigada.

**Paulina Kubik, 3º ano de Estudos Portugueses.** Sou de Lublin, aqui nasci, então, posso dizer que eu conheço esta cidade de dentro para fora. Amo o futebol alemão, não saio de casa sem os meus auscultadores, não como doces e sonho visitar a Geórgia.

**Beata Zuzel, 3º ano de Estudos Portugueses.** Grande fã de chocolate, do campo e de filmes de animação antigos da Disney. Uma caseira com a alma do viajante que passa o tempo em busca dos lugares "tenho-de-ver". Gosto muito do mar no inverno e das montanhas quando a neve não cobre a beleza delas. Os meus sonhos? Conseguir fazer algo bom para a humanidade e criar um santuário para elefantes no Alentejo.



## WYWIAD Z BYŁYM WIĘZNIEM POLITYCZNYM

W niedzielne, słoneczne i ciepłe październikowe popołudnie wybrałam się do dawno niewidzianej rodziny mieszkającej we wsi Ornatowice, aby porozmawiać z krewnym aresztowanym w 1985 roku. Wujek jest osobą, dla której takie wartości jak Bóg, Honor, Ojczyzna mają wielkie znaczenie. Przyjął mnie bardzo serdecznie i ucieszył się z tego, że młodzież interesuje się wydarzeniami z tamtych lat. Z wielkimi emocjami i niejednokrotnie ze wzruszeniem opowiedział o swoich przeżyciach z czasów „Solidarności”.

**Jak to się stało, że, będąc rolnikiem, zaangażowałeś się w działalność polityczną?**

Zaczął się od tego, że w czasie tworzenia „Solidarności” przyjechał do naszego komendanta straży pożarnej w Hrubieszowie przedstawiciel z Gdańska. Zachęcił go do zakładania rolniczej „Solidarności” na naszym terenie. To dzięki ich inicjatywie zaczęły powstawać pierwsze koła rolników w naszej gminie. W Ornatowicach koło zostało założone w listopadzie 1980 roku.

**Czym zajmowało się Wasze koło?**

Wieczorami, po robocie, zbieraliśmy się wszyscy w remizie, aby rozmawiać o sytuacji politycznej i gospodarczej w kraju, potem jeździliśmy po sąsiednich wsiach, żeby namawiać chłopów do tego, żeby oni też zakładali swoje koła. Już w grudniu na terenie gminy istniało 18 kół. Nazwano to Gminnym Związkiem Solidarności Wiejskiej, a następnie przemianowano na Związek Rolników Indywidualnych „Solidarność”. 12 maja 1981 roku powstał legalny związek, który bronił i wspierał rolników. Organizowano zebrania w Urzędzie Gminy, podczas których rozmawialiśmy o sprawach gospodarczych, gminnych, a także nie wprost, nieoficjalnie, o sytuacji politycznej w Polsce.

**Czy władze nie sprzeciwiały się takim spotkaniom?**

Nasyłali na nas kontrole, na zebrania przychodzili tajniacy, zbierali dowody, aby nas uziemić, ale nie mieli podstaw, bo przy nich rozmawialiśmy o nawozach i uprawie roli. Oprócz spotkań brałem udział w strajku okupacyjnym w Zamościu przy ul. Bazylińskiej 4. Z każdego koła w województwie codziennie byli tam dyżurujący przedstawiciele. Strajk trwał aż do ogłoszenia stanu wojennego, czyli do nocy z 12 na 13 grudnia.

**Gdzie zastało Cię ogłoszenie stanu wojennego?**

Byłem wtedy w domu. Akurat nie miałem dyżuru, skończyłem go 2 dni wcześniej. Milicja obstawiła całą ulicę Bazylińską, mieli listę osób, które od razu internowali, pozostałych wsadzili w samochody, wywieźli gdzieś w pole albo do lasu i tam ich zostawili. Był wtedy okropny mróz, a oni nie wiedzieli, gdzie są, pieszo wracali do domu, błąkali się długo po okolicy.

**Co dalej działało się ze związkiem?**

Cała Solidarność zeszła do „podziemi”. Odbýwały się nieoficjalne msze za ojczyznę, co miesiąc w innym kościele. W międzyczasie nielegalnie przekazywaliśmy gazety. Dzięki nim wiedzieliśmy, co się dzieje na Wybrzeżu, Śląsku, w Warszawie, bo z radia i telewizji prawdy nie mogliśmy się dowiedzieć. Trwało to do 1985 roku.

**Nie bałeś się tego, że w końcu złapią Was z nielegalnymi gazetami i ulotkami?**

Każdy się bał, staraliśmy się być ostrożni, ale niestety któregoś dnia wpadli do mnie do domu na rewizję i wszystko znaleźli.

**Możesz opowiedzieć, jak to się stało?**

Był to dzień poświęcenia kamienia węgielnego pod budowę kościółka we wsi. Zjechało się dużo ludzi. Miałem dla nich dużo nowych biuletynów, ulotek i gazet. Schowałem to w garażu w szafie, która miała ukrytą szufladę. Wpadli na rewizję z samego rana przeszukując cały dom. Moja starsza córka też była zaangażowana w działalność. Pisała kroniki i pamiętniki, w których zapisywała fakty, daty, nazwiska. Gdyby to dostało się w ręce SB, poszłoby za mną jeszcze wielu ludzi. Mieliby niezbita dowody na nas. Trzymała to wszystko w domu. Wykorzystując chwilę nieuwagi ubeków, szybko wyrzuciła z plecaka podręczniki młodszej siostry i włożyła tam swoje notatki, gazety i wysłała ją szybko do szkoły. Młodsza córka – Iwona – z wielkim strachem i trzęsącymi się kolanami wyszła z domu i poszła do szkoły. Nikt nie zwrócił uwagi na małe dziecko idące z tornistrem. Nikt by nic nie znalazł, gdyby nie jeden ubek, który miał taką samą szafę, przez co wiedział o skrytce. Zabrali mnie wtedy na przesłuchanie do aresztu w Hrubieszowie. Bardzo byli zadowoleni, że im się udało. Razem ze mną zabrano jeszcze kilka osób ze wsi.

**Jak wyglądało to przesłuchanie?**

Nie chciałem się do niczego przyznać. Pierwszą dobę nie można mi było wstać od stołu, siedziałem na stołku i musiałem cały czas odpowiadać na te same pytania. Nie dostałem nic do jedzenia ani do picia. Czwartego dnia już zrozumieli, że nic im nie powiem. O godzinie 1 w nocy kazali mi napisać zeznania na kartce. Napisałem, a kiedy mi je przynieśli do przeczytania, okazało się, że mieli tam grafologa, który dokładnie podrobił moje pismo i napisał to, co chcieli usłyszeć ode mnie. Zabrałem tę kartkę, podarłem i krzyknąłem, że to nieprawda, bo wiedziałem, że chcą mnie zastraszyć i pokazać, że mogą zrobić ze mną, co zechcą. Któregoś dnia zaproponowano mi kawę, ale pomimo wielkiego pragnienia bałem się ją wypić, bo mogliby zrobić ze mnie „głupiego Jasia”.

**Czy używali wobec Ciebie przemocy?**

Znęcali się psychicznie. Przywieźli do aresztu starszą córkę Asię i zagrozili jej, że nie dostanie się na studia, jeśli nie zmusi mnie do przyznania się. Myśleli, że ją zastraszą. Stosowali przy niej sztuczny chaos, tłukli w drzwi, stukali krzesłami, słychać było jakiś rumor i krzyki. Powiedzieli jej, że to trwa przesłuchanie ojca. Próbowali rozmawiać z nią na zasadzie dobrego i złego policjanta, chcieli ją skołować. Aśka mając mój charakter nie ugięła się. Kiedy wprowadzili ją do mnie i miała namawiać mnie do przyznania się, powiedziała tylko na ucho: „Cześć. Trzymaj się, głowa do góry, nic nie powiedziałam, w domu wszystko w porządku”. Szybko i z nerwami ją wyprowadzili. Te słowa wiele dla mnie znaczyły i wiedziałem, że teraz wytrwam do końca.

Pamiętam jeszcze, że jak ją wtedy przywieźli, zabrali też ze wsi żonę jednego z moich kolegów, z którym byliśmy aresztowali, wraz z kilkunastomiesięcznym dzieckiem. Wyglądaliśmy strasznie, brudni, zarośnięci, wygłodzeni. Ubęcy zabrali ją na przesłuchanie, a to małe dziecko zostawili z ojcem, którego nie poznało i bało się. Dziecko przez kilka godzin pisało, płakało, ojciec nie mógł go uciszyć. Przesłuchiwana matka wszystko to słyszała. Długo nie musieli jej wypytywać. Szybko powiedziała im, co chcieli, bo nie mogła znieść tego płaczu, nie wiedziała, co się dzieje za drzwiami z jej dzieckiem. Było to celowe działanie. Trafili w czuły punkt.

Inną ich celową zagrywką było przyprowadzenie więźnia, który mówił, że nie przyzna się nigdy do kradzieży, ale jak powybijali mu zęby, połamali żebra i strasznie pobili, chłopak od razu krzyczał, że wszystko powie. Powiedzieli, że mnie też to czeka. Jednak tego nie zrobili. Politycznych nie bili.

## História

Po jakim czasie i z jakim skutkiem skończyły się te przesłuchania?

Przesłuchania trwały dwa tygodnie. Spędziłem je w maleńkiej, zimnej celi, śpiąc na samych deskach, niemyty, niegolony, jedząc jedną kromkę chleba ze smalcem i cebulą dziennie. Kiedy zrozumieli, że nic nie powiem, mężczyzna, który mnie przesłuchiwał, dał mi paczkę papierosów, kazał umyć się, ogolić i zabrali mnie do więzienia.

**Jak długo przebywałeś w więzieniu?**

Byłem tam 2 miesiące, do 11 listopada. Na mocy amnestii zostałem zwolniony. Po wyjściu z więzienia na znak solidarności z Wałęsą przez pewien czas nosiłem wąsy.

**Co działo się dalej? Czy byłeś wolnym człowiekiem?**

29 listopada odbyła się sprawa, na którą mogłem przyjść z wolnej stopy. Na sali był tylko sędzia i adwokaci, których nie dopuszczono do głosu. Jeden z kolegów, który do wszystkiego się przyznał, został uniewinniony, ja się nie przyznałem, skazano mnie wtedy na 2 lata w zawieszeniu. Mówiła o nas wtedy nawet Wolna Europa. W 1990 roku przysłała kasacja wyroku.

**Czy pośród tych okropnych zdarzeń przeżyłeś zabawne momenty?**

Pamiętam, że we wsi na sklepie rolnicy napisali dużymi literami „czerwone bandziory hajda na wybory”. Ubecy, kiedy przyjechali to zamalować, weszli ze sprzedawcą do sklepu, ale zostawili na zewnątrz klucz w drzwiach. Chłopi, wykorzystując to, od razu zamknęli drzwi z nimi w środku. Pod sklepem zebrało się pół wsi i mieliśmy kupę śmiechu. Powychodzili dużym łufcikiem w oknie i bardzo źli powsiadali do samochodów i odjechali.

**Co sądzisz dzisiaj o tych wydarzeniach?**

Wtedy byłem o wiele młodszy i silniejszy, ale teraz pomimo mojego wieku robiłbym to samo, nawet więcej. Niczego nie żałuję. Chociaż nie takiej Polski chcieliśmy...

Bardzo dziękuję za podzielenie się swoimi wspomnieniami i za lekcję historii.

**Aleksandra Deska (II rok Filologia Iberyjska):** Mieszkam w Puławach. Mam 22 lata. Lubię bardzo spędzać czas z przyjaciółmi planując podróże po świecie. W wolnym czasie lubię chodzić do kina i uczyć się języków.

**Magdalena Ilczuk (II rok Filologia Iberyjska):** Jestem z Zamościa. Lubię spędzać wolny czas z rodziną i przyjaciółmi poza miastem.

## ENTREVISTA COM UM ANTIGO PRESO POLITICO

Num domingo ensolarado e quente, fui a casa do tio da minha mãe que vive em Ornatowice, uma aldeia perto de Zamość. Visitei-o para conversar sobre as suas recordações da lei marcial e as ações relacionadas com o „Solidariedade”.

O meu tio é uma pessoa para quem os valores como Deus, honra e pátria são os mais importantes na sua vida. Ele saudou-me calorosamente e estava muito feliz que há jovens interessados nos acontecimentos daqueles anos. Com grande emoção contou as suas recordações dos tempos do „Solidariedade”

**Como é que sendo agricultor te envolveste em atividades políticas?**

Tudo começou quando veio o representante do „Solidariedade” de Gdańsk para encorajar o nosso comandante do corpo de bombeiros a estabelecer uma delegação do „Solidariedade” de agricultores na nossa área. Graças à sua iniciativa começamos a surgir os primeiros grupos de agricultores na nossa comunidade. Em Ornatowice foi fundado em novembro de 1980.

**O que fazia a vossa delegação?**

À noite, depois do trabalho, reuníamos-nos todos no quartel dos bombeiros para falar sobre a situação política e económica no nosso país. Também andávamos pelas aldeias vizinhas para convencer os camponeses a estabelecerem delegações novas nas suas zonas. Em dezembro já havia 18 na nossa comunidade. A 12 de maio de 1981 foi criado sindicato legal que defendia e apoiava os agricultores.

**As autoridades não se opunham a essas reuniões?**

Enviavam os agentes para as nossas reuniões com o objetivo de recolher provas que podiam prejudicar-nos, mas não conseguimos porque na presença deles falávamos de sistemas de cultivo e fertilizantes. Além disso participei na greve em Zamość na rua Bazyliańska. Todos os dias estavam lá os representantes de plantão. A greve durou até ao anúncio da lei marcial na noite de 12 para 13 de dezembro.

**Onde estavas quando foi anunciada a lei marcial?**

Estava em casa, tinha terminado plantão dois dias antes. A polícia cercou a rua Bazyliańska onde tinha lugar a greve e tinha uma lista de pessoas que prendeu imediatamente. Colocou os outros em carros e levou-os para o campo ou para a floresta e deixou-os lá. Estava um frio terrível, as pessoas não sabiam onde estavam e voltaram a pé para casa. Vagueando durante muito tempo.

**O que é que aconteceu depois com o sindicato?**

Todo o „Solidariedade” passou à clandestinidade. Foram celebradas missas não oficiais pela pátria. Cada mês numa outra igreja. Entretanto passávamos ilegalmente os jornais. Graças a isto sabíamos o que acontecia no litoral, na Silésia, em Varsóvia. O rádio e a televisão não transmitiam as informações verdadeiras. Isto durou até 1985.

**Não tinhas medo de ser apanhado com os jornais e folhetos ilegais?**

Todos tínhamos medo e por isto tínhamos que ser cuidadosos, mas infelizmente, um dia vieram a minha casa para revistá-la e encontraram tudo.

**Podes contar como aconteceu?**

Foi no dia do lançamento da primeira pedra da igreja da nossa aldeia. Veio muita gente. Tinha muitos jornais e folhetos que

tinha escondido antes na minha garagem no armário que tinha uma gaveta escondida. Os serviços de segurança fizeram buscas em toda a casa logo de manhã. A minha filha mais velha também estava envolvida na atividade política. Ela escrevia as crônicas e diários, onde anotava os factos, dados e nomes. Se isto caísse nas mãos dos serviços de segurança, um monte de pessoas poderia ser condenado. A minha filha tinha tudo isto em casa. Durante um momento de desatenção dos agentes tirou os cadernos da mochila da irmã mais nova, colocou lá os diários e jornais e mandou-a para a escola. A minha filha mais nova, Iwona, saiu de casa e com as pernas a tremer foi para a escola. Ninguém prestou a atenção à criança pequena que vai para a escola com a mochila. Ninguém encontraria nada se não fosse um agente que tinha um armário igual ao meu e por isso sabia da gaveta escondida. Levaram-me em seguida para ser interrogado em Hrubieszów. Ficaram muito felizes que tinham conseguido encontrar algumas provas na minha casa. Comigo prenderam outras pessoas da aldeia.

#### Como é que foi o interrogatório?

Eu não queria dizer nada. O primeiro dia não podia levantar-me da mesa, sentando num banquinho e tinha de responder às mesmas perguntas o tempo todo. Não tinha nada para comer ou beber. No quarto dia, eles entenderam que não vou dizer-lhes nada. Cerca de uma hora da noite ordenaram-me que escrevesse um depoimento numa folha. Escrevi e quando eles o trouxeram-no para eu ler, descobri que tinham um grafólogo que falsificou exatamente a minha escrita. Este grafólogo escreveu o que eles queriam ouvir de mim. Peguei na folha rasguei-a e gritei que isto não é verdade porque sabia que eles queriam intimidar-me e mostrar que podem fazer comigo tudo o que querem. Um dia foi-me oferecido café, mas apesar da muita sede, tinha medo de beber porque eles podiam drogar-me.

#### Recorriam à violência física?

Eles maltratavam mentalmente. Trouxeram para a prisão a minha filha mais velha, a Joanna e ameaçaram-na de que, ela não iria para a faculdade, se não me forçasse a confessar. Pensavam que a intimidavam. Usavam o caos artificial, batiam na porta e atiravam cadeiras. Ouviam-se rumores e gritos. Disseram-lhe que isto era o interrogatório do seu Tentavam falar com ela à base do bom e mau polícia, eles queriam confundi-la. A Joanna tendo o meu carácter não cedeu. Quando a trouxeram para o lugar onde eu estava, para convencer-me a confessar ela disse-me ao ouvido:

–“Olá. Resiste, levanta a cabeça, eu não disse nada, em casa tudo bem.” Depois destas palavras, eles levaram a minha filha rapidamente e com nervos. Tudo o que me disse significou muito para mim. Sabia que agora resisto até o fim.

Ainda me lembro que com a minha filha, eles levaram da aldeia a esposa e o bebé de um dos meus colegas com quem tinha sido preso. Tínhamos um aspeto horrível, muito sujos, com a barba por fazer e esfomeados. A polícia levou a mulher para o interrogatório e deixou o bebé com o pai. O filho não o reconhecia e tinha muito medo. Durante algumas horas gritou, chorou, o pai não conseguia silenciá-lo. A mãe durante o interrogatório ouviu tudo. Rapidamente disse-lhes o que queriam, porque não podia suportar o choro e não sabia o que se passava com o seu filho atrás da porta. Isto foi deliberado.

A outra jogada deliberada foi quando trouxeram um prisioneiro que disse que não vai confessar um roubo. Espancaram-no, partiram-lhe os dentes e as costelas. O rapaz imediatamente gritou que vai contar tudo. Eles disseram-me que comigo vai ser o mesmo. No entanto, não o fizeram. Não espancavam os presos

políticos.

#### Quanto tempo duraram os interrogatórios e com que resultado acabaram?

Os interrogatórios duraram duas semanas. Passei esse tempo numa cela pequena e fria, dormindo no chão. Não me barbeava, comia uma fatia de pão com banha e cebola por dia. Quando viram que eu não vou dizer nada, o homem que me interrogou deu-me um maço de cigarros e mandou-me lavar e barbear. Depois levaram-me para a cadeia.

#### Quanto tempo passaste na cadeia?

Eu estive lá dois meses, até 11 de novembro. Fui amnistiado no dia 11 de novembro, um dia de liberdade, que era muito significativo para mim. Depois de deixar a prisão usei bigode durante algum tempo em solidariedade com Walesa.

#### O que aconteceu depois? Eras um homem livre?

No dia 29 de novembro aconteceu o processo, onde fui livremente. Na sala de tribunal estavam apenas o juiz e os advogados que não estavam autorizados a falar. Um dos meus colegas, que tudo confessou foi absolvido. Eu não confessei e por isso condenaram-me a dois anos de pena suspensa. Naquele tempo a Rádio Europa Livre falava de nós. Em 1990 a sentença foi anulada.

#### Entre todos estes terríveis acontecimentos, tiveste momentos divertidos?

Lembro-me que na loja da aldeia os agricultores escreveram em letras grandes „ Os bandidos vermelhos vão para as eleições”. Quando veio a polícia para pintar a parede entrou com o vendedor para a loja, mas deixou de fora a chave na porta. Os camponeses imediatamente fecharam a porta com a polícia dentro. Ao lado da loja reuniu-se metade da aldeia e fartámo-nos de rir. Saíram da loja pelo postigo e foram embora rapidamente e muitos irritados.

#### O que é hoje pensas desses acontecimentos?

Naquela altura eu era muito mais jovem e forte, mas agora apesar da minha idade, faria o mesmo, ainda mais. Não me arrependo de nada. Embora não seja esta a Polónia que queríamos...

Muito obrigada por partilhar as suas memórias e pela lição de história.



**Aleksandra Deska** (2º ano de Filologia Ibérica): Vivo em Puławy. Tenho 22 anos. Gosto muito de passar tempo com os meus amigos planeando viagens pelo mundo. No meu tempo livre gosto de ir ao cinema e aprender idiomas.

**Magdalena Ilczuk** (2º ano de Filologia Ibérica): Sou de Zamość. Gosto de passar o meu tempo livre com a família e com os amigos descansando fora da cidade.

# Sem papas na língua

## PRZYKAZANIA MŁODYCH LUDZI XXI WIEKU

Wstań, weź prysznic, wypij kawę, biegnij do pracy, wyczerp wszystkie siły, wróć do domu, zjedz coś, połóż się, zaśnij, powtórz... Obecnie tak właśnie wygląda dzień większości ludzi na świecie. Och, przepraszamy... zapomnieliśmy o tym, że w dzisiejszych czasach jest jeszcze więcej rzeczy do zrobienia. Poniżej podajemy Wam listę tych najważniejszych, których dzisiejszy świat od nas wymaga.

### Bądź kimś!

Już od podstawówki nauczyciele wpajają dzieciom do głowy, że „musicie skończyć porządne studia na uniwersytecie, żebyście potem mogli znaleźć dobrą pracę”. Rodzice także chcieliby zobaczyć swoje pociechy z dyplomem w ręku. A kampanie reklamowe głoszą, że „przyszłość jest w rękach wykształconych ludzi”. Osoby ze słabymi ocenami w szkole są zazwyczaj niedoceniane, bo „nie odniosą w życiu sukcesu”. Takie jest właśnie życie młodych ludzi. Ale czy naprawdę to wszystko jest takie ważne? Zgadza się w stu procentach, że WSZYSCY, bez wyjątku, powinniśmy posiadać ogólną wiedzę (jeżeli jej nie posiadasz, to cóż, jesteś ignorantem), ale nie uważamy, że każda osoba musi skończyć studia. Świat oszalał na punkcie wyniosłych tytułów i my same również chciałbyśmy osiągnąć sporo w jednej z dziedzin nauki, ale tak samo potrafimy docenić osoby bez wyższego wykształcenia. Istnieje mnóstwo specjalistów (elektryków, hydraulików, mechaników...), którzy znają się perfekcyjnie na swoim fachu, a nawet nie widzieli uniwersytetu na oczy. I nie tylko my tak uważamy. Dawniej w Polsce zamykano szkoły techniczne czy zawodowe (lub tzw. technika), jednak obecnie pojawiła się odmienna tendencja: nauczyciele chcą zmusić rząd do ponownego otwierania tego typu szkół i do inwestowania w nie. Tak więc, wniosek jest prosty: jeżeli lubisz się uczyć, idź na studia, ale jeśli wolisz robić coś innego - nie trać czasu i wykorzystaj go na rozwijanie swoich umiejętności. Dla tych, którzy chcą pracować, praca znajdzie się zawsze!

### Pracuj!

Wcześniej czy później, wszyscy będziemy musieli znaleźć jakąś pracę. Im wcześniej, tym lepiej. Praca uczy nas bycia odpowiedzialnym, punktualnym, a także jak współpracować w grupie i wiele więcej. No, ale gdzie tu znaleźć czas na życie? Uczyć się, pracować, wyjść gdzieś ze znajomymi... a doba ma tylko 24 godziny... No dobra, łatwo powiedzieć „stary, nie musisz pracować, musisz odpoczywać”, ale jeżeli ktoś jest zmuszony do pracowania, bo potrzebuje pieniędzy? W takich sytuacjach - tak, jest to usprawiedliwienie. Niestety, w dzisiejszych czasach ludzie czują się zmuszeni do pracowania nie dlatego, że nie mają pieniędzy, ale dlatego, że myślą, że w taki sposób zdobędą doświadczenie. A skąd wzięta się taka „moda”? Winna jest sytuacja na rynku pracy. Przedsiębiorcy nie chcą zatrudniać osób bez wcześniejszego doświadczenia. I to ma niby być sprawiedliwość? Czasami wystarczyłoby po prostu dać komuś szansę... Tyle, że nikt nie chce jej dać. Tak więc, jak i skąd zdobyć to słynne doświadczenie? I tutaj właśnie zamyka się błędne koło...

### Spotykaj się ze znajomymi!

Spędzasz za dużo czasu sam w domu? Nie przepadasz za wyjściami do barów albo do klubów? A może po prostu jesteś introvertykiem i masz niewielu znajomych? Ale przypa! Nikt tak przecież nie robi... Ludzie XXI wieku zawsze mają czas żeby się bawić, nie przynudzać! Ile razy usłyszałeś podobne zdanie? My już

straciłyśmy rachubę... Bo dla niektórych osób żyć znaczy świętować. Ale nie każdy lubi zostawiać połowę wypłaty na ladzie pierwszego lepszego baru. I nie oznacza to, że taka osoba zachowuje się, jakby była emerytem. Jeżeli wolisz obejrzeć sobie film w telewizji zamiast pójść do kina, nie ma problemu, wybór należy do Ciebie i nie pozwól żeby ktoś inny wmawiał Ci, że nie umiesz spędzać dobrze TWOJEGO czasu wolnego. Masz już dosyć słuchania innych ludzi? To też od razu nie oznacza, że jesteś socjopatą... Zrób sobie parodniowy „odwyk” i skup się bardziej na sobie i na twoich własnych sprawach.

### Bądź fit!

Ostatnie przykazanie, ale myślimy, że jednak najważniejsze. Nie znamy żadnej osoby, która byłaby obojętna wobec tego słowa. „Fit”: wysportowany, zdrowy, fajny. Teraz WSZYSTKO jest fit: jedzenie, znajomi, formy spędzania czasu, a nawet nasze psy. Zamysł jest idealny: zmień swój styl życia i bądź szczęśliwszy w twoim zdrowszym ciele. Jednak, tak jak zresztą wszystko, to też ma swoje wady. Po pierwsze, osoby które wcześniej były zadowolone ze swojego wyglądu, teraz mają wyrzuty, dlatego, że „nie żyją w fit stylu” i tym sposobem, zaczynają np. przesadzać z ćwiczeniami, lub z dietą. Ach, przepraszamy, zapomnieliśmy nam się, co jest najważniejsze na świecie? Oczywiście, że pieniądze! I ile zysków generuje ta „fit moda” dla przemysłu? Odpowiedz sobie sam. Fit produkty w sklepach, płyty z treningami naszych perfekcyjnych trenerów, ubrania (oczywiście!) markowe, suplementy diety... Nie pozwólmy zrobić z siebie wariatów! Ćwiczmy regularnie, ale nie torturujmy się na siłowni i jedzmy zdrowo, ale nie rzeczy, których nie tknąłby nawet królik.

### Końcowe rady

Chociaż mogą przypominać slogany reklamowe, te zdania są prawdziwe i są bardzo ważne w naszym życiu. Tak więc, po pierwsze, doceniaj sam siebie. Jeżeli Ty tego nie zrobisz, to nie łudź się, nikt inny nie odnajdzie w Tobie tej iskielki. Nie śpiesz się i unikaj stresu - ciesz się życiem i rób to co kochasz. I pamiętaj, stres to Twój największy wróg. Dbaj o siebie, bo Twoje życie nie jest ważne tylko dla Ciebie! I, najważniejsze, nie pozwól, by ktoś inny sterował Twoim życiem. Tak, jak już było powiedziane, ŻYCIE NALEŻY DO CIEBIE i Ty sam masz decydować jak je przeżyć!

**Anna Drabik i Małgorzata Tracz** (I rok, II stopnia, Romanistyką): Cześć, nazywamy się Ana i Małgorzata. Nasza przyjaźń zaczęła się na studiach, ale czujemy się jak gdybyśmy znały się od zawsze! Bardzo lubimy podróżować razem i eksperymentować w kuchni. Ana uwielbia wszystkie koty a Małgorzata robić zdjęcia. Mimo, iż Ana jest bardziej realistką, a Gosia optymistką i nie zawsze się we wszystkim zgadzamy oraz potrafimy się poróżnić, to jednak nie wyobrażamy sobie życia jedna bez drugiej.



## OS MANDAMENTOS PARA OS JOVENS DO SÉCULO XXI

Levanta-te, toma banho, bebe um café, corre para o trabalho, esgota a tua força, volta para casa, come alguma coisa, deita-te, dorme, repete... atualmente assim é o dia da maioria das pessoas do mundo. Desculpe... esquecemos que hoje em dia temos ainda mais tarefas para fazer. Abaixo damos uma lista das coisas mais importantes que o mundo de hoje exige de nós.

### Sê alguém!

Já na escola primária os professores incutem nos miúdos que: «têm de terminar uns bons estudos na universidade para depois poderem encontrar um bom trabalho». Os pais, também, queriam ver os seus filhotes com o diploma na mão. As campanhas publicitárias aclamam que «o futuro está nas mãos de pessoas formadas». As pessoas com as notas más nas escolas, normalmente são depreciadas, porque «não vão ter sucesso na vida». Assim é a vida de todos os jovens. Mas será que realmente tudo isto é tão importante? Concordamos em cem por cem que TODOS, sem exceção, necessitamos ter um conhecimento geral (se não o tens, és um ignorante), mas não achamos que cada pessoa deva ter um diploma. O mundo está maluco pelos títulos grandiosos e, nós mesmas aspiramos a lograr muito dentro de uma das áreas científicas. Mas apreciamos também as pessoas sem estudos, pois há muitos especialistas (eletricistas, canalizadores, mecânicos...), que conhecem perfeitamente a sua profissão, sem saberem onde fica nenhuma universidade. E não só nós achamos assim. Antigamente, na Polónia fechavam-se as escolas de formação profissional, mas ultimamente tem aparecido outra tendência: os professores querem obrigar o governo a investir o dinheiro e reabrir este tipo de escolas. Portanto, a conclusão é simples: se tu gostas de estudar, inscreve-te na universidade, mas se preferes fazer outra coisa: não percas tempo e aproveita-o para desenvolver as tuas capacidades. Para estes que são dedicados haverá sempre trabalho!

### Trabalha!

Mais cedo ou mais tarde todos nós teremos de encontrar um trabalho. Quanto mais cedo, melhor. O trabalho ensina-nos a sermos responsáveis, pontuais, também como trabalhar em equipa e muito mais. Mas, onde se pode encontrar algum tempo para viver? Estudar, trabalhar, sair com os amigos...o dia só tem 24 horas... Pronto, é fácil dizer «não tens de trabalhar amigo, tens de descansar», mas se alguém é obrigado a fazê-lo, porque precisa de dinheiro? Nessas situações, sim- isto é uma desculpa. Infelizmente, hoje em dia, as pessoas sentem-se obrigadas a trabalhar não porque não têm dinheiro, mas sim porque acham que desta forma vão ganhar experiência. E, donde veio essa «moda»? Pois, a culpa é da situação no mercado laboral. Os empresários não querem contratar as pessoas sem experiência prévia. E isto é justo? Às vezes, basta só dar uma oportunidade... Mas ninguém quer fazê-lo. Então, como e onde ganhar essa famosa experiência? E aqui fecha-se o círculo vicioso...

### Sai com os amigos!

Passas demasiado tempo sozinho em casa? Não gostas de ir a bares ou discotecas? Ou simplesmente és introvertido e tens poucos amigos? Que chatice! Ninguém faz isto: a gente do século XXI tem sempre algum tempo para se divertir, não sejas chato! Já perdemos a conta quantas vezes ouvimos as frases parecidas. Porque, para muitas pessoas, viver significa festejar. Mas nem to-

dos gostam de deixar metade do seu salário no balcão de um bar qualquer. Isto não significa que a pessoa se comporte como se fosse um idoso. Se preferes ver um filme na televisão em vez de ir ao cinema, pronto, a escolha é tua e, não permitas que alguém te diga que não sabes como passar bem O TEU tempo livre. Estás farto de escutar outras pessoas? Tampouco isto significa que és um sociopata... Faz uma «desintoxicação» por vários dias e foca-te mais em ti e nos teus assuntos próprios.

### Sê fit!

O último mandamento, mas achamos que é o mais importante. Não conhecemos nem uma pessoa que esteja indiferente a esta palavra. Fit: atlético, saudável, giro. Agora TUDO é fit: a comida, os nossos amigos, os passatempos, até os nossos cães. O conceito é perfeito: muda o teu estilo de vida e sê mais feliz no teu corpo saudável. Mas, como tudo, isto também tem as suas desvantagens. Primeiro, as pessoas que antes estavam satisfeitas com o seu aspeto, agora têm remorsos por «não viverem de maneira fit e assim, às vezes começam a exagerar com os exercícios ou com a dieta. Ah, desculpem, esquecemo-nos: o que é mais importante no nosso mundo? Claro, o dinheiro. E quanto lucra a indústria com esta moda fit? Responde tu mesmo. Os produtos fit nas lojas, os DVD com os exercícios dos nossos treinadores preferidos, a roupa (com certeza!) de marca, os suplementos alimentares... Não deixemos que nos tornem malucos! Façamos o exercício diário, mas não nos torturemos no ginásio e, comamos de forma saudável, mas não as coisas que nem sequer um coelho comeria.

### Conselhos finais

Embora pareçam slogans, estas frases são verdadeiras e têm muita importância na nossa vida. Então, aprecia-te a ti mesmo. Se tu não o fizeres, não te iludas, ninguém vai encontrar esta chispa especial em ti. Não te apresses e evita o stress: desfruta da vida e faz o que amas. E lembra-te: o stress é o teu maior inimigo. Cuida-te bem, a tua vida não é importante só para ti! E, finalmente, não deixes que alguém controle a tua vida. Como já foi dito, A VIDA É TUA e, tu mesmo tens de decidir como vivê-la!



**Anna Drabik e Małgorzata Tracz** (1º ano de mestrado em Espanhol): Olá, chamamo-nos Ana e Małgorzata. A nossa amizade começou na universidade, mas sentimo-nos como se nos conhecêssemos desde sempre! Gostamos muito de viajar juntas e experimentar na cozinha. A Ana adora todos os gatos e a Małgorzata, tirar fotografias. Embora a Ana seja mais realista e a Gosia mais otimista, e não sempre concordemos em tudo e discutamos, já não imaginamos a vida uma sem a outra.

## Sem papas na língua TO NIE TAK JAK MYŚLISZ, KOCHANIE

Wymówki, takie jak: „za dużo wypłem”, „to ona mnie uwiodła, ja nie chciałem” już nie działają? Dzięki temu podręcznikowi niewierności słynne stwierdzenie, „to nie tak jak myślisz, kochanie”, już nie będzie Ci potrzebne. Oczywiście tekst ten nie ma na celu popierania praktyki zdradzania. Jest to jedynie rodzaj humorystycznej refleksji nad osobami, które nie rozumieją, że każda akcja, jak dobrze by nie była zaplanowana, musi być wykonana z precyzją, aby nie ujrzała światła dziennego.

Aby być niewiernym, potrzeba jedynie mieć do tego dobry powód, taki jak, na przykład: upodobanie do tego co zabronione, monotonia w aktualnym związku, kilka tyków za dużo albo może adrenalina związana z koniecznością ukrywania relacji. Posiadanie odpowiedniego powodu, ułatwia uniknięcie późniejszych wyrzutów sumienia.

Pokusa obecna jest na każdym kroku: w pracy, na uczelni, na wystawie fotograficznej, w barze, w kawiarni itd. Możesz wybrać kogoś, kogo darzysz zaufaniem, na przykład: sąsiada, kolegę z pracy lub trenera z siłowni. Należy mieć się na baczności ponieważ im bliższa ta osoba jest twojemu otoczeniu, możliwość tego, że ktoś na Ciebie doniesie, jest większa. Najlepiej będzie wykluczyć przyjaciół twojego partnera, ponieważ w razie gdy was nakryją, nie będzie dobrego wytłumaczenia.

Większość niewiernych wybiera miejsca inne niż własny dom aby spotykać się ze swoimi kochankami. Im dalej od miejsc, które często odwiedzasz ze swoim oficjalnym partnerem, tym lepiej. Nie byłoby też dobrze, abyście byli sąsiadami lub gdy jego mieszkanie widać z twojego okna. Kiedy twój partner wychyli się, aby podlać kwiaty, przytąpie was na gorącym uczynku.

O jakie momenty dokładnie chodzi? W czasie pracy, podczas „wizyty” u lekarza lub dentystry. Formuły, których najczęściej używają osoby zdradzające, to wymyślanie wizyty u mamy lub zakupy z przyjaciółmi. Jeśli wrócisz późno do domu, zawsze możesz użyć wymówki, że miałeś zebranie w pracy, jednak nie używaj jej wtedy gdy nie pracujesz.

Posiadanie alibi jest nieodzowne. Najważniejsze aby nie ujawnić sekretu. W razie wzbudzenia jakichkolwiek podejrzeń, najlepiej jest udawać obrażonego. Jednak dobrze jest też pomyśleć dwa razy i nie być niewiernym. Tym samym zaoszczędzisz sobie wymówek i zmartwień.

Aby nie zostawiać żadnych podejrzeń, powinieneś od razu zmienić ubranie, oblać się litrami perfum, wziąć kąpiel po powrocie do domu lub wyjechać w delegację. Dobrze jest też nie zmieniać w ogóle swojego zachowania, aby nie wzbudzać podejrzeń.

Chociaż może się to wydawać kłamstwem, kobiety są bardziej skłonne do zdrady, ponieważ zawsze szukają kogoś, kto je wysłucha i okaże zainteresowanie. Jakkolwiek kobiety mają ku temu wymówkę, mężczyźni są niewierni z natury. Nawet gdy w domu mają zapewnione wszystko, kobietę która ich kocha, szanuje i w całości poświęca się związkowi, mężczyźni podąża za pierwotnymi instynktami.

Po przejrzeniu tego podręcznika, naszą radą jest: definitywnie nie bądź niewierny. Nie warto. Jeśli poszukujesz czegoś poza związkiem, w którym aktualnie jesteś, oznacza to, że coś jest w nim nie tak. Dlatego, zanim popełnisz błąd, porozmawiaj ze swoim partnerem, dajcie sobie czas lub zakończcie związek.

Przypomnij sobie co powiedział Konfucjusz: „Nie rób drugiemu, co tobie nie miłe”. Jeśli jednak zdecydujesz się zaryzykować, oto kilka wymówek, których możesz użyć:

Idę wyprowadzić psa na spacer (nie zostawiaj psa w domu!),  
Idę kupić gazetę (i jeśli wrócisz po trzech godzinach: „Kochanie szukałem takiej z dodatkiem”),  
Idę wyrzucić śmieci (nie wychodź z pustymi rękami!),  
Przyłączyłem się do chóru kościelnego (jeżeli chociaż umiesz śpiewać).

A przytąpany na zdradzie:

Myślałem, że to byłaś ty.  
To był zakład, przysięgam.  
To był tylko seks, tak naprawdę moje serce należy do ciebie.  
Obiecuję, że to się więcej nie powtórzy.  
Zrobiłem to bezmyślnie.  
Chodzi o to, że ja nie potrafię odmówić.  
To ona mnie uwiodła, ja nie chciałem.

**Aleksandra Moroziewicz** (I rok, II stopnia, Romanistyka): Jestem nauczycielką hiszpańskiego, z wykształcenia i z zamiłowania. Lubię dobre kino i dobrą książkę, zwłaszcza kryminały. Moim wielkim marzeniem jest posiadanie prywatnej wyspy z własną szkołą języków iberyjskich.

**Emilia Wróbel** (I rok, II stopnia, Romanistyka): Studiuję iberystykę, gdyż lubię uczyć się języków obcych, podróżować i poznawać nowe kultury. Lubię również gotować i odkrywać nowe smaki. Interesuję się makijażem, a w wolnym czasie lubię haftować dla relaksu, jak również słuchać muzykę portugalską. Moje motto? „Nigdy nie mów nigdy”.

## QUERIDO, ISTO NÃO É O QUE PARECE!

As desculpas como: “bebi demasiado” ou “seduziu-me, eu não queria” já não funcionam? Já não precisarás do famoso „querido, isto não é o que parece” com este pequeno manual das infidelidades. Evidentemente com este texto não queremos apoiar a prática da infidelidade. É somente uma reflexão humorística sobre as pessoas que não percebem que por muito planeada que esteja uma ação, deve estar bem feita para não ser descoberta.

Para ser infiel precisa-se normalmente de uma boa razão, como, por exemplo: o gosto pelo proibido, monotonia da tua relação atual, uns copos a mais ou talvez a adrenalina de manter uma relação oculta. Possuir uma razão adequada facilita não ter remorsos posteriormente.

A tentação está em todos os lugares: no trabalho, na universidade, numa exposição de fotografia, num bar, numa cafetaria, etc. Podes optar por alguém de confiança como, por exemplo: um vizinho, um colega do escritório ou o monitor do teu ginásio. Há que ter cuidado porque quanto mais perto estejas do teu ambiente, maior é a possibilidade de que te delatem. É melhor excluir os melhores amigos do teu namorado, no caso de vos descobrirem, não haverá desculpa que valha.

A maior parte dos infiéis não escolhem as suas próprias casas para encontrarem-se com os seus amantes. Quanto mais longe estejas dos lugares que frequentas com o teu parceiro oficial, melhor. Não é recomendável que sejam vizinhos ou quando podes ver o apartamento desde a tua janela. Se o teu namorado se assomar à janela para regar as plantas pode apanhá-los em flagrante.

Quais são os momentos exatamente? Nas horas do trabalho, durante “consultas” no médico ou no dentista. A fórmula mais frequente que as infiéis utilizam é inventar uma visita à sua mãe ou as compras com as suas amigas. Se vais chegar tarde a casa podes usar sempre a desculpa que tiveste uma reunião, mas não a uses caso não trabalhes.

Um álibi é sempre imprescindível. O mais importante é não revelar o segredo. No caso de despertar alguma suspeita, o melhor é mostrar-se ofendido. Mas o melhor dos conselhos é pensar duas vezes e optar por não ser infiel. Pouparás todas as desculpas esfarrapadas e preocupações.

Para não deixar nenhum vestígio suspeito debes trocar imediatamente de roupa, regar-te com litros de perfume, tomar um banho ao chegar a casa ou sair de repente para uma viagem de negócios. O ideal é não mudar o comportamento para não levantar suspeitas.

Ainda que possa parecer mentira, as mulheres são mais propensas à infidelidade porque procuram sempre alguém que as escute e demonstre interesse por elas. No mínimo as mulheres têm desculpa, os homens são infiéis por natureza. Mesmo que tenham tudo em casa, uma mulher que o ame e respeite e se dedique de corpo e alma à relação, o homem seguirá os seus instintos primários.

Depois de rever este pequeno manual, o nosso conselho é: definitivamente não sejas infiel. Não vale a pena. Se tens de procurar algo fora da relação, que manténs neste momento, significa que alguma coisa não está bem. Por isso, antes de cometer um erro, fala com o teu parceiro, deem um tempo ou acaba a relação. Deves lembrar-te de uma máxima de Confúcio: “Não faças

## Sem papas na língua

aos outros o que não gostarias que te fizessem a ti”. Se apesar de tudo decides arriscar, aqui tens algumas das desculpas que podes usar:

Vou passear o cão (não deixes o cão em casa!).

Vou comprar um jornal (e se voltas depois de três horas: “querido, procurava um que tivesse um suplemento”).

Vou deitar fora o lixo (não saias com as mãos vazias).

Juntei-me ao coro da igreja (pelo menos que saibas cantar).

Uma vez apanhado na infidelidade:

Achava que eras tu.

Foi uma aposta, eu juro.

Foi só sexo, na realidade o meu coração é teu.

Prometo-te que isto não voltará a acontecer.

Fi-lo sem pensar.

Eu não sei recusar.

Seduziu-me, eu não queria.

**Aleksandra Moroziewicz** (1º ano de mestrado em Espanhol): Sou professora de espanhol da profissão e de afeição. Gosto de um bom cinema e uma boa leitura, especialmente de romances policiais. O meu grande sonho é ter uma ilha privada com minha própria escola de línguas ibéricas.



**Emilia Wróbel** (1º ano de mestrado em Espanhol): Sou estudante de Filologia Ibérica porque gosto de aprender línguas estrangeiras, viajar e conhecer novas culturas. Gosto também de cozinhar e descobrir os sabores diferentes. Interesse-me por maquilhagem e no tempo livre gosto de bordar, que me relaxa, assim como ouvir música portuguesa. O meu lema? “Nunca diga nunca”.

## Sem papas na língua PORTUGALIA / POLSKA: RÓŻNICE

Chociaż zarówno Portugalia, jak i Polska są krajami europejskimi, bardzo się od siebie różnią. Kontrasty widoczne są na każdej płaszczyźnie. W tym artykule chcemy pokazać zabawne i interesujące różnice między tymi dwoma krajami oraz przedstawić ich zwyczaje. Wszystkie obserwacje oparte są na naszych doświadczeniach.

Zacniemy od sytuacji, która wydaje się Polakom bardzo dziwna i przyciąga naszą uwagę, kiedy znajdujemy się na ulicach Lizbony: kolejki do autobusów. Czasami powoduje to lekką konsternację, ponieważ nie wiemy, jak się zachować. Ci, którzy przybywają pierwsi, wchodzą do autobusu pierwsi. Nieważny jest wiek ani płeć danej osoby. Starsi nie wymagają od młodszych, żeby ustąpili im miejsca w kolejce. Polacy nie są przyzwyczajeni do takiego porządku. W Polsce wszyscy wchodzą jednocześnie, popychając jedni drugich. Osoby starsze uważają, że mają większe prawa niż inni i wręcz wymuszają, aby młodszy ustąpili im miejsca.

Kolejna różnica, którą zaobserwowaliśmy w Portugalii, to zachowanie Portugalczyków. Są bardzo pomocni, otwarci i mili. Kiedy zgubisz się w mieście, zawsze ci pomogą, np. kiedy nie możesz znaleźć ulicy, hotelu lub zabytku. Nawet jeśli nie jesteś w stanie porozumieć się z nimi w jakimkolwiek języku, oni doprowadzą cię do celu. Polacy, w przeciwieństwie do Portugalczyków, unikają kontaktu z nieznajomymi.

Trzecią obserwacją, którą opiszemy, jest ich uprzejmość. Kiedy Portugalczyk dotknie cię przez przypadek, np. w autobusie czy w tramwaju, zawsze powie przepraszam (*desculpe* lub *com licença*). Oprócz tego uśmiechnie się do ciebie przyjaźnie. W Polsce ta sytuacja wygląda inaczej. Rzadko usłyszysz słowo przepraszam. Wszyscy się śpieszą i nie zwracają uwagi na innych.

Portugalczycy w porównaniu do Polaków są bardziej wylewni. Kiedy dwie osoby spotykają się po raz pierwszy, całują się dwa razy w policzek na powitanie. Pożegnanie Portugalczyków jest znacznie dłuższe, ponieważ kilkakrotnie powtarzają słowo *beijinhos* (bejinhos). My, Polacy, nie jesteśmy aż tak wylewni – witając się, podajemy dłoń. W ten sposób tworzymy dystans między nami a nowo poznaną osobą. Jedynie dajemy jeden lub trzy „całusy” naszym przyjaciołom lub członkom rodziny. W Portugalii podaje się dłoń jedynie w sytuacjach formalnych.

Kolejną ciekawą obserwacją są pytania: Jak się masz? Wszystko ok? (*Como estás? Tudo bem?*) wielokrotnie zadawane w ciągu dnia. Większość z nich nie wymaga odpowiedzi. To po prostu zwrot grzecznościowy. Np. po godzinnej przerwie w pracy koleżdy zawsze zapytają cię: Jak się masz? (*Como estás?*) Wydaje nam się to trochę dziwne, ponieważ co mogło zmienić się w tak krótkim czasie? W Polsce, kiedy widzi się kogoś po raz drugi czy trzeci tego samego dnia, po prostu wystarczy się uśmiechnąć.

Gest trąbienia i gwizdania na kobiety jest inaczej postrzegany w tych dwóch krajach. W Portugalii jest to uważane za komplement, świadczy to o atrakcyjności i pięknie. W Polsce, jeśli mężczyzna trąbi lub gwizdże na dziewczynę, oznacza to brak wychowania, szacunku i kultury osobistej. Kobieta zawsze pomyśli: co za burak!

Odnosząc się do życia towarzyskiego Portugalczyków, widzimy dużo różnic. Umawiając się z jednym z nich powinniśmy pamiętać, że mają w zwyczaju spóźniać się na spotkania przynajmniej 15 minut. W naszym kraju to nie wypada. To znak braku szacun-

ku w stosunku do osoby, która na nas czeka. Kiedy Portugalczycy się spotykają, zazwyczaj odwiedzają wiele miejsc tej samej nocy. Pierwsze piwo piją w jednym barze, potem idą do innego lokalu zjeść kolację oraz wypić drugie piwo i następnie idą na imprezę. Zdarza się też, że zmieniają miejsce zabawy. W Polsce nie mamy w zwyczaju spożywać posiłku w restauracjach. Wolimy przygotować jedzenie wspólnie ze znajomymi, zjeść oraz wypić w domu i dopiero później iść na dyskotekę. W ten sposób możemy znacznie zaoszczędzić. Kiedy my kończymy imprezę, Portugalczycy dopiero zaczynają się dobrze bawić. Uwaga: w Portugalii możemy pić alkohol na ulicy i nikt nie wlepi nam mandatu.

Najdziwniejszą rzeczą, jaką zauważyliśmy, były przerwy podczas filmu w kinie. W środku projekcji nagle gaśnie obraz i zapalają się światła. Zastanawiamy się: Co się dzieje? Już się skończył? Jaki dziwny film, nie ma zakończenia! To była po prostu przerwa. W Polsce to jest nie do pomyślenia. Niestety nie mamy tyle cierpliwości, żeby czekać na dalszą część filmu.

Kiedy wchodzimy do mieszkania Portugalczyka, otwieramy szeroko oczy ze zdziwienia: nie ma kaloryferów?! Wiemy, że Portugalia to jeden z najcieplejszych krajów Europy, ale zimą nie jest wcale tak ciepło. A więc, jakim cudem oni mogą wytrzymać w taką pogodę bez ogrzewania? W Polsce podczas zimy jest ciepło w domu, ponieważ przekręcamy kurki kaloryferów do maksimum. Jest około 24 stopni.

To, co zwraca uwagę Polek, to wygląd zewnętrzny Portugaliek. Większość z nich nie maluje się na co dzień i pozostaje przy naturalnym kolorze włosów. Wiele Polek nawet nie jest w stanie wyjść z domu bez makijażu. Żyją w przekonaniu, że kobiety to słuchowcy, a mężczyźni to wzrokowcy, dlatego kobiety się malują, a mężczyźni kłamią.

Zauważyliśmy również liczne tatuaże na ciele Portugaliek. Co więcej, są wykonane w widocznych miejscach. Najwyraźniej jest to ich sposób wyrażania siebie. W celu wyeksponowania swoich „dzieł sztuki” nakładają ubrania, które je odkrywają.

Co jest najważniejsze dla Portugalczyka? Wypicie kawy w ogródku przy kawiarni i cieszenie się piękną pogodą. Spacerując ulicami możemy zaobserwować wiele cukierni. Nic w tym dziwnego – w końcu portugalskie ciasta są przepyszne i bardzo słodkie. Zazwyczaj wszystkie ciastka zawierają dużo cukru. Nieodłącznym towarzyszem każdej portugalskiej słodkości jest kawa. W Portugalii istnieje wiele rodzajów kaw, np. *bica\**. Ogółem są one małe, ale bardzo mocne i odgrywają ważną rolę w życiu codziennym mieszkańców tego pięknego kraju. Z kolei dwie rzeczy, których nie może zabraknąć w kuchni każdego Portugalczyka, to oliwa i sól. Przygotowując jakiegokolwiek danie, Polacy używają wielu przypraw. Mamy je do wszystkiego, np. do ryby i do mięsa wieprzowego. W Portugalii do przyrządzenia dania służą tylko sól i oliwa. Co więcej, celebrytuje się tam moment jedzenia i delektuje się posiłkiem, zaś Polacy jedzą szybko i bez czerpania żadnej przyjemności. Podsumowując, Portugalczycy żyją po to, żeby jeść, a my jemy po to, żeby żyć.

Portugalia i Polska to wspaniałe kraje, które warto odwiedzić. Każdy z nich ma swoje własne zwyczaje, które czynią je szczególnymi i oryginalnymi. Mogłybyśmy wymienić jeszcze więcej różnic, lecz zwróciliśmy uwagę na te najbardziej widoczne. Z punktu widzenia Polaka, Portugalia jest atrakcyjnym i egzotycznym państwem. Z pewnością warto spędzić kilka dni w tym miejscu i na własnej skórze doświadczyć gościnności Portugalczyków.

\* Bardzo mocna portugalska kawa, podawana w małej filiżance, bez dodatku mleka.



**Aleksandra Szczepańska** (III rok Filologia Iberijska): Mam 22 lata. Lubię podróżować, poznawać nowe kultury i języki obce. Dlatego studiuję Filologię Iberijską i byłam uczestnikiem programu wymiany studentów Erasmus w Lizbonie i bardzo mi się tam podobało.

**Karolina Wiśniewska** (III rok Filologia Iberijska): Mam 21 lat. Lubię podróżować i uczyć się języków obcych. Interesuje mnie również poznanie kultur innych krajów. Dlatego napisałam artykuł na temat zachowań i kultury Portugalczyków. Uważam, że jest to bardzo interesujący temat.

**Marta Kalbarczyk** (III rok Filologia Iberijska): Mam 22 lata. Studiuję Filologię Iberijską na UMCS w Lublinie ponieważ lubię uczyć się języków obcych i poznawać nowe kultury. Jednym z moich hobby jest podróżowanie.

Apesar de serem países europeus, Portugal e Polónia são muito diferentes. Os contrastes são visíveis em todos os níveis. Neste artigo queremos comparar as diferenças interessantes e engraçadas entre estes dois países e mostrar os costumes nas situações quotidianas. Todas as observações são baseadas nas nossas experiências pessoais.

Em primeiro lugar começamos pela situação que parece estranha para os polacos e atrai a nossa atenção quando estamos nas ruas de Lisboa: filas para entrar nos autocarros. Às vezes isto causa confusão porque não sabemos como nos comportar. Os que chegaram primeiros, entram no autocarro primeiros. Não importa quantos anos tenham ou sejam mulher ou homem. As pessoas idosas não exigem que as pessoas jovens lhes cedam o lugar na bicha. Os polacos não estão habituados a esta ordem. Na Polónia todos entram juntos empurrando-se uns aos outros. As pessoas idosas acham que têm mais direitos que os outros e forçam os jovens a cederem o lugar.

Outra diferença que observamos em Portugal é o comportamento dos portugueses. São muito prestáveis, abertos e agradáveis. Quando estás perdido na rua, eles ajudam-te sempre, por exemplo quando não podes encontrar uma rua, um hotel ou um monumento. Se não és capaz de comunicar-te com eles em nenhuma língua, eles levam-te ao teu destino. Pelo contrário, muitos polacos têm medo das pessoas desconhecidas.

A terceira observação que vamos descrever é a sua cortesia. Quando um português te toca acidentalmente, diz sempre desculpe ou com licença. Além disso, sorri agradavelmente. Na Polónia esta situação parece mais triste. Raramente ouves desculpe no autocarro ou no rua. Todos andam com pressa e não prestam atenção às outras pessoas.

Os portugueses comparando com os polacos são mais efusivos. Quando duas pessoas se veem pela primeira vez, beijam-se duas vezes como o gesto de cumprimento. Uma despedida dos portugueses dura muito tempo porque repetem muitas vezes beijinhos. Nós polacos não somos tão efusivos, cumprimentando-nos damos a mão. Desta maneira criamos uma distância com uma pessoa desconhecida. Só damos um ou três beijinhos aos nossos amigos ou familiares. Em Portugal só se dá a mão no caso das relações formais.

O assunto seguinte que vamos apresentar são as perguntas: Como está? Tudo bem? podemos ouvir muitas vezes durante o mesmo dia. A maioria delas não precisa da resposta. Simplesmente é um gesto de cortesia. Por exemplo depois da pausa que dura uma hora os colegas do trabalho perguntam-te sempre: Como está? Para nós isto parece bastante estranho porque o que pode mudar durante tão pouco tempo. Quando um polaco vê o seu colega pela segunda ou a terceira vez no mesmo dia, só sorri.

Buzinar e apitar às mulheres é considerado de maneira diferente. Em Portugal é um cumprimento por isso uma mulher que experimenta comportamentos deste tipo deve sentir-se linda e atrativa. Na Polónia quando um homem buzina ou apita a uma mulher, ela pensa: Que parvo! Para as polacas não é nenhum ato de cortesia.

Referindo-se à vida social dos portugueses, vemos muitas diferenças. Marcando um encontro com um português, devemos lembrar-nos do facto que os portugueses chegam sempre tarde

## Sem papas na língua

pelo menos 15 minutos. No nosso país, o atraso é considerado uma falta da educação e falta do respeito para a pessoa que está a esperar. Quando os portugueses se encontram, costumam visitar muitos lugares durante a mesma noite: bebem a primeira cerveja num bar, depois vão a outro lugar para jantar e beber segunda cerveja e depois vão para a farra. Acontece que mudam o lugar onde se divertem durante a noite. Pelo contrário, na Polónia não costumamos comer nos restaurantes. Preferimos cozinhar com os nossos amigos, comer e beber em casa e depois ir a uma discoteca. Isto é uma opção mais barata. Quando nós terminamos uma festa, os portugueses apenas começam a divertir-se bem. Atenção: em Portugal podemos consumir bebidas alcoólicas na rua e ninguém nos vai multar.

A coisa mais estranha que observámos eram as pausas durante a projeção do filme no cinema. No meio do filme de repente apagam a imagem e ligam as luzes. Pensamos: O que se passa? Já terminou? Que filme tão estranho, não tem final! Isto foi simplesmente uma pausa. Na Polónia isto é impensável. Não temos tanta paciência para esperar pelo fim do filme.

Quando entramos num apartamento dum português, ficamos de boca aberta: não há radiadores. Sabemos que Portugal é um dos países mais quentes da Europa, mas no inverno está bastante frio. Então como eles podem aguentar este tempo sem aquecimento? Na Polónia durante o inverno em casa está quente, os radiadores estão ligados ao máximo. Estão por volta de 24 graus.

O que chama atenção das polacas é a aparência física das mulheres portuguesas. A maioria das portuguesas não usa maquilhagem todos os dias e usa a cor natural de cabelo. Muitas polacas não são capazes de sair de casa sem maquilhar-se. Elas vivem com a ideia: as mulheres são auditivas e os homens são visuais. Por isso as mulheres se maquilham e os homens mentem.

Outra nossa observação relacionada com a aparência das portuguesas é que têm mais tatuagens que são mais visíveis do que as polacas. Aparentemente expressam-se desta maneira. Para expor estas tatuagens põem roupa que as desvela.

O que é mais importante para um português? Beber uma bica na esplanada e aproveitar o bom tempo. Passeando pelas ruas, podemos notar muitas pastelarias. Não há nada surpreendente nisso porque os bolos portugueses são divinos e muito doces. Normalmente todos os bolos contêm muito açúcar. E um acompanhamento essencial é um café. Em Portugal há muitos tipos de café por exemplo a bica. Em geral caracterizam-se por ser fortes e pequenos. Ali o café desempenha um papel muito importante. As duas coisas insubstituíveis na cozinha portuguesa são azeite e sal. Preparando um prato, os polacos usam muitos condimentos. Os portugueses só usam sal e azeite. Nós temos temperos especiais para tudo por exemplo para peixe, carne de porco. Além disso, eles celebram o momento de comer e nós comemos muito rápido e sem sentir prazer. Para concluir, os portugueses vivem para comer e os polacos comem para viver.

Portugal e Polónia são os países maravilhosos que merecem uma visita. Cada um tem os seus próprios costumes que os tornam originais e especiais. Poderíamos enumerar muitas diferenças mais, mas nos concentrámos nas mais visíveis. Desde o ponto de vista polaco Portugal é um país atrativo e exótico. Com certeza vale a pena passar alguns dias neste lugar e experimentar a hospitalidade portuguesa pelo menos uma vez na vida.

**Aleksandra Szczepańska** (3º ano de Filologia Ibérica): Tenho 22 anos. Gosto de viajar, conhecer culturas e línguas estrangeiras. Por isso estudo filologia ibérica e participei no programa Erasmus em Lisboa de que gostei muito.



**Karolina Wiśniewska** (3º ano de Filologia Ibérica): Tenho 21 anos. Gosto muito de viajar e estudar línguas estrangeiras. O que me interessa também é a cultura dos outros países. Por isso escrevi este artigo sobre os comportamentos e a cultura dos portugueses. Na minha opinião é um tema muito interessante.



**Marta Kalbarczyk** (3º ano de Filologia Ibérica): Tenho 22 anos. Estudo filologia ibérica na Universidade Maria Curie-Skłodowska de Lublin porque gosto de estudar línguas estrangeiras e conhecer culturas novas. Um dos meus passatempos é viajar.

## IMPREZY CJP/C 2015/2016

27 października 2015

*Miasto Porto* - prezentacja studentek dziennikarstwa na Wydziale Humanistycznym Uniwersytetu w Porto (Portugalia) Renaty Monteiro i Clarisse Alemão.

5-6 listopada 2015

Międzynarodowy Kongres Języka Portugalskiego w UMCS.

25 listopada 2015

Degustacja win z regionu Dão.

9 grudnia 2015

V edycja konkursu wiedzy o Portugalii i Brazylii.

10 grudnia 2015

Rozstrzygnięcie VI edycji konkursu na najciekawszą prezentację multimedialną: *Sport w Portugalii. Tylko piłka nożna?*

15 grudnia 2015

*Bóg chce, człowiek śni, dzieło się rodzi* - Lublin czyta Pessoa.

16 grudnia 2015

Spotkanie świąteczne studentów i pracowników portugalistyki UMCS.

17 grudnia 2015

IV edycja konkursu tłumaczeniowego z języka portugalskiego.

21 grudnia 2015

*Uma palavra, um conto* - II edycja konkursu literackiego z j. portugalskiego.

12-13 stycznia 2016

Cykl zajęć z językoznawstwa portugalskiego pt.: *Zgodność podmiotu z orzeczeniem w afrykańskich odmianach języka portugalskiego* - Prof. Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRP - Brazylia).

19-20 stycznia 2016

Pokaz filmów krótkometrażowych najbardziej obiecujących młodych twórców portugalskich wybranych przez "Arte Institute" w Nowym Jorku.

11 marca 2016

Oferta CJP/C w ramach Drzwi Otwartych UMCS.

4 kwietnia 2016

Dr Jorge Bastos da Silva z Uniwersytetu w Porto - wykład pt.: *Utopia: kultura portugalska między Tomaszem Morusem a królem Sebastianem*.

5 kwietnia 2016

Maria Elisabete dos Santos z Universidade de Passo Fundo w Brazylii - wykład pt.: *Poznając kulturę Brazylii*.

26-27 kwietnia 2016

Wykłady stypendystek Uniwersytetu w Ijuí (Brazylia)

1) Fernanda Koch de Freitas: *Młodzi autorzy współczesnej literatury brazylijskiej (Jovens autores na Literatura Contemporânea Brasileira)*.

2) Tássia Cigana: *Młodzi na rynku pracy i program PRONATEC (O jovem no mercado de trabalho e o programa PRONATEC)*.

30-31 maja 2016

Dr Yana Andreeva z Uniwersytetu w Sofii im. Św. Klemensa z Ochrydy, w Bułgarii - wykłady pt.: *Temat migracji we współczesnej prozie portugalskojęzycznej*.

18 czerwca 2016

Spotkanie absolwentów języka portugalskiego w Lublinie.

## ATIVIDADES DO CLP/C 2015/2016

27 de outubro de 2015

*A cidade do Porto* - apresentação de Renata Monteiro e Clarisse Alemão

Renata Monteiro e Clarisse Alemão, estudantes do curso de Ciências da Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

5 e 6 de novembro de 2015

Congresso Internacional *Língua Portuguesa: Unidade na diversidade* na UMCS

25 de novembro de 2015

Pova de vinhos da região demarcada do Dão.

9 de dezembro de 2015

5ª edição do Concurso sobre Conhecimentos de Cultura Geral: Portugal e Brasil.

10 de dezembro de 2015

4ª edição do Concurso de Apresentação Multimédia: *Desporto em Portugal? Só futebol?*

15 de dezembro de 2015

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce* - Lublin lê Pessoa.

16 de dezembro de 2015

O encontro de Natal dos estudantes e professores de Estudos Portugueses da UMCS.

17 de dezembro de 2015

4ª edição do Concurso de Tradução de Língua Portuguesa.

21 de dezembro de 2015

2º Concurso Literário *Uma palavra, um conto*.

12 e 13 de janeiro de 2016

Minicurso: *Sujeito e concordância em variedades do português* da Professora Doutora Cláudia Roberta Tavares Silva da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRP), Brasil.

19 e 20 de janeiro de 2016

Ciclo de curtas metragens, selecionadas pelo "Arte Institute" de Nova Iorque, de alguns dos mais promissores jovens realizadores portugueses.

11 de março de 2016

Dia das Portas Abertas da UMCS - oferta do CLP/C.

4 de abril de 2016

Dr. Jorge Bastos da Silva da Universidade do Porto - palestra *Utopia: A Cultura Portuguesa entre Thomas More e D. Sebastião*.

5 de abril de 2016

Profa. Maria Elisabete dos Santos da Universidade de Passo Fundo, Brasil - palestra: *Brasil: Conhecendo um pouco da sua cultura*.

26 e 27 de abril de 2016

Palestras das bolseiras da UNIJUI (Brasil)

1) Fernanda Koch de Freitas: *Jovens autores na Literatura Contemporânea Brasileira*.

2) Tássia Cigana: *O jovem no mercado de trabalho e o programa PRONATEC*.

30 e 31 de maio de 2016

Dra Yana Andreeva da Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski - palestras: *A migração em narrativas contemporâneas em língua portuguesa*.

18 de junho de 2016

Encontro de antigos alunos de Língua Portuguesa de Lublin.







## FILOLOGIA IBÉRICA 2013/2016

### FILOLOGIA IBÉRICA 2013/2016

Da esquerda para a direita:

Aneta Gmitrowicz, Aleksandra Szczepańska, Martyna Jędrzejczyk, Grzegorz Woźniak, Aleksandra Moskal, Marta Kalbarczyk, Karina Piecyk, Karolina Kozak, Ilona Żelazna, Agnieszka Szaro, Joachim Czalej, Natalia Korycka e Agnieszka Mycek. (Baldaram-se à aula neste dia: Karolina Wiśniewska e Magdalena Szczypta).



Filologia Ibérica 2013/2016

### Estudos Portugueses 2013/2016

Em cima, da esquerda para a direita:

Karolina Śliwińska, Pamela Paradowska, Gabriela Grejner e Anna Małochka. Em baixo: Lidia Siewak, Magdalena Plak, Marlena Kozikowska, Beata Zuzel, Paulina Kubik, Paulina Sztamberek e Żaneta Borowiec (ausente em Portugal: Angelika Zezula).



Estudos Portugueses 2013/2016

### Mestrado em Estudos Portugueses 2014/2016

Da esquerda para a direita:

Łukasz Gomoła, Katarzyna Martins Pinto, Anna Tylec, Ada Dąbek, Anna Krupa, Sylwia Jabłońska, Joanna Dudek, Zuzanna Michalska, Ewa Tomaszewska, Katarzyna Rejter e Olena Boczkowska (ausentes: Małgorzata Stankiewicz e Urszula Półkosznik).



Mestrado em Estudos Portugueses 2014/2016

Centrum Języka Portugalskiego/Camões zaprasza do swojej siedziby na:



Wystawy  
Promocje książek



Pokazy filmów



Zajęcia praktyczne



Wykłady na temat krajów  
portugalskojęzycznych



Koncerty

Kursy języka portugalskiego:

- Małe grupy
- Wszystkie poziomy zaawansowania

Oficjalne egzaminy z języka portugalskiego:

- Wersja europejska (CAPLE)
- Wersja brazylijska (CELPE-Bras)

**CAMÕES**  
INSTITUTO  
DA COOPERAÇÃO  
E DA LÍNGUA  
**PORTUGAL**  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS



**UMCS**  
UNIwersytet Marii Curie-Skłodowskiej  
w Lublinie



Centrum Języka Portugalskiego-Camões ul. Sowińskiego 12, 20-040 Lublin, tel. 081 537 27 20  
e-mail: [clp.lublin.polonia@gmail.com](mailto:clp.lublin.polonia@gmail.com) [www.umcs.lublin.pl/camoes](http://www.umcs.lublin.pl/camoes)  
Godziny otwarcia: poniedziałek-piątek 9.00-17.00